

**OS NEO-CARISMÁTICOS E
O MOVIMENTO DA PROSPERIDADE**

por

Rev. Roger L. Smalling, D.Min

www.smallings.com

©Miami, setembro, 2004. Todos os direitos reservados por Roger L. Smalling.

CONTEÚDO

[Capítulo 1](#): O “Deus” no espelho

[Capítulo 2](#): Fé ou ficção

[Capítulo 3](#): Soberania e sofrimento

[Capítulo 4](#): Origens do Movimento da prosperidade

[Capítulo 5](#): A confissão positiva

[Capítulo 6](#): Está tua fé ferida pelo Movimento Palavra de fé?

[Capítulo 7](#): Assim como é próspera a tua alma

[Capítulo 8](#): Prósperos como Abraão

[Capítulo 9](#): Suficiência [sim](#)

[Capítulo 10](#): A heresia de que Jesus morreu espiritualmente

[Capítulo 11](#): Jó e o Reino

[Capítulo 12](#): A psicologia do movimento

[Capítulo 13](#): A negação dos sintomas: É válida?

[Capítulo 14](#): Jesus curou a todos?

[Capítulo 15](#): Fé racional

[Apêndice A](#): Quadro comparativo. Palavra da fé vs. Bíblia.

[Apêndice B](#): Acerca da “natureza divina” em 2 Pedro 1:3-4.

[Apêndice C](#): 150 versículos que os seguidores da Palavra da fé não gostam de escutar.

[Bibliografia](#)

Sobre o Autor

Roger Smalling e sua esposa Diana são missionários para América Latina da Igreja Presbiteriana das Américas, uma linha teologicamente conservadora do movimento da Reforma Protestante do Século XVI. É diretor da "Visión R.E.A.L." (Reformación en América Latina), que se dedica a preparação de cristãos latino-americanos no campo da liderança bíblica e ortodoxia teológica.

É também autor da obra "*Sim, Jesus*", muito conhecida em espanhol sobre o tema da graça de Deus. Também é professor do Seminário Internacional de Miami, o qual comparte sua visão sobre a Reforma na América Latina.

Os esposos Smalling viajam intensamente por toda América Latina, dirigindo seminários e dando conferências em Igrejas de várias denominações.

O casal já publicou guias de estudo, artigos e cursos, os quais estão disponíveis em sua página na Internet, tanto em espanhol como em Inglês.

O endereço eletrônico é <http://www.Smallings.com>

Prefácio

Henrique saiu da escola bíblica a bordo de seu automóvel; estava desesperado. Havia investido sua vida, recursos e fé nos ensinamentos deste centro. A semana anterior havia visto morrer de disenteria, enfermidade de fácil cura, a um de seus companheiros. O desafortunado estudante, motivado pelos ensinamentos do Instituto da Palavra de Fé, não havia aceitado tratamento médico algum.

Enrique ainda cria em Deus. Simplesmente que agora já não queria orar mais a Ele. Na mente do jovem não era ele quem abandonava a Deus, senão ao contrário, Deus havia abandonado a Enrique. Sua Bíblia permanecia sem abrir em um canto do carro, no qual se dirigia à casa. Pensava ingressar à Universidade. Agora, sua decisão era seguir uma carreira que não incluísse o serviço ao evangelho.

Conheci Enrique na Universidade. Éramos colegas em um curso de psicologia. Nos fizemos amigos por nossa afeição à boa comida mexicana. Um dia, durante o almoço, perguntei a Enrique se era cristão. Respondeu-me que sim, ainda que não lera a Bíblia por três anos, não freqüentava nenhuma igreja e não tinha planos de fazê-lo. Aí foi quando me contou a história desde o começo.

Enrique não sabia que eu havia terminado meu manuscrito da presente obra. Dei-lhe uma cópia que mudou sua vida. Atualmente, Enrique é professor numa escola pública e membro duma igreja de sã doutrina. Deus não o abandonou. Ele sabe agora distinguir entre o Deus verdadeiro e o deus falso que ensinam na escola da Palavra de Fé. A última vez que o vi, disse-me algo muito engraçado e estava rindo. Eu não o via rir muito no passado.

Se você, leitor, está a procura de armas contra o movimento carismático, deixe este livro. Não é para você. O mesmo conselho vai para o que busca confirmar que os dons e milagres já não existem.

Não sou cessacionista (o que crê que os dons e milagres do Espírito cessaram depois da época apostólica). Creio que os dons espirituais no Novo Testamento existem na atualidade, ainda que não necessariamente para os mesmos fins nem na mesma forma que se ensina nos círculos carismáticos. É de vital importância esclarecer o anterior, porque uma defesa muito usada

pelos mestres da prosperidade ante seus críticos, é afirmar que eles estão “contra o Espírito Santo” ou “contra os dons espirituais.”

Não me oponho a nenhuma dessas coisas. Ao que sim me oponho é aos deuses falsos, cristos falsos e falsos profetas.

O movimento carismático teve, em seus inícios, aspectos louváveis. Por exemplo, a petição a Deus de um renovado poder do Espírito Santo e a busca anelante dos dons espirituais para edificação da igreja; esses são aspectos dignos de louvor. A Bíblia nos manda fazer tudo isso.

O movimento era uma bem merecida censura às denominações antigas e frias. Era uma fresca recordação de minha responsabilidade como pastor, de orar pelos enfermos... às vezes com resultados dramáticos.

Também caracterizava a este movimento uma grande reverência à Palavra de Deus. Ainda que alguns carismáticos erravam ao pensar que a Bíblia era como uma varinha mágica para obter o que quisessem, outras denominações tradicionais, não prestavam nenhuma atenção à Bíblia.

Outro produto louvável do movimento carismático é seu entusiasmo nos cânticos. Pessoalmente, já estava cansado dos mesmos hinos e cânticos. Muitos e bonitos cânticos de louvor que hoje se cantam em nossas igrejas tradicionais nasceram deste movimento.

O que NÃO aprecio é a forma na qual grandes setores do movimento carismático têm sido seqüestrados por uma seita estranha de tipo gnóstico, conhecida como o Movimento da prosperidade, Palavra de fé ou Movimento da fé.

Muito menos poderia apreciar o dano espiritual e psicológico infringido a muitos ex-aderentes do movimento, que já se depararam com a dura realidade. Talvez eles sejam os mais afortunados. Enquanto outros milhares ignoram que possam estar dando culto a um deus falso e a um falso cristo, por meio de revelações de falsos profetas.

Este livro não oferece armas. O que oferece é uma ferramenta misericordiosa. Desejo ajudar àquele cuja fé tem sido ferida pelo Movimento da fé e oferecer uma saída àqueles que ainda permanecem ali, antes de que se deparem com a dura realidade.

CAPÍTULO 1: O “Deus” no espelho

As religiões pagãs têm uma forma típica de aproximar o homem a Deus. O fazem reduzindo Deus a um nível quase humano e, por outro lado, exaltam ao homem a uma condição divina. A mitologia, antiga ou moderna, invariavelmente rebaixa a Deus a menos do que é e eleva o homem a mais do que é.

Para gregos e romanos, Zeus era o rei dos deuses. Era similar a um homem grande e poderoso. Sem ser infinito e onisciente Zeus poderia ser enganado. Estes deuses tiraram todas as suas fraquezas da natureza humana: ciúmes, cobiça e intriga entre eles.

Na típica mitologia pagã, alguns deuses previamente foram humanos que conseguiram sua deificação graças ao favor de um deus ou logo de haver bebido a Ambrósia, a bebida divina. Alguns humanos foram imortalizados ao ser transformados em constelações estelares, logo após a sua morte.

O apóstolo Paulo se referia a este processo de redução-exaltação em Romanos 1. 22-23:

Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.

Na revelação cristã, ao contrário da pagã, Deus e o homem se aproximam em uma relação que os deixa intactos a ambos. Na doutrina cristã, o ponto de encontro entre Deus e o homem é uma justiça mútua, a de Cristo, acreditada ao crente por meio da fé em Jesus (Romanos 3 e 4). Não se dá nenhuma mudança na qualidade existencial nem na essência do homem.

No evangelho, Deus é sempre o ser soberano, infinito e todopoderoso, como o descrevem as Escrituras. E o homem permanece como ser criado e dependente. No capítulo anterior, vimos como os mestres da Palavra de fé carecem de um conceito claro sobre a soberania de Deus. Isto por si só não é letal. Depois de tudo, a soberania de Deus e a vontade do homem são temas que intrigaram a teólogos através dos séculos. No entanto, o erro vai muito mais além, como se revela no que se segue.

Kenneth Copeland descreve a Deus como:

Um ser que mede cerca de um metro e noventa ou noventa e cinco, e pesa uns cem quilogramas ou algo mais, com um palmo de uns vinte e três centímetros.¹

Não é de se admirar que Copeland e seus seguidores tenham dificuldades com a soberania de Deus. Seu "deus" é muito pequeno para ser soberano.

Copeland supera aos antigos gregos, ao igualar o homem com Deus. Ao referir-se a criação do homem, Copeland acrescenta:

Deus e Adão eram exatamente iguais.²

Nem sequer Zeus era exatamente igual ao ser humano.

Deus tem um corpo?

Na teologia, se chama antropomorfismo a noção de que Deus possui corpo. Este vocábulo provém dos termos gregos: *anthropos* (homem) e *morphe* (forma). Existe uma ampla gama de antropomorfismos que vão desde a idéia de que Deus tem um corpo espiritual com forma humana, até a crença mórmon de um corpo material.

Todos os "mestres da fé" se prendem a algum tipo de antropomorfismos, ainda que difiram entre eles. Por exemplo, Hinn não endossa as perspectivas de Copeland, ainda que seu próprio pensamento é fortemente antropomórfico.

Sabem vocês que o Espírito Santo tem uma alma e um corpo separado do corpo de Jesus e do Pai?... que Deus Pai é uma individualidade separada do Filho e do Espírito Santo e que Deus é Trino e caminha em um corpo espiritual que tem cabelo... olhos... boca... mãos.³

Capítulo 1

1. Kenneth Copeland, *Espírito, alma e corpo*, audio # 01-0601, lado A, 1985.

2. Kenneth Copeland, *A Autoridade do Crente IV*, fita # 01-0304.

3. Orlando Christian Centre, 13 de outubro de 1990. Entrevista tirada de: http://www.cephasministry.com/word_of_faith_hinns_doctrine.html

Ainda que o conceito de Hinn sobre a trindade com corpos espirituais se distancia da doutrina bíblica, talvez esteja progredindo teologicamente a tropeções.

O perigo do antropomorfismo é quando nega os três principais atributos de Deus: Onipotente (Todo-poderoso), Onisciente (Tudo sabe), infinito e Onipresente (está presente em toda parte). Os eruditos chamam a estas qualidades de atributos incomunicáveis, porque sendo nós criaturas não as temos em comum com Deus.

Seja qual for a natureza de um corpo, física ou espiritual, este não pode possuir nenhuma dessas qualidades. O corpo, por definição, é limitado. Se Deus tem corpo no pode ser infinito. Po não ser infinito, também não é onipresente, etc.

Se Deus possui um corpo, inclusive um espiritual de grande tamanho, comparado com o infinito, seria infinitamente pequeno. Jamais conheci um antropomorfista que aceite que Deus seja infinitamente pequeno. Não se pronunciam sobre está contradição.

Pequenos deuses

Se reduzir a Deus ao tamanho de um ser humano grande é o desatre teológico, igualmente sério é magnificar ao homem ao nível de um pequeno deus.⁴

Earl Paulk une-se a Copeland e esclarece:

*Adão e Eva foram postos no mundo como uma semente da expressão de Deus. Tal como os cachorros procriam cachorrinhos e os gatos, gatinhos, assim Deus tem deusinhos e, até que compreendam que somos pequenos deuses, não poderemos manifestar o Reino de Deus.*⁵

⁴. Em teologia, chamamos esse erro *apoteose*, a elevação do homem ao status divino. Dicionário Merriam Webster.

⁵. Earl Paulk, *Satan Unmasked*, p. 97.

Isso quer dizer que na linha conceitual da Palavra de fé, o haver sido criado à imagem de Deus, implica que somos duplicações de Deus. Será que estes mestres também confundem a diferença entre seu espelho e o homem que se olha nele?

Quando me barbeio pela manhã, olho no espelho minha pele com espuma de barbear? Não realmente. O que vejo é um vidro pulido que reflete a minha imagem. O espelho não sangra se me cortar com o barbeador.

Esta noção de igualdade entre Deus e o homem, não se origina em Copeland ou Paulk. Seu mentor, Kenneth Hagin, já ensinava que:

*O Homem foi criado em termos de igualdade com Deus, e é capaz de colocar-se na presença de Deus sem nenhuma consciência de inferioridade. Deus nos têm feito similares a Ele como foi possível. Nos fez do mesmo tipo de ser que Ele é e o homem vivia em Seu reino. O homem vivia nos mesmo termos que Deus vive. Se chama cristão ao crente e isso é o que somos: Somos Cristo!*⁶

Aqui Hagin não se esforçar em definir Deus. É desnecessário fazer isso. Se Adão entrava na presença divina em iguais termos, sem nenhum sentimento de inferioridade, isto já revela o conceito que Hagin tem sobre a essência e ser de Deus.

A Bíblia, com certeza, não ensina nada disso. Em Gênesis vemos que Deus caminhava no jardim em comunhão com Adão. Isso é suficiente para sugerir que Adão e Deus eram iguais? Claro que não! Se Adão fosse igual, por que haveria tratado de esconder-se de Deus, logo após de haver pecado? Poderia haver criado o seu próprio universo e escapado.

De volta ao Jardim

Voltemos ao jardim do Édem e vejamos onde descansa a verdade. Gênesis nunca deifica a Adão. Como pode ser restaurado algo que nunca existiu primeiramente? Se Adão tinha algum tipo de deidade, por que Satanás se daria o trabalho de oferecer a Adão e Eva, que eles chegariam a ser como "deuses"? Eva lhe responderia: "Não, obrigado, já o somos."

⁶. Kenneth M. Hagin, *Zoe: O tipo de vida de Deus*, Kenneth Hagin Ministries, Inc., Tulsa, OK, 1989, pp. 35-36, 41.

Sim, existe uma promessa na Bíblia de que podemos chegar a “ser como deuses.” Mas, note que quem faz essa promessa: O mesmo **Satanás!** E continua oferecendo sua vã promessa hoje.

Mas o Senhor Deus diz:

... antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá (Isaias 43.10).

Eu sou o SENHOR, e não há outro; além de mim não há Deus (Isaias 45.5).

Na mitologia da Palavra de fé, Adão perdeu seus privilégios e condição de deus. O homem los recupera por meio de sua conversão a Cristo. Assim explica Benny Hinn:

Os cristãos são pequenos messias. Os cristãos são pequenos deuses.⁷

No caso de assumir que Hinn fala figuradamente, leia com cuidado as seguintes citações:

Você é filho de Deus? Então você é divino! É filho de Deus? Então você não é humano!⁸

Eu sou um pequeno messias caminhando pela terra... Você é um pequeno deus sobre a terra.⁹ Os cristãos são pequenos messias e pequenos deuses.¹⁰

Parece que estes mestres não dizem que todos os seres humanos são deuses. Somente os cristãos são deuses. Copeland:

⁷. Benny Hinn Praise-a-thon (TBN), Nossa posição em Cristo, fita A031190-1, novembro de 1990.

⁸. Benny Hinn, TBN, 1 de dezembro de 1990.

⁹. Benny Hinn, Praise-a-Thon TBN, 6 de novembro de 1990.

¹⁰. Benny Hinn, Praise-a-thon (TBN), novembro de 1990, *Nossa posição em Cristo*, fita A031190-1.

*Cada cristão é um deus. Não que você tenha a Deus dentro de si, você é um.*¹¹

Antes de Copeland, seu mentor Henneth Hagin ensinava:

*Você é encarnação de Deus tanto quanto como Jesus Cristo foi... o crente é encarnação tanto quanto o foi Jesus de Nazaré.*¹²

Copeland imita:

*Jesus não é mais o Filho Unigênito de Deus.*¹³

Copeland tira a importância ao termo "unigênito" de João 3.16. Esta palavra faz uma diferença entre a qualidade de Filho, de Jesus e a nossa como filho de Deus.

Somos filhos adotivos (Romanos 8). Jesus não foi nunca adotado, porque Ele é parte da trindade desde a eternidade. Aplicar a palavra "encarnação" a um mero ser humano, beira a blasfêmia.

Paul Crouch e Trinity Broadcasting Network

O canal TBN é a maior rede religiosa da televisão, na história. Seu fundador Paul Crouch é amigo próximo de Hagin, Copeland, Hinn e os demais mestres da Palavra de fé. Crouch diz:

*Os cristãos são pequenos deuses.*¹⁴

¹¹. Copeland, *A força do amor*, Kenneth Copeland Ministries, Fort Worth, 1987, áudio # 02-0028, lado 1.

¹². Hagin, Kenneth, *A Palavra da fé*, dezembro de 1980, pág. 14.

¹³. *Agora estamos em Cristo*, 1980, pág. 24. Entrevista tirada de Let us Reason Ministries: <http://www.letusreason.org/Wf22.htm>// Agosto 27, 2004.

¹⁴. TBN, gravado 7 de julho de 1986.

*Deus não faz distinção entre Ele e nós. Deus abre a união com a Deidade [com a trindade] e nos traz a nós.*¹⁵

Declarar que não existe distinção entre Deus e nós e sumamente radical. Se Crouch refere-se ao Deus da Bíblia, sua conclusão deveria ser que os cristãos são onipresentes, oniscientes, todo-poderosos e perfeitos. Isso, ou está se referindo a algum outro deus.

Na Bíblia, nossa união com Cristo é por meio da entrada do Espírito Santo, a habitar em nós e pela imputação da Justiça de Cristo. "União" não significa "deificação".

Poderíamos pensar que Crouch e os seus vacilariam ao fazer tais proclamações em um canal público de televisão. Deveriam saber que iriam levantar críticas. Qual foi sua reação a estas críticas?

*Sabem que outra coisa afirmamos esta noite? O clamor, protesta e controvérsia, gerada pelo diabo, tratando de trazer dissensão no corpo de Cristo, a respeito de que somos deuses. Eu sou um pequeno deus. Levo seu nome. Sou um com Ele. Estou em uma relação de pacto. Sou um pequeno deus. Fora, críticos!*¹⁶

Crouch acredita que o diabo está atrás da crítica que levantaram a ele e seus amigos ao declarar-se deuses. Os críticos devem calar. Na mente de Crouch, o que ele proclama é verdade óbvia.

Sua queixa não silenciou aos críticos. Cinco anos mais tarde. Crouch novamente os ataca:

Creio que estão condenados ao inferno e não creio que exista nenhuma redenção para eles, os caçadores de heresias, que querem encontrar alguma pequena palha de doutrina ilegal no olho de alguns cristãos e tira-la de seus olhos, quando tem todo um bosque em suas próprias vidas e em seus próprios olhos. Eu lhes digo: Ao diabo todos vocês! ... Oh, aleluya! Fora do caminho de Deus, deixem de colocar

¹⁵. TBN, gravado 7 de julho de 1986.

¹⁶. Paul Crouch, Programa de TBN, *Praise the Lord*, 7 de julho de 1986.

*obstáculos nas pontes de Deus. Ou Deus lhes destroçara a vocês, se não, o faço eu mesmo!*¹⁷

Aparentemente é uma “pequena palha” aquilo de definir ao Deus cristão. Aqueles que não concordam são amaldiçoados, sem nenhuma esperança de redenção. Merecem que Deus os aniquile.

Defendendo a seus amigos da Palavra de fé, Crouch continua:

*...se querem criticar a Ken Copeland por sua pregação da fé ou a Papai Hagin, fora da minha vida! Não quero nem sequer escutá-los ou falar-lhes! Não quero ver suas caras feias! Fora da minha vista, no nome de Jesus!*¹⁸

É compreensível que uma explosão de frustração, digamos coisas das que logo nos arrependamos. Todos ofendemos de muitas maneiras. Até a data não houve expressões de arrependimento, nem de Crouch, nem de seus amigos, nem uma mínima retratação desses ensinamentos.

No paganismo se da uma progressão. Primeiro, o humano é como deus. Segundo parcialmente deus. Terceiro, um deus. Ao final do processo pensa que é Deus mesmo.

Os mestres do Movimento da prosperidade não chegaram a esta última fase. Nenhum deles sugeriu que eles mesmos sejam Deus. Chegaram perto, mas, ao pretender uma união tão íntima com Cristo que a demarcação entre eles e Cristo se apaga.

Por união com Cristo, eles entendem como uma mistura de essências divinas, não unicamente uma relação pessoal. Benny Hinn declara:

*Quando estou em Cristo, sou um com Ele, unido a Ele; um espírito com Ele. Não sou, escutem-me bem, NÃO SOU PARTE DELE, SOU ELE! O VERBO SE FEZ CARNE EM MIM! Quando minha mão toca a alguém, é a mão de Jesus tocando a esse alguém.*¹⁹

17. Paul Crouch, Praise-a-thon, 2 de Fevereiro de 1991.

18. *Ibid.*

19. *Nossa posição em Cristo*, fita gravada # A031190-1.

*Eu [Jesus] lhes amei o suficiente para fazer-me um de vocês! E os amei o suficiente para fazer-lhes Eu mesmo!*²⁰

Desejaríamos que Hinn estivesse falando de maneira figurada, mas não é assim. Ele confunde a relação com Cristo com a uma mistura de essência divina Hinn acrescenta:

*Estão preparados para uma verdadeira revelação? Vocês são deus.*²¹

Talvez, Hinn queria dizer: “Vocês são *um* deus”, Quem dera que não estivesse estado nesse momento aproximando-se da fase final do paganismo

O que pensa Deus sobre isso?

O primeiro dos Dez Mandamentos revela o que o verdadeiro Deus pensa sobre sua humanização:

Eu sou o SENHOR, teu Deus... Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra... (Êxodo 20.1-4).

Em conjunto, estes dois mandamentos nos dizem que temos autoridade para definir a Deus em nenhum outro termo dos que claramente nos revelarão. Fazê-lo é idolatria.

Temos direito a uma própria opinião pessoa sobre o que Deus é? Não. Através da declaração *Eu sou o SENHOR, teu Deus*, o Senhor se reserva o direito de definir-se a se mesmo e, ao fazê-lo, anula as opções pessoais e definições humanas. Ele se define claramente através da criação, sua palavra e por meio de Cristo. Toda opinião que contradiga isso, constitui idolatria.

²⁰. Trinity Broadcasting Network, 1 de Dezembro de 1990.

²¹. *Nossa posição em Cristo*, fita gravada # AO31190-1.

Capítulo 2

A maneira mais fácil de inventar outro deus é com nossa imaginação. Moralmente falando, pouco importa se não fazemos um ídolo de madeira, de pedra ou dentro da mente. Quando supomos que Deus é qualquer coisa que desejamos que seja, somos idolatras.

A idolatria é algo tremendamente serio; possivelmente seja por essa razão que esses mandamentos encabeçam a lista. A pior forma de idolatria é fazermos um Deus a nossa própria imagem e logo adorá-lo. Isto é exatamente o que os mestres da fé tem feito. Estão quebrando os Dez Mandamentos.

Conclusões

Parece ser que os mestres da Palavra de fé tomaram o caminho pagão, ao se aproximar o homem a Deus. Seu *deus* não é sequer do nível de Zeus.

As vezes as crianças ou os recém convertidos tem uma idéia humanística de Deus. Podem visualizá-lo como um enorme avô celestial sentado em seu trono. Ainda que essa imaginação não seja apropriada, também não é perigosa para essas pessoas inocente e costumam desaparecer a medida que o cristão madura.

Se pensássemos que esses mestres da Palavra de fé foram meramente imaturos em sua doutrina de Deus, estaríamos menos alarmados. Mas não é o caso. Por três décadas fizeram desfilar seus ensinamentos a vista de todos.

Os eruditos em Bíblia trataram de razeoar com eles. Foi escrito e editado livros que refutam suas doutrinas pagãs. Mas eles ignoraram cada censura, recusaram toda correção, menosprezaram a sã erudição e amaldiçoaram aqueles que trataram de ajudá-los.

Há algo pior que dar culto a um deus falso? Possivelmente sim o há. Isso seria que a própria pessoa se imaginasse a ela mesma sendo um deus. Os mestres da palavra de fé fazem ambas coisas.

Assim que, cuidem-se de beber da fonte desses ensinamentos. A bebida que oferecem não é ambrósia. Não lhes transformará em Deus. Mas sim em um veneno mortal.

Neste capítulo aprendemos que...

- Os mestres do Movimento da prosperidade duplicam o pensamento pagão ao definir ao Deus cristão, rebaixando-o do que revelam as Escrituras sobre Ele e dando-lhe condição divina ao homem.
- Este movimento ensina que os cristãos são pequenos deuses, da mesma essência de Deus.
- Estes mestres confundem "à imagem de Deus" com algo que seria um duplicado de Deus.
- A Bíblia ensina que a união com Cristo é através do Espírito. A doutrina da Palavra de fé ensina que a união com Cristo é através de uma mistura da nossa suposta divindade com a Dele.
- A doutrina da Palavra de fé iguala nossa união com Cristo com uma mistura mutua divindades.
- Os mestres da Palavra de fé qualificam a seus críticos como cegos e mortos espiritualmente.

CAPÍTULO 2: Fé ou ficção

Perto da minha casa há uma academia na qual os instrutores ensinam fisiculturismo. Igual a esses instrutores, os mestres da prosperidade consideram que sua missão é ajudar os cristãos no desenvolvimento de músculos de fé fortes, para controlar a realidade.

A fé em Deus constitui o ponto central da Bíblia. Como poderia tal ênfase estar errada? “De nenhuma maneira”, pensam muitos... Assumindo que esses mestres se refiram ao mesmo que a Bíblia, com respeito às palavras “fé” e “Deus.”

Veneno em uma garrafa de leite

Encher uma garrafa de leite com veneno não é necessariamente mau. Mas sim o seria se damos essa garrafa a alguém, dizendo que contém leite.

Algo semelhante acontece na teologia, quando os mestres tomam palavras da Bíblia, as esvaziam de seu conteúdo, acrescentam seus próprios significados e as fazem passar como legítimas. Seus seguidores terminam aceitando idéias que recusariam normalmente.

Quer dizer que, ainda quando um mestre utilize palavras tais como *Deus*, *fé*, *Jesus*, isto não dá garantia que esteja ensinando a Palavra de Deus. Pode se tratar de veneno em uma garrafa de leite.

Qual fé?

Kenneth Copeland afirma: *A fé é uma força poderosa. É uma força tangível. É uma força condutora.*²²

²². *The Force of Faith (A Força da Fé)*, KCP Publications, Fort Worth, TX, 1989, pág. 10. fita retirada de <http://www.Bible-reading.com/crisis.html#4b>. Esta, por sua vez, é de *Cristianismo en crisis* (Hank Hanegraaf, Editorial Unilit).

Copeland sustenta: *A fé é uma força espiritual ... é uma substância. A fé pode afetar a substância natural.*²³

Estes mestres vêem a fé como uma força mística que manipulamos para nossa própria vantagem. Se se combina a fé com nossas próprias palavras, se convertem em uma catálise para criar nossa própria realidade.

Estes mestres não vem a fé como somente a confiança em Deus, senão com um poder místico com seu próprio direito. Para eles, é quase uma lei natural como a gravidade ou o eletromagnetismo. Ainda que não seja uma lei física, é tão poderosa como para afetar à matéria.

Não nos preocuparia isso, se pensássemos que falam em sentido figurado ou se unicamente fora um ponto de vista de Copeland, poderíamos ignorar à anomalia. No entanto, é o que tipifica ao movimento. Charles Capps Manifesta:

*A fé é a substância ou matéria prima... A fé é a substância que Deus utilizou para criar o universo e transportou essa fé através das suas palavras... A fé é uma substância das coisas, mas não é visível. A fé é uma força espiritual.*²⁴

No caso de supor que Capps fale no sentido figurado, observe o seguinte:

*Eis aqui o que Deus fez: Deus encheu suas palavras com fé. Deus usou Suas palavras para conter e transporta essa força espiritual para a escuridão. Pronunciando: Haja Luz! Essa é a maneira em que Deus transportou sua fé, gerando a criação e a transformação.*²⁵

²³. *Forces of the Recreated Human Spirit (Forças do espírito humano recriado)*, Kenneth Copeland Ministries, 1982, p. 8. (Entrevista tomada de Let Us Reason Ministries: *Copeland's Land of Biblical Revelations*. <http://www.letusreason.org/Wf22.htm>)

²⁴. Citado de <http://www.Bible-reading.com/crisis.html#4b>. Entrevista tirada de *Cristianismo en crisis* (Hank Hanegraaf, Editorial Unilit).

²⁵. *Dynamics of Faith & Confession* [Dinâmicas da fé e da confissão], Tulsa, OK, Harrison House, 1987, pp 28-29.

Copeland faz eco das palavras de Capp sobre o poder dessa força-substância no cenário da criação.

*Deus usou as palavras para criar os céus e a terra... Cada vez que Deus falava, liberava sua fé: o poder criativo que fazia cumprir sua palavra.*²⁶

Estes mestres sustentam que Deus tem fé e que depende dela para seu poder criativo. O movimento da prosperidade considera isto um fato que se auto evidencia. Ao discutir sobre o potencial da fé na vida dos cristãos, Copeland refere-se a...

*A mesma fé que Deus usou ao criar...*²⁷

Mas, quem criou esta fé-substância da que depende o poder criador de Deus? Se Deus a criou, porque teria Ele que depender dela?

E nós os humanos?

De acordo com a doutrina da prosperidade, o crente tem acesso a mesma força empregada por Deus ao criar o mundo. Como pequenos deuses, podemos nos servir a vontade dessa fé-força e criar a realidade que desejemos. Se carecemos de prosperidade material ou boa saúde, o problema está em nossa ignorância sobre como controlar a "força" da fé.

Através dos séculos, a teologia cristã tem compreendido o significado da "fé" como a confiança ou a crença em Deus. Qualquer que seja o significado que os do movimentos da prosperidade tenham dado ao final, observa-se claramente que não concordam com aquilo.

Efeito choque

Às vezes gosto de captar a atenção de meus estudantes de teologia dizendo: "a fé, em si mesma, não tem nenhum valor, poder ou mérito

²⁶. Copeland, Kenneth, *The Power of the Tongue (O poder da língua)*, KCP Publications, Fort Worth, 1980), 4. (Entrevista extraída de Let Us Reason Ministries: *Copeland's Land of Biblical Revelations*. <http://www.letusreason.org/Wf22.htm>)

²⁷. Entrevista extraída de Let Us Reason Ministries, *Copeland's Land of Biblical Revelations*. <http://www.letusreason.org/Wf22.htm>

próprio. Não é uma boa obra e não merece recompensa alguma. Em certos casos, nem sequer é uma virtude.”

O tom radical da minha observação se suaviza quando explico que a fé é como uma caixa vazia. O conteúdo é o que lhe dá o seu valor. Se Cristo é o conteúdo da caixa, seu valor é imensurável. Mas, se o conteúdo da caixa é o diabo?

A fé em si mesma é moralmente neutral. Adquire seu valor do objeto ao qual se associa. Vendo-lhe desta maneira, a fé pode nem sequer ser uma virtude, se não está dirigida a Cristo. Com efeito, pode inclusive tratar-se de um vício se está posta em um deus falso ou dirigida a nossa auto-aprovação.

A fé é o veículo no que Cristo se aproxima a nós. Quando um amigo chega em seu carro a nossa casa, pensamos no amigo, não no veículo. O que importa é a relação, mas a aproximação não houvesse sido possível sem o transporte. A isso é ao que me refiro quando digo que a fé não tem valor “em si mesma.”

Então, se a fé não tem um valor ou virtude inerente, como poderia ser uma força criadora? Cristo é o possuidor de tudo aquilo. A fé é meramente o veículo que aproxima Cristo a nós.

É a fé uma “lei”?

Copeland em seu livro, *As leis da prosperidade*, ele define a fé como uma lei indispensável. Semearmos sementes de fé como um agricultor semeia seu cultivo, esperando a colheita.

Isto é certo, sempre que o entendamos com uma metáfora sobre a confiança natural nas promessas de Deus. Se vamos mais além, considerando-a uma “lei” no sentido de uma força mística, caímos em um grave erro.

Somente em uma ocasião a Bíblia se refere a fé como uma “lei”.

Onde está, logo, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não! Mas pela lei da fé. (Romanos 3:27).

No contexto, Paulo contrasta a fé com obras como o princípio pelo qual Deus comunica seu dom da justiça. Isto não tem nada ver com nenhuma força mística. A NVI traduz o termo grego "lei" como princípio, possivelmente para evitar tal confusão. As Escrituras nunca definem a fé como uma "lei" em outro sentido que este.

Fé na fé?

O folheto de Hagin intitulado: *Tenha fé na sua fé*, foi elemento importante no desenvolvimento do Movimento Palavra de fé. Ali se cristalizou no conceito central de que a fé é uma lei manipulável.

Para Hagin, tem perfeito sentido ter fé em nossa fé. Se a fé é uma força que controlamos deveríamos obter mais fé a medida que cresce nossa capacidade de manipulá-la. Hagin via este processo como uma espiral ascendente produzia um poder cada vez maior.

Hagin estaria correto se a fé fosse uma substância mística que manipulamos. Do contrário, é auto-dependência carnal.

E onde fica a graça?

O evangelho é um movimento da "graça" não um movimento da "fé". Quando Paulo diz: *Porque pela graça sois salvos, por meio da fé...* deixou claro, de uma vez por todas, a resposta a pergunta sobre o que nos salva. A fé NÃO salva. A graça é a que salva. A fé é meramente o veículo que transporta a graça de Deus.

Graça significa favor imerecido de Deus. Se a fé fosse uma força ou substância que podemos manipular, então a salvação poderia ser uma obra que merece recompensa. Nesse caso, a fé estaria excluída, pela mesma razão que as obras são excluídas... precisamente porque mereceria uma recompensa.

O apóstolo Paulo esclarece

Ora, àquele que faz qualquer obra, não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida.(Romanos 4:4).

Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça,... (Romanos 4:16).

Por que diz *para que*? Porque ele entende que a fé não merece recompensa. Portanto é o único veículo apropriado da graça. Como poderia então ser a fé uma lei, substância ou força que nós controlamos para obter benção? Onde ficaria a graça?

Aos mestres da prosperidade escapa este paradoxo. Precisamente, devido a que a fé bíblica NÃO é uma lei, força ou substância, é o que pode ser o veículo da graça.

Onde se origina a fé?

No pensamento da Palavra de fé, esta última não é um dom de graça. A graça contradiz o conceito de uma força-substância mística manipulável à nossa vontade.

A Bíblia ensina claramente que a fé é um dom de graça. Ainda quando a graça salvadora vem através da fé, esta fé é gerada pela mesma graça. Isto não é razoamento circular, porque Deus é a origem do processo.

... [Apolos] aproveitou muito aos que pela graça criam.(Atos 18:27).

E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Jesus Cristo (1 Timoteo 1:14).

Resumindo

Freqüentemente nós cristãos dizemos que somos salvos pela fé. Acaso queremos dizer que é a fé em si mesma a que nos salva? Não. Trata-se de uma forma breve e bíblica de expressar que a fé é um instrumento vital para aproximar a Cristo, que é o que salva.

Uma boa ilustração que vem ao caso é quando Jesus diz a uma mulher arrependida: Tua fé te salvou (Lucas 7. 50). O que expressou é que a fé da mulher abriu a porta para Aquele que salva. Ele nunca implicaria que a fé da mulher por si só dava-lhe a salvação. Se fosse assim, não seria necessário que ela fosse a Jesus.

Às vezes as Escrituras associa duas coisas tão aproximadamente que uma se transforma em metáfora da outra. Exemplo: Em João 17.3 e 12.50, a obediência aos mandamentos de Deus é chamada "vida eterna". A obediência em si não é a vida eterna, mas leva a ela. Seria absurdo chamar a obediência uma substância mística que podemos manipular para gerar vida eterna.

Assim mesmo, nas Escrituras, a fé é tão vitalmente associada a obtenção de bênçãos, que poderia parecer que a fé por si mesma gera as bênçãos. É uma forma breve de demonstrar a importância da fé, não para demonstrar que a fé seja força mística que, manipulada apropriadamente, produz o que nós queiramos.

Resulta desonroso à fé bíblica este questionamento ao assim chamado Movimento da fé? Não. Nossa intenção é que a fé esteja em sua posição correta, não em uma maior nem menor à correta. Cristo, por sua vez, recebe a glória que merece.

O assim chamado Movimento da fé, leva um nome errado. Estes mestres não exercitam a fé em nenhum sentido bíblico. Trata-se de um movimento pseudo-cristão de idolatria, egocentrismo narcisista. Idolatria? Sim. Qual é o ídolo? Eles mesmos.

Neste capítulo aprendemos que...

1. No movimento da prosperidade ensinam que:
 - A fé é uma força mística e uma substância espiritual.
 - Deus mesmo dependia da fé ao criar o universo.
 - Como deuses criados, os seres humanos têm a capacidade de criar sua própria realidade, manipulando a lei da fé.
 - Devemos ter fé em nossa própria fé.

2. O movimento da prosperidade mostra a fé sem nenhuma definição bíblica.

3. A fé bíblica não é nem lei, nem força, nem substância mística.
 - A fé é uma confiança simples em Deus.

- A fé é moralmente neutra, pois seu valor depende do objeto que se lhe associe.
- O evangelho é um movimento da graça, não um movimento da fé;
- A fé é um dom da graça de Deus.

CAPÍTULO 3: Soberania e sofrimento

Olhei entre a multidão esperando de baixo de uma tenda. O povo de sempre: Uma mistura interessante de rostos latino-americanos, desde crianças até anciãos. Uns poucos adolescentes se escondiam timidamente nas sombras, temerosos de ser vistos pelos seus amigos. Muitos escutaram o comentário de que os "gringos" estavam exibindo filmes debaixo da tenda. Nessa cidade não havia nenhuma sala de cinema e poucos tinham televisores, o que fazia nossa campanha evangelística o melhor espetáculo do momento.

Esta típica multidão sul-americana tinha uma coisa em comum. Ninguém havia escutado uma exposição clara do Evangelho. O que eu pregaria nos próximos minutos tinha que ser simples e claro. Comecei dizendo: **Deus é um Deus bom!**

Quando declarei isso, percebi que aqueles que seriam salvos essa noite, enfrentariam provas nos próximos meses. Seria necessário ajudá-los a entender quem é Deus e o que significa "bom". Soube também que este processo de aprendizagem não é fácil.

Quando as pessoas começam a amadurecer em Cristo, logo se dão conta de que a definição da palavra "bom" não é tão fácil de compreender como pensava previamente. Ao fim, quando o convertido sofre uma adversidade, uma doença na família ou um problema financeiro. O cristão aprende da Bíblia que Deus é todo-poderoso. Porquê, então, Deus não resolve este problema? Seus amigos lhe dizem que o diabo foi quem causou. Significa isso que Deus não tem controle sobre o diabo?

Logo o exército local da fé informa ao convertido que o problema é devido a sua falta de fé. Dizem que é sua culpa. O novo convertido pergunta-se: Depende tudo de mim? Mas não se sente capaz de enfrentar o problema.

Resumindo, o convertido encontra-se diante do velho dilema: a soberania de Deus e o sofrimento dos justos. É possível responsabilizar a Deus ainda quando continuamos amando-o e confiando nele.

O único problema com o lema "Deus é um Deus bom", está em um possível mal entendido da palavra "bom". Às vezes pensamos que o vocabulário "bom" é equivalente a "o que nos agrada". No entanto, Deus tem

outra coisa em mente. É o que nos agrada realmente o bem maior? ou Que Deus tem em mente algo mais importante que o que nos agrada?

“Bom”... Quem o define?

Algumas pessoas supõem que a prioridade mais alta de Deus é o bem-estar do homem. Portanto, definem “bem-estar” em termos de benefício: Saúde, riqueza, paz e segurança. Não obstante estamos totalmente enganados se imaginamos que há alguma verdade nessas afirmações.

Há pelo menos duas coisas mais importantes para Deus. Vejamos uma delas em Romanos 8.28-29: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”.

Observamos nesse texto que o propósito definitivo de Deus é que sejamos conformes à imagem de Cristo. A prioridade mais alta de Deus é a santificação. Chegar a ser como Cristo é nosso bem maior, não nossa comodidade. Esta prioridade é tão alta que Deus ainda nos pode fazer temporariamente infelizes para que ao final tenhamos uma felicidade suprema.

Recentemente, li um comentário que chocou-me grandemente: “A meta final da santificação é nada”. Depois de recuperar-se do impacto, tive que aceitar esta asseveração. A santificação é a meta, e Deus nos ama muito, como renunciar a seu compromisso de santificar-nos. A santidade não tem propósito mais além de si mesma. Nossa felicidade é um resultado de nossa santificação.

Deduz-se, então, que Deus define o termo “bom” como tudo aquilo que produz santidade em nós. Todos os demais princípios das Escrituras estão subordinados a isso

Considerando isso, é menos surpreendente que os cristãos experimentam provas e sofrimentos. Duvidoso seria que os crentes não sofressem mais do que sofrem.

Outra consideração, e de maior importância, é a glória de Deus. Considere o seguinte: Deus criou o homem conhecendo perfeitamente que este cairia. Por quê?

Romanos 9.21 sugere a resposta: "Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?" A mais alta prioridade de Deus é revelar sua natureza. O bem-estar do homem é secundário. A história completa da redenção, a salvação e a condenação, é o cenário no qual Deus estende seus atributos.

C. S. Lewis trouxe à luz o extraordinário pensamento de que Shakespeare esteve errado quando disse: "O mundo é um cenário e nós somos os atores". A medida que olhamos mais de perto o cenário descobrimos que Deus é o protagonista principal e não nós. Ele é o único sobre o cenário e nos somos meramente a cortina de fundo.

A graça não poderia existir sem um pecador. Uma formosa flor não poderia crescer sem o adubo, que é elementar, mas é tão repulsivo. Mas, existe a graça para maioria? Dificilmente! Se você faz o mesmo favor a todos, então esta atitude chega a ser uma política geral em lugar de um favor. Uma vizinha, por exemplo, nos traz um pão fresco em casa, como um sinal especial de amizade. Se ela faz isso para todo mundo, já não seria um favor especial. A ira de Deus também não poderia existir sem o pecador. Para mostrar justiça tem que haver alguém a quem julgar. Para crer que Deus nos santificará conforme a seu propósito devemos reconhecer que Deus é soberano e não pode fracassar.

As opções são claras: Ele é soberano ou não é.

Houve em uma época não muito remota, na história da igreja, na qual se uma pessoa questionava a soberania de Deus era considerada herética. Ainda hoje, há pessoas que afirmam que as mãos de Deus estão atadas a menos que alguém ore. Tais declarações são blasfêmias porque a Bíblia diz:

...segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? (Daniel 4. 35, RA).

No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada. (Salmos 115.3,RA).

...o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade (Isaias 46.10, RA).

Então, depende Deus do livre arbítrio do homem? Revisemos alguns exemplos bíblicos.

Nabucodonosor

Este rei pagão da Babilônia cometeu três erros graves. Primeiro: Fez um deus de ouro (Daniel 3) Que atitude tipicamente humana! O homem quer um Deus a quem possa manipular, e viver livre de repreensões pelos seus pecados. Hoje as pessoas são mais criativas. Em lugar de usar ouro, simplesmente usa sua imaginação e inventa seus próprios deuses.

Segundo: Usou cada meio a sua disposição para conseguir que outros adorem a seu falso deus. (Que bom que Nabucodonosor não tinha rádio nem televisão. Ele poderia haver tido êxito).

Terceiro: Atribuiu às obras do Todo-poderoso a seu deus (Daniel 4.30). O Deus verdadeiro o chamou de louco.

O que fez Deus com respeito a isso. Deus tocou o interior de Nabucodonosor e lhe tirou a razão, o livre arbítrio e tudo. O deixou como uma besta por sete anos.

Precisou Deus a permissão de Nabucodonosor para fazer isso? Necessitou as orações de alguém para levar isso a cabo? Depois de sete anos, quando Deus achou por bem, devolveu a razão a Nabucodonosor.

O que aprendeu Nabucodonosor dessa experiência quando recuperou sua razão? *"... e ele faz segundo sua vontade no exercito do céu, e os habitantes da terra e não há quem detenham sua mão..."*

O anti-cristo e as dez nações

Quem controlará a mente do anti-cristo... o falso profeta, a grande besta e as dez nações durante os tempos finais? O diabo?

Porque Deus tem posto em seu coração que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.(Apocalipse 17:17).

Os inimigos de Jesus

"... disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há ... ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, ²⁸ para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram." (Atos 4. 24, 27, 28).

Controlou Deus aos Egípcios?

Eis que endurecerei o coração dos egípcios, para que vos sigam e entrem nele; serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército... (Êxodo 14.17).

Ao examinar estes exemplos bíblicos vemos que Deus pode controlar tudo, inclusive a vontade humana.

Milhares de cristãos hoje em dia, não sabem que Deus é soberano. Louvam uma paródia do Deus verdadeiro que tem as mãos atadas. Tal conceito de Deus provém da cultura moderna humanista no lugar dos conceitos bíblicos. Pode-se chamar a este " o deus falso " do cristianismo moderno.

Segundo o "Movimento da prosperidade", Deus tem as seguintes características: Suas mãos estão atadas a menos que alguém ore. Está sujeito a um conjunto de leis espirituais superiores a Ele mesmo. Depende do livre arbítrio humano para atuar. É incapaz de deter as suas rebeldes criaturas que frustram Seus planos tomando-o de surpresa. Recompensa aos homens com dinheiros, em proporção direta a fé que eles têm.

Não está realmente no controle deste mundo. Não é soberano.

Por mais que tal deus agrade a natureza humana, tem um defeito fatal: **Não existe!**

Como é o verdadeiro Deus?

O Deus da Bíblia é soberano. Controla absolutamente todas as coisas.

...segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra... (Daniel 4. 35)

Disso concluímos que Deus não está sob nenhuma obrigação de prestar atenção aos protestos de nosso "livre arbítrio" com respeito ao processo da santificação.

Agora o que sabemos sobre a doutrina da soberania de Deus. Onde nos leva isso? Estamos tratando de explicar como responder o dilema do sofrimento dos bons sem culpar a Deus. Provamos que Deus faz como lhe apraz, e nada nem ninguém o limita. Isso não piora o dilema? Parece que sim, mas ao finalizar a análise veremos que não.

Há cristãos bem intencionados que tendem a negar a soberania de Deus para resolver o dilema de um Deus bom e um mundo mal. No entanto, estes cristãos não consideram a possibilidade de que Deus não quer livrar-se do dilema. Talvez tenha um propósito com tal dilema e não quer que ninguém o tire.

Muitos cristãos consideram esta solução completamente aceitável. Sugerem que Deus nos tem delegado parte de Sua autoridade e que as respostas a todos os nossos problemas estão em nós mesmos. Suas mãos estão efetivamente atadas de certa maneira, ao menos que atuemos em seu favor. Assim parece que o dilema está resolvido e podemos abandonar a discussão e esquecermos o problema.

Mas há um elemento solto que nos obriga a revisar esta explicação. Se Deus entregou uma parte de Sua soberania ao homem, então não merece toda a glória. Devemos determinar exatamente que porcentagem de Sua glória Ele concedeu ao homem. Somente assim saberemos a que grau poderemos adorá-lo. Depois de tudo, não queremos dar-lhe toda a glória se nós temos parcialmente o controle. Isso não seria justo, não é verdade?

Se Ele deu vinte e cinco por cento de Sua soberania ao homem, então deveríamos adorar a Deus em setenta e cinco por cento e ao homem uns vinte cinco por cento. Ou podemos alterar 2 Coríntios 1.24 dizendo: "Porque pelos setenta e cinco por cento da fé em Deus estás firmes. Eis aqui os outros vinte e cinco por cento que pertence a ti".

No lugar de chamá-lo de Todo-poderoso, teríamos que chama-lo o "Quase-poderoso". Perdoem-me todo esse sarcasmo, mas é claro que negar a soberania de Deus nos conduz a um dilema pior.

O Erro básico aqui está em falhar ao distinguir a diferença entre autoridade compartilhada e abandono de autoridade. É como uma conta corrente conjunta. Se você acrescentar o nome de outra pessoa à conta, isso não lhe tira a autoridade para assinar os cheques, nem está limitado a aprovação da outra parte. Se você quiser, pode arrumar um assunto de tal forma que os outros precisem de sua aprovação, sem necessitar deles para nada. Perfeitamente legal e lógico.

Que tremendo erro imaginar que Deus renunciou a qualquer parte da Sua autoridade somente porque a comparte com algumas de Suas criaturas.

Observei a cristãos que possuem um entendimento solidamente bíblico, da soberania de Deus. Eles atravessam as provas com mais facilidade e raramente perguntam: "Por que permitistes isto?" Então, quais são as opções quando confrontamos uma prova dura? Temos três, e somente uma é a correta.

Opção 1: Acusar a Deus de injusto por meter-nos em problemas.

Todas as provas espirituais consistem em estar aparentemente abandonados por Deus. Se este sentimento estiver ausente, deixaria de ser uma prova válida.

Uma arma potente para passar com êxito através das provas, é saber que estas são inevitáveis. Não se preocupem, saber isso não é uma confissão negativa. A realidade é assim. Pedro nos advertiu: *"Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo"* (I Pedro 4. 12).

Culpar a Deus nos dá somente um sentimento de alívio temporal e superficial... Como quando estávamos tratando de extinguir um fogo jogando-lhe paus de madeira.

Opção 2: Submeter-se passivamente à aflição como a vontade de Deus, posto que Ele é soberano e poderia ter-nos prevenido dela.

Esta reação é quase tão perigosa como a anterior. Algumas religiões se aproveitam deste raciocínio para manter os oprimidos em sujeição.

Em Juízes 3.2 lemos que Deus deixou os inimigos na terra sabendo que eles atacariam a Israel. Por que fez isso? Porque queria que os israelitas aprendessem a lutar.

Suponhamos que os judeus houvessem assumido que Deus estava ensinando-os a ser humildes. Poderiam deitar-se pelas ruas ser submissos, deixando que os carros passassem sobre eles. Haveriam aprendido a humildade corretamente, mas essa não era a lição que deveria aprender. Algumas vezes Deus permite que o diabo ataque ao crente para que este aprenda a defender-se.

Lembro-me da história de um jovem estudante da Bíblia, que sofreu provas severas por várias semanas. Nada lhe saía bem. Todo mundo brigava com ele. Uma depressão constante o consumia. Uma noite, estava ele sozinho, subitamente gritou: "Satanás! no nome de Jesus, fora!" a paz o cobriu. Deu-se conta que Deus estava ensinando-lhe a arte da autodefesa espiritual.

Submeter-se passivamente a toda prova e aflição não é bíblico, e mais, é perigoso.

Opção 3: Submeter-se a Deus mas resistindo à aflição, mesmo sabendo que Deus em sua soberania a permitiu.

Desde o ponto de vista de alguns, nunca na história da humanidade existiu um espinho tão agudo como o de Paulo. Alguns dizem que era uma enfermidade. Outros dizem que não.

Ao concentrar-se nessas disputas, os cristãos perdem os pontos principais da lição. Se para Deus isso fosse muito importante, o texto mostraria claramente o que era o espinho. Observemos algumas reações de Paulo com respeito a seu espinho:

Primeiro, nunca parou de enfrentar sua aflição. Ele lutou. Tão simples como isso.

Segundo, observe a forma em que ele lutou. Foi com oração humildade e persistência. Ele pediu a Deus que lhe tirasse. Não ordenou, nem tratou de manipular a Deus. Fez algo melhor que isso: Simplesmente orou. Nunca trate de manipular a Deus. Cada vez que tento, recebo repreensões do Senhor.

Observe também que Paulo orou mais de uma vez sobre o seu problema. Alguns pensam que é falta de fé orar duas vezes pela mesma coisa. Paulo não pensava assim. Se meu carro não liga na primeira tentativa, tentaria outra vez até que funcione.

A forma como Paulo tratou este problema demonstra que o resultado final dependia da soberania do Senhor.

Sem dúvidas, se Deus houvesse dito a Paulo que a solução era colocar-se de cabeça para baixo e clamar: "Salve ao Rei", ele haveria feito, porque estava disposto a fazer o que o Senhor lhe dissera que fizesse, ainda assim isso seria não fazer nada.

Na realidade, "não fazer nada" é exatamente o que o Senhor lhe disse que fizera: "A minha graça te basta". Ainda mais, Paulo não perdeu sua santa agressividade. Aceitou essa graça e a aproveitou para glorificar a Cristo.

Alguém perguntou-me sobre a diferença entre um ataque satânico e uma prova divina. Realmente isso não importa. Visto que Deus é soberano, ambas circunstâncias são sempre o mesmo. Deus permite ao diabo atacarmos porque deseja que nós o derrotemos. Se não fosse pelo diabo, a Igreja seria preguiçosa e os cristãos aprenderiam pouco.

O livro de Jó ilustra isso com clareza: Deus afirmava a sinceridade de Jó, enquanto Satanás a negava. Isso resultou em uma prova da integridade de Jó, sendo Satanás a causa imediata e ativa, e Deus a causa final e passiva.

Vendo então que tanto Satanás como Deus usaram os mesmos eventos mas com intenções opostas. A diferença, então, entre um ataque satânico e uma prova divina, não está nos meios senão nos propósitos opostos. Satanás quer provar o pior de nós, e Deus deseja provar o melhor. Assim que é um desperdício de tempo tratar de encontrar qual é qual. Simplesmente submeta-se a Deus e apresente-se para a batalha diante da aflição.

"Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma" (Jó 1.22)

Algumas vezes a essência da prova espiritual gira arredor de uma pergunta: Qual é a essência de nosso amor? Amamos a Deus porque faz coisas boas por nós. Mas no reino de Deus este tipo de amor é inferior. Ele quer que nós o amemos pelo que Ele é e não pelo que Ele nos dá. Isto implica uma eleição mental mais que emocional. No tempo de provas é necessário fazer este tipo de eleições.

O que observamos anteriormente nos dá certas pautas para atravessar provas ordinárias, mas, sobre as verdadeiras tragédias, como a perda de um ser amado ou um acidente com conseqüências terríveis? Essas desgraças dificilmente podem ser catalogadas como "provas".

Um trágico acidente ocorreu durante nossa conferência missionária em Equador, em 1981. Um caminhão que transportava quase uma dúzia de jovens capotou devido a um erro do motorista, que era uma missionária. Foi um milagre que ninguém morresse, mas um menino de oito anos ficou deficiente da perna direita. A missionária estava confusa e sentia-se culpada. Poucos dias depois do acidente, ela me fez a inevitável pergunta: "Por que Deus permitiu?"

Eu esperava essa pergunta, por isso quis estar preparado com uma resposta. Colocando de lado a minha própria frustração, respondi com outra interrogação: "Ainda que Deus nos desse a resposta, aliviaria isso a dor da criança ou a sua? Nem sempre temos explicações às tragédias, mas temos a promessa de Romanos 8.28". Para minha grande surpresa, essa resposta deu grande alívio para a missionária.

Às vezes o único que temos é uma promessa de Deus. Mas se cremos, veremos que é suficiente para nosso consolo.

Os cristãos com um firme apego a soberania de Deus atravessam as provas e tragédias muito mais fácil que aqueles que duvidam dela. Esta verdade tem sido a fortaleza dos santos em todas as épocas e a medida que avançamos aos tempo finais, devemos nos apegar a ela tenazmente.

Não imagine que sou um sofredor perito porque proclamo essas verdades. Admiro àqueles irmãos docilmente passivos, que aceitam as dificuldades com uma paz repousada. São assim por graça ou é realmente o

resultado da pré-disposição natural do temperamento? Seria duvidoso se todos meus leitores fossem assim. Pessoalmente, prefiro as cóleras.

Para meu desgosto, descobri muito cedo que Deus permanece imóvel diante dos meus protestos. Ele continua a prova de todas as maneiras. Aparentemente, podemos acrescentar tenacidade à Sua lista de atributos. Ele parece determinado a abençoar-nos com qualidades morais que não sabíamos que eram parte do convênio quando aceitamos a Cristo.

Lamento não haver resistido as provas passadas da maneira mais vitoriosas. Espero fazê-lo melhor no futuro. Seria muito simples se somente pudéssemos achar a forma de tirar ao sofrimento esse pequeno detalhe: A dor! Fora isso, o sofrimento seria completamente tolerável.

Digo isso para esclarecer que conhecer umas poucas verdades sobre nossas provas e sua relação com nosso soberano Senhor, não aliviaria a dor, nem responderá a todas perguntas. Ainda doerá. Mas ao menos voltam-se toleráveis quando entendemos que há um significado e propósito detrás delas.

Estou dolorosamente consciente de que os pontos de vista que compartilho não conseguem explicar bem a expressão "Deus é bom". Seria um bobo se pensasse isso.

Neste capítulo aprendemos que...

- Deus é soberano sobre todas as coisas, incluindo o mal. Ainda que Deus não é causante do mal, este está sob o Seu controle.
- Devido que o valor mais apreciado por Deus é a santidade do crente, Ele permite que soframos provas para santificar-nos. Por isso, a falta de fé não é forçosamente causa de doença ou pobreza.
- Além de não ser bíblico, é algo muito cruel acusar a uma pessoa de falta de fé, se sofre pobreza ou doença.
- Apesar da tensão filosófica entre a bondade de Deus e a existência da maldade, Deus nos chama a confiar n'Ele.

CAPÍTULO 4: Origens do Movimento da Prosperidade

O movimento da prosperidade tem suas raízes em uma seita pagã, o gnosticismo, que foi rival do cristianismo durante os três primeiros séculos da era cristã.

Existiram várias seitas gnósticas. Todas sustentavam uma forma de dualismo que ensinava que o material era mau e que o espiritual era bom. No entanto, a Bíblia ensinava que Deus criou ambas dimensões e as chamou "bom".

Alguns gnósticos ensinavam que havia dois deuses; um mau que governava a dimensão material, e um bom acima do espiritual. Todos, no entanto sustentavam que entre as duas dimensões existia uma série de leis espirituais que permitiam controlar ambos reinos.

Certos grupos gnósticos, segundo eles espiritualmente superiores, acreditavam ser dotados de uma "gnosis" especial ou "conhecimento por revelação" que lhes permitia aprender manipular essas leis místicas para seu benefício... Inclusive para controlar seus próprios destinos espirituais.

Um das metas dos gnósticos era alcançar a divindade e convertesse em uma espécie de "deus" criativo. Isto devia acontecer "liberando" o espírito do reino material através do "conhecimento" especial das forças místicas que governam o universo.

Ireneu, um dos pais do terceiro século que combateu o gnosticismo, em seu livro *Contra as heresias*, faz o seguinte comentário sobre o orgulho espiritual característico dos gnósticos: "Eles se consideram a si mesmos 'maduros' que ninguém pode se comparar à grandeza de seu conhecimento, nem sequer Pedro ou Paulo nem qualquer dos outros apóstolos..." (I, XIII, 6). Ireneu acrescenta que "... *Tal pessoa se enche tanto que caminha como um pavão com um semblante depreciativo e um ar pomposo de um galo!*" (III, XV, 2).

Os paralelos entre o gnosticismo antigo e o Movimento da prosperidade são muito impactantes para serem ignorados. Mas, como se transportou o gnosticismo para o Séc. 20? Por esta informação, estamos profundamente

agradecidos e em dívida com Judit Matta, autora de *A resposta cristã às heresias carismáticas gnósticas*.²⁸

Judit é a expert mais notável nos Estados Unidos no que se refere à origem gnóstica do Movimento Palavra de fé. Ela se graduou no Seminário Teológico Talbot e foi uma estudante de primeira classe.

Judit diz que em 1875, Mary Baker Eddy publicou *Ciência e Saúde*, produzindo o lançamento da seita *Ciência Cristã*, ou *Ciência da Mente*. A primeira Igreja de *Ciência cristã* foi fundada em Boston em 1979. Eddy havia adaptado muitos dos primeiros conceitos gnósticos em seus escritos, que incluíam a negação da realidade da enfermidade e a matéria.

Um dos primeiros convertidos à *Ciência Cristã* e membro da Igreja Mãe desde 1903 até sua morte em 1908, foi o Dr. C. W. Emerson. Este fundou, no final do século, uma escola preparatória para jovens em Boston chamada *Escola Emerson de Oratória*.

Um dos primeiros estudantes da *Escola Emerson* foi um jovem chamado E. W. Kenyon, que negociou alguns dos conceitos gnósticos e mais tarde os incorporou em seus próprios escritos.

Kenyon morreu em 1948, mas a tocha gnóstica não morreu com ele, senão que foi tomada por outro jovem e entusiasta pregador, faminto do sobrenatural, chamado Kenneth Hagin... o reconhecido líder do movimento *Palavra de fé*.

Hagin louvava a Kenyon em um de seus primeiros livros: *O nome de Jesus*, declarando abertamente a fonte que lhe influencia. Posteriormente, Hagin passou estes ensinamentos a Kenneth Copeland. Através de Copeland foram a Charles Capps, Jerry Savelle e outros. Em 1972, T. L. Osborn

Capítulo 4

²⁸. Matta, Judit, *The Christian Answer to the Gnostic Charismatic Heresies* (A resposta Cristã às Heresias Carismáticas Gnósticas) Spirit of Truth Ministries, Los Osos, 1999. (O texto original foi publicado em 1984 sob o título de *El Jesús nacido de nuevo del Movimiento Palabra de fe*).

Capítulo 5

também expressou sua profunda dívida a Kenyon em uma carta à neta deste na qual o chamava de "apóstolo".

Os termos "palavras de fé" e "conhecimento por revelação" encontram sua origem nos livros de Kenyon. Muito do que ele escreveu soa edificante e exalta o poder senhorio de um Cristo. Desafortunadamente, as heresias estão misturadas com estes aspectos, devido sem nenhuma dúvida à influência de seu mentor, Mary Baker Eddy da seita Ciência Cristã.

Seu folheto, *Duas formas de conhecimento*, é especialmente perigoso por sua sutileza. Kenyon, homem de temperamento supremamente místico, cai na usual armadilha gnóstica de empregar a razão para negar a validade dela. Kenyon qualifica de "conhecimento sensorial" a informação derivada de nossos cinco sentidos e a correlação dessa informação se faz por lógica. Mas "o conhecimento por revelação" vem diretamente a nosso espírito, pulando tanto a razão como os sentidos. Kenyon acreditava que como Deus é espiritual, é impossível compreendê-lo e as verdades espirituais sem essa "revelação" especial.

Através disso, se introduz um erro perigoso e sutil. Se uma pessoa o assimila, então a Bíblia em si mesma para a ser julgada pela norma do "conhecimento por revelação" que essa pessoa experimenta em forma subjetiva. Sutil e inconscientemente, o leitor de Kenyon se converte em sua própria norma da verdade.

Kenyon esqueceu que o olho que lê a Bíblia, o ouvido que a escuta e o cérebro que a correlaciona são todos órgãos físicos. A Bíblia é um livro humano e divino. Passar por alto os sentidos e a razão inevitavelmente leva a passar por alto a Bíblia também. Os cristãos inexperientes e ansiosos de experiências sobrenaturais podem facilmente cair no misticismo de Kenyon.

Ainda que Hagin fundamenta maioritariamente seus conceitos em Kenyon, ele mesmo deu algumas "revelações" interessantes obtidas ao longo do seu próprio caminhar.

Na introdução a uma das edições anteriores de seu livro *Arte da intercessão*, Hagin descreve sua oitava "visita" de Cristo. Um ser espiritual, que se identificou como "Jesus Cristo", entrou ao dormitório de Hagin, sentou-se e falou com ele por uma hora e meia. Durante essa visita, "Jesus Cristo" lhe deu uma "revelação" arrebatadora: Todos os teólogos de antanho que ensinaram que Deus estava no controle absoluto de todas as

coisas estavam equivocados. No primeiro capítulo, Hagin Expressa a "revelação" que constitui a premissa do resto do livro: "Deus não está governando o mundo... e Deus não pode fazer nada a não ser que alguém aqui em baixo o peça".

Este "ser" aparentemente esqueceu ler sua Bíblia antes de negar categoricamente a soberania de Deus. Observe:

Tudo quanto aprovou ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos. Salmos 135. 6

... a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens ... Daniel 4. 17.

Na sétima "visita", o ser espiritual disse a Hagin que não orasse mais por suas necessidades senão que ordenara aos anjos que a satisfizessem. De novo, esse "ser" esqueceu as chaves escriturais.

Pai nosso, que estás nos céus... o pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Mateus 6. 9 e 11

No contexto, o Senhor Jesus da Bíblia nos ordena orar ao Pai por nossas necessidades.

Estou insinuando que o "ser" que visita a Hagin e que lhe dá as revelações da Palavra de fé não é realmente Jesus Cristo, senão um demônio enganador? Não estou "insinuando" isso. Estou declarando-o como um fato bíblicamente comprovável, somente comparo os enunciados desse ser com os ensinamentos bíblicos.

O seqüestro de Hagin: Como entraram estes ensinamentos ao movimento carismático.

O "Movimento Carismático" tem suas raízes nas décadas de sessenta e setenta do século passado. Às vezes lhe denomina Neopentecostalismo, este se caracteriza por sua recusa à murcha ortodoxia de algumas denominações tradicionais e sua busca de uma nova ênfase no Espírito Santo e os dons espirituais.

Em seus inícios, o movimento carismático foi inócuo. Não há nada de mau na busca de novo enchimento do Espírito Santo ou dos dons espirituais. Com efeito, é um mandamento das Escrituras que assim o façamos. No entanto, houve uma falha fundamental no envolvimento e foi a falta de bases teológicas sólidas.

Os carismáticos recusaram uma ortodoxia murcha. No entanto, muitos não apreciavam sua alternativa, a ortodoxia viva. Mas desenvolveram um misticismo sem sentido. Por isso, os ensinamentos de Hagin encontraram terreno fértil no novo movimento.

Muitos carismáticos eram evangélicos de estratos sociais médios. Ainda que se interessavam em experiências emocionantes, não lhes entusiasmava muito unir-se aos pentecostais tradicionais. Estes, originalmente, provinham de classes mais pobres e menos educadas.

Os carismáticos estavam prontos para receber ensinamentos frescos dentro de seu próprio contexto sócio-econômico. Era o cenário propício para o seqüestro de Hagin.

Ainda que Hagin era o líder reconhecido, não era tão eloqüente como alguns de seus seguidores. Seu sotaque camponês, má gramática e óbvia carência de educação formal eram pouco apreciados pela classe média.

O movimento ganhou ímpeto com um líder mais jovem e articulado, Kenneth Copeland. Sua obra intitulada *Leis da prosperidade*, o lançou ao estrelato do Movimento da Fé, oferecendo uma nova visão do mundo que tampava as brechas deixadas por uma ortodoxia abandonada.

O mercado se viu inundado das obras destes mestres e os novos carismáticos as devoravam como os peixes famintos devoram a isca. Lamentavelmente, o que determinava que livros apareceriam no mercado cristão era a ganância econômica, mais que a verdade. Aqueles que eram diferentes se encontraram com grandes obstáculos para publicar suas obras.

O anúncio feito por Paul Crouch, do canal televisivo TBN [Trinity Broadcasting Network] quanto adotar o foco do "Movimento da Fé" em sua programação contribui com a sua difusão. Também Jim Bakker, do programa PTL [Praise The Lord] juntamente com Paul Crouch, endossou os conceitos do movimento e ambos os expuseram a nível mundial.

O resultado: O gnosticismo, disfarçado com o estandarte da "fé", começou a enraizar-se profundamente na consciência dos carismáticos estadunidense.

Um paralelo Romano-estadunidense

Muito semelhante aos atuais Estados Unidos, Roma foi em seu tempo uma sociedade próspera. Nos três primeiros séculos, enquanto o cristianismo criava raízes, Roma passava por sua época de declive. Era evidente a corrupção social. As instituições religiosas ou governates não podiam deter o nível de perversidade que predominava na sociedade.

A cultura parecia incapaz de recuperar seu sentido de poder e domínio de antes. A população sofria saturada de uma insegurança sutil, mas generalizada.

No campo de batalha, agora custava mais derrotar aos inimigos pequenos que o que antes havia tomado para triunfar sobre os grandes. O mesmo se vê hoje na nação americana.

As classes médias e altas de qualquer sociedade, antiga ou moderna, estão acostumadas a ter o controle de suas próprias vidas. No entanto, quando as condições sociais se tornam inseguras, perde-se o otimismo diante o futuro e se sente a perda de controle. Assim se prepara o solo para as raízes do gnosticismo aprofunde-se.

Este tipo de condições gera crisis psicológicas. Os cristãos estadunidenses estão sujeitos a pressões semelhantes. Seu dilema é: Como experimentar o consolo do evangelho e ao mesmo tempo manter o controle, o qual estavam acostumados. Igual ao que aconteceu na antiga Roma, as condições nos Estados Unidos estão férteis para que um movimento pseudocristão, do tipo gnóstico como Palavra de Fé, enraíze-se. A essência de sua mensagem é uma religião que dá às pessoas uma sensação de controle dentro de sua própria realidade.

Além do mais, como um conveniente sub-produto, os mestres conseguem uma importante colheita financeira. As classes médias e médias-altas têm recursos para gastar, e respondem bem à retórica positiva e às novas revelações. Todos felizes... Exceto Deus.

A influência do Movimento da prosperidade tem sido, em parte, cortada por três fatores:

Primeiro, as Assembléias de Deus, a denominação pentecostal mais importante e mais influente a nível mundial, repudiaram os ensinamentos da Palavra de Fé através de um documento oficial.

Segundo, a publicação de duas importantes obras de advertência contra o movimento: *O cristão em crise*, de Hank Hanegraaf, e *A sedução do cristianismo*, de David Hunt.

Finalmente, o golpe mais sério foi a queda de Jim Bakker, (PTL) no final dos anos 80 do século passado, juntamente com escândalos semelhantes entre os tele-evangelistas estadunidenses. No entanto, esses sucessos terminaram sendo tão somente uma poda de ramos do movimento, sem chegar a suas raízes, quer dizer, Hagin e Copeland e seu falso deus. Ainda que debilitado, a árvore continua florescendo nos Estados Unidos hoje.

Estamos diante de uma ironia histórica: O mesmo gnosticismo pagão que opunha-se ao cristianismo dos primeiros séculos ressuscitou para infiltrar-se no meio da igreja de hoje.

Neste capítulo aprendemos que...

- O Movimento da prosperidade é um renascimento dos conceitos gnósticos, adaptados à linguagem cristã.
- Essas idéias gnósticas foram transmitidas por Mary Baker Eddy e sua seita da Ciência Cristã ao Dr. Emerson de Boston. As que E.W. Kenyon misturou com as doutrinas cristãs.
- Kenneth Hagin adotou os ensinamentos de Kenyon e as transmitiu a Kenneth Copeland e outros.
- **O movimento da Palavra de fé encontrou solo fértil no movimento carismático e virtualmente o seqüestrou. A popularidade do movimento se explica em termos sociológicos. As condições dos Estados Unidos de hoje são semelhantes à aquelas que acenderam o gnosticismo na antiga Roma.**

CAPÍTULO 5: A confissão positiva

Todas as forças naturais e todas as circunstâncias da nossa vida são controladas por nossa língua!²⁹ Quando falamos positivamente, uma grande força espiritual gera-se dentro de nós, e esta muda ao mundo que nos rodeia..³⁰ As situações mais difíceis podem ser mudadas por nossa língua. Se prosperam os malvados, é porque nós os cristãos temos declarado que seja assim. Inclusive a salvação das almas depende da nossa confissão positiva. Ao não crer, poderíamos estar jogando uma maldição a alguém, se declaramos que esse alguém está a ponto de escorregar e, quando o faz, seria o resultado de nossa maldição, mas não profecia.³¹

Tais anunciações são mediante representativos das doutrinas da Palavra de Fé, sobre a confissão com nossa boca. Ainda que parecem tremendamente extremas, ainda há mais; por exemplo, Charles Capps atribuiu o nascimento virginal de Cristo, a uma declaração positiva de Maria. Ela recebeu a palavra do anjo em seu espírito e logo esta se manifestou em seu ventre.³²

Tanto Copeland como Capps nos dizem que Satanás nos programou insidiosamente para que, desde jovens, falemos palavras perversas e de morte. Devemos eliminá-las de nosso vocabulário já que “elas colocam em movimento a chama ardente das forças espirituais negativas.”

Quais são estas palavras tão horrorosas que Satanás nos ensinou a pronunciar? Por exemplo: “Morro por tal coisa...,” “Morria de tanto rir,” “Tal coisa me matou de tanto rir” e outras expressões similares. Segundo

²⁹. Copeland, Kenneth, *The Power of the Tongue (O Poder da Língua)*, Copeland Publications, 1996, p.19.

³⁰. Copeland, Kenneth, *The Laws of Prosperity (As Leis da Prosperidade)*, Copeland Publications, 1974, p. 98.

³¹. Copeland, Kenneth, *The Power of the Tongue (O Poder da Língua)*, Copeland Publications, 1996, p.19.

³². Capps, Charles, *The Tongue as a Creative Force (A Língua , uma Força Criativa)*, Harrison House, 1977, p. 81.

Copeland, são... Discursos perversos! Palavras de morte! Contrárias a palavra de Deus!³³

Cristo esclarece que tudo o que fazemos em nossos ministérios, especialmente aquilo do tipo miraculoso, deve ser precedido por uma absoluta dependência de Deus. A iniciativa deve ser de Deus e não temos nós o direito de soltar a língua como nos agrada.

Se tivéssemos fundamento para suspeitar que estes homens somente estão exagerando, poderíamos ignorar seus ensinamentos. Mas há igrejas, algumas grandes, dedicadas a ensinar estas doutrinas.

Para defender suas idéias, os líderes do movimento baseia-se nos seguintes textos:

Marcos 11. 22-24

"Ao que Jesus lhes disse: Tende fé em Deus; porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco."

O princípio fundamental da fé está expresso no último versículo. Devemos crer que Deus JÁ respondeu nossa petição antes de que a formulemos. Esta é a base para uma declaração positiva de nossa fé na vontade de Deus, tanto para escutarmos como para respondermos.

A confissão positiva é certamente melhor que a negativa. Mas sem uma base bíblica sólida, pode levar a uma visão errada da realidade. A passagem mencionada nunca significou um cheque em branco para qualquer coisa que desejemos ou digamos. É mais um padrão básico de fé que pode ser exercitada quando o Senhor nos dá uma promessa pessoal.

Há que observar que o texto começa com a frase " Tende fé em Deus". O grego original é: **exete pistin theou**, que literalmente se lê como " ter fé de

³³. Copeland, Kenneth, *The Laws of Prosperity*, Copeland Publications, 1974, p. 98.
Capps, Charles, *Success Motivation*, Harrison House, 1982, p. 26.

Deus". Isto se conhece gramaticalmente como um genitivo absoluto e somente significa "tende fé em Deus". Assim se traduz corretamente em todas as versões modernas.

Cristo nos esclarece que tudo o que fazemos no ministério deve estar precedido por uma absoluta dependência de Deus. A iniciativa deve ser dEle, e nós não temos o direito de fazer o que nos agrada. O texto na verdade não se refere ao uso de um princípio místico de fé, do tipo do qual Deus mesmo depende.

No contexto do capítulo, Jesus amaldiçoou a figueira e esta secou. Pedro, sempre curioso, ressalta isto no versículo 21: "Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou", como quisesse dizer: " Como pudeste fazer isso?" Os versículos que se seguem, então, são meras explicações de como o fez: "Primeiro, Pedro, tens que estar operando NO Espírito, e não ser impulsivo. Deves determinar qual seja a vontade do Pai, e ao conhecê-la atuar em fé".

É claro que Jesus não usa estas palavras, mas uma análise cuidadosa do texto e outras passagens relacionadas, nos revelam que essa é a intenção do texto.

Existe uma grande diferença entre o exercício ordinário da fé em nossas vidas e o dom específico da fé, que recebemos por revelação direta de Deus. Este último se confirma em 1 Co 12.9 como um dom sobrenatural. Em tal contexto, nota-se que não é para todos e nem em todos os casos. Paulo diz: a outro, fé pelo mesmo Espírito...

Muchar as figueiras e mover as montanhas não são coisas de todos os dias na vida do crente. Por sua natureza excepcional requer um dom sobrenatural de fé divina. Conseguir compreender tudo isto nos guiará a uma posição equilibrada sobre a fé e a confissão positiva conseqüente. Marcos 11.24 não é um texto que prove que temos o direito de obter qualquer coisa que desejemos. O exercício de nossa fé baseia-se na vontade de Deus declarada previamente. Podemos ter o que seja que declaremos... Deus o disse primeiro.

Tiago, capítulo 3

Os proponentes da super fé, usualmente usam este capítulo como apoio de seu ponto de vista, segundo os quais as circunstâncias que rodeiam a

existência humana são determinadas pelas confissões negativas ou positivas.

O versículo 6 é um texto favorito de Palavra de fé, já que se refere a língua como capaz de acender fogo à "roda da criação". No entanto, o contexto deste capítulo, combinado com a análise do texto grego, nos leva a concluir que Tiago se referia a algo diferente que a manipulação da realidade através da língua.

A frase "roda da criação" é **ton trochon tes geneseos** em grego e é de difícil tradução. *Trochon* literalmente significa "roda", e *geneseos* origem, fonte, nascimento, existência, vida. No *Dicionário Expositivo Vine* descreve-se a esta roda que acende fogo desde seu eixo interno e o manda para fora, justamente como o dano que causa a língua.

Tiago refere-se simplesmente a influência que tem nossa língua no marco de nossas relações humanas. Diz: *Com ela abençoamos ao Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos aos homens, que são feitos à semelhança de Deus.* Está acaso referindo-se ao controle das forças naturais, nossa saúde ou finanças mediante nossa língua? Claro que não! Tiago refere-se a nossas relações, já que se falávamos mal das pessoas que nos rodeiam, isto naturalmente afetará o curso da nossa vida, nos encheremos de inimigos.

Nossa fofoca destruirá a outros e a nós mesmos. Usar este capítulo 3 de Tiago para provar que todas as circunstâncias de nossa existência estão controladas pelas palavras que proferimos, em qualquer sentido mais além de nossas próprias relações humanas, é – sem dúvida – violentar o texto.

Estás preso com as palavras da tua boca. Provérbios 6.2

Citar este texto como uma advertência contra a declaração negativa é tomá-lo fora do seu contexto. Não refere-se a nenhum tipo de confissão positiva ou negativa, se não que adverte a evitar ser garantia nas dívidas contraída por amigos. O texto completo é:

Filho meu, se ficaste por fiador do teu companheiro e se te empenhaste ao estranho, estás enredado com o que dizem os teus lábios, estás preso com as palavras da tua boca.

E, sobre a palavra "confissão" na Bíblia? Alguns mestres do movimento assinalam que este termo em grego é *homologia*, que se compõe de *homo* –

igual – *logeio*, falar. Conseqüentemente, segundo eles, significaria “falar a mesma coisa”. Quer dizer, se falamos “a mesma coisa que Deus”, obteremos o resultado desejado.

Incorreto. Na era pré-cristã, a palavra tinha esse significado, mas na época em que o Novo Testamento foi escrito, o significado que tem é “professar fé em algo ou alguém” Das quarentas vezes usadas no Novo Testamento (na forma mencionada e na maneira enfática *exhomologeonai* o verbo *homologeio*), em nenhuma apóia o ponto de vista de que as palavras de nossa boca tenham algum poder criador. Observem alguns usos do Novo Testamento:

Profissão de Fé

Nos mestres falsos, Tito 1.16; em Cristo, Lucas 12.8; dos fariseus nos anjos e na ressurreição, Atos 23.8; dos espíritos admitindo ou negando a Deidade de Cristo, 1 João 4.3.

Confissão do pecado

Dos feiticeiros convertidos de Éfeso e declarando publicamente suas obras, Atos 19.18; dos cristãos confessando seus pecados a Deus, 1 João 1.9; dos crentes confessando suas culpas uns aos outros, Tiago 5.16.

Promessa a alguém

Judas prometendo trair a Cristo, Lucas 22.6.

Ação de graças

De Jesus ao Pai, Lucas 10. 21

Não existe nenhum só rastro na Bíblia que apoie o uso da palavra “confissão”, no uso que atribuem os mestres da declaração positiva:

Dois problemas graves

Além da errônea aplicação das Escrituras, existem dois problemas graves no ensino da doutrina positiva:

A. Ênfase excessiva

As epístolas foram expressamente escritas para instruir aos crentes sobre como viver em forma vitoriosa, mas não se vê uma ênfase do tipo que dá este movimento em nenhuma maneira.

Ademais, às vezes encontram algumas declarações supostamente negativas pronunciadas pelo mesmo apóstolo Paulo:

*... contudo, Satanás nos barrou o caminho.
I Tessalonicenses 2.18*

*Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens.
I Coríntios 4.9*

Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa. I Coríntios 4. 11.

Aos que levam o ministério de Deus com responsabilidade, não ensinam ao seu rebanho que podem desatar forças espirituais negativas, somente com pronunciar certas palavras ou frases comuns. Os apóstolos não viram que a realidade dos fatos poderiam ser uma declaração negativa, nem tiveram temor de expressá-lo. Este tipo de temor não provém de uma fé bem sustentada, ao contrário, manifesta uma falta de fé.

B. Generalização de casos particulares

Dos dois problemas apontados, este é o mais grave, pois é aqui onde se machucam às pessoas. Como temos estudado, os mestres da Palavra de fé consideram a prosperidade e a saúde do crente como verdade absoluta: Todo cristão, sem exceção, deve estar e ser saudável e próspero ao momento presente, já que Deus declarou que assim é Sua Vontade, segundo eles. Portanto, não considera-se necessário orar ou pedir revelação sobre estes dois aspectos.

A medida que vejamos que esta premissa da Palavra de fé é insustentável, compreenderemos quão perigoso é lançar-se a uma fé assim,

sem sustentar-se na vontade de Deus primeiramente. Os que procedem dessa forma, encontram-se com certeza em problemas e dores.

Existe uma armadilha muito sutil neste aspecto. Suponhamos que a vontade de Deus é que o Sr. Fulano prospere, mas não busca a vontade de Deus primeiramente. Lança se a fé, seguindo as fórmulas dos livros. Os resultados? *Voilà!* Funciona! Então Fulano assume que tudo funcionou porque os mestres da Palavra de Fé são verdadeiros, ensinando verdades absolutas que todos podem chegar a experimentar. Fulano não considera que a vontade de Deus para sua vida se cumpriu nele, de maneira pessoal, não universal.

Agora suponhamos que João proclama estas boas notícias a um irmão da igreja, e este lança-se de igual maneira que João, mas para ele, tudo termina em frustração e fracasso. Então, culpa a Deus, perde a fé e entra em uma crise emocional. Se houvesse buscado primeiramente a vontade de Deus, poderia escutar algo como: "Não, filho, isso não é para ti, essa foi minha vontade para fulano, eu tenho algo melhor para ti. Quero que me sirvas na Índia e, se fores fiel, te considerarei digno de sofrer por amor ao meu nome, e inclusive que teu sangue seja sangue de mártir".

Poderíamos considerar a algum deles superior ao outro, se ambos encontram a vontade de Deus em suas vidas?

Os crentes devem reconhecer a soberania de Deus

As Assembléias de Deus, a denominação pentecostal mais grande do mundo, denuncia o ensinamento da Palavra de fé sobre a confissão positiva com estas palavras:

Fazer finca-pé na confissão positiva tem a tendência de incluir frases que parecem indicar que o homem é soberano e Deus seu servo. Estas frases que exigem Deus atuar, implicam que Ele entregou sua soberania; que não está na capacidade de atuar de acordo com sua sabedoria e propósito. Se faz referencia a que a verdadeira prosperidade consiste em usar o poder e a capacidade de Deus para satisfazer necessidades, quais quer que estas sejam. Assim, posiciona-

*se o homem usando a Deus, em vez de que o homem renda-se a ser usado por Deus.*³⁴

Uma manifestação insólita de Copeland

Até a data, a manifestação mais insólita que escutei dos mestres do movimento – sobre a confissão positiva –, proveio de Copeland durante um programa televisado na cadeia TBN, no dia 12 de Novembro de 1985.

Depois de humildemente pedir a Deus permissão para manifestar esta “verdade”, virou-se para Paul Crouch, o anfitrião, e lhe fez esta pergunta: “Você sabe quem é o maior fracassado da Bíblia?” Crouch ficou perplexo, sem responder, assim Copeland lhe informou. “O maior fracassado da Bíblia é Deus!”

Copeland explicou que Deus era incapaz de impedir que suas criaturas se rebelassem contra Ele. Deus era realmente surpreendido por suas criaturas, mas não entrava em pânico nem fazia confissões negativas, porque Deus sabia que fazer tais confissões, o fariam ver como um fracassado.

Então Deus, explicou Copeland, buscou uma solução. Orar não seria a solução porque não havia a quem pedir. Jejuar também não, porque Deus não come. Então lhe ocorreu uma solução: **A semente da fé!** Sim! Deus plantaria uma semente porque sabia que a lei da semente da fé sempre funciona. Qual foi essa semente que Deus plantou? Seu filho Jesus, é claro. Onde a plantou? No inferno para que sofresse pelos pecados. Jesus esteve no inferno como um pecador condenado em nosso lugar.

No que diz respeito a Deus, Jesus já não existia. A única esperança que Deus tinha era a lei da semente e da colheita combinada com sua confissão positiva. Deus sabia que isso sempre resulta. Portanto, quando Jesus – que estava no inferno sofrendo como um pecador condenado – nasceu de novo pelo Espírito, três dias depois saiu com poder. Resultado: Deus não somente obteve a seu filho de volta, como também conseguiu muitos mais filhos.

³⁴. *O crente e a confissão positiva*, Declaração oficial das Assembléias de Deus, reunião do Presbitério Geral (EUA), agosto, 1980. Veja: http://ag.org/top/beliefs/position_papers/4183_confession.cfm

Sim, explicou Copeland, Deus teve fé. Ele sabia que a lei da semente da fé sempre funciona. Os aplausos e vivas que Copeland recebeu da audiência cristã, incluindo a Paul Crouch, por esta revelação, foram ensurdecedores.

Neste capítulo aprendemos que...

- O movimento da fé prática o ocultismo por meio de um conceito distorcido da confissão positiva.
 - Na teoria ocultista, a mente controla a realidade. As palavras têm um poder próprio e permitem transferir imagens mentais à realidade.
 - De acordo com o ensinamento da Palavra de Fé, o cristão deve visualizar o que quer obter, para logo criá-lo com sua palavra e sua confissão positiva.
 - O termo "confissão" tem somente dois significados na Bíblia: Professar a crença em uma verdade ou admitir a culpa. Nunca refere-se a um poder próprio da palavra.

CAPÍTULO 6: Está tua fé ferida pelo Movimento Palavra de fé?

O seguidor do Movimento Palavra de Fé vive em um limbo psicológico entre o mundo real e um mundo de fantasia que trata de criar com sua confissão positiva. É sincero, mas seu entendimento é defeituoso.

Quando a realidade penetra mediante um problema financeiro ou de saúde, se choca contra a dura parede da realidade. Isso machuca, de maneira que começa a experimentar frustração e desesperação quando suas fórmulas de fé fracassam.

Estas vítimas expressam sua dor em diferentes formas. Alguns se sentem que Deus falhou ao não honrar suas sinceras declarações de fé. Uma dessas vítimas queria que Deus se desculpassem com ela por não haver cumprido sua palavra. Se essas pessoas não estivessem tão feridas, isto seria engraçado.

Quando uma pessoa chega a esse ponto, está mais disposto a compreender como o inimigo o enganou. No entanto, raras vezes recusam os ensinamentos errôneos da noite para o dia. A natureza humana tem uma tendência incrível a aderir-se tenazmente às mesmas ilusões que lhe fazem dano.

Meu propósito é ajudar àqueles que foram pegos e feridos por este movimento. Com esse objetivo escrevi a vários pastores que antes estavam nesse movimento. Deram-me algumas idéias sobre como ajudar a essas pessoas feridas. Minha oração e a deles é que as vítimas possam restaurar sua confiança em Deus, enquanto que ao mesmo tempo ajudem a liberar a outras pessoas dos erros que causaram sua queda.

O pastor Eric Hill, da Geórgia, ex-participantes do Movimento Palavra de Fé, escreveu-me:

Se queres alacançar a estas pessoas, debes deixar bem claro que oras pelos doentes e que acreditas que Deus abençoa. Ao fazer isso, lhes tiras suas muletas. As pessoas da prosperidade observam cada coisa positiva ou negativa, fracasso ou vitória, pobreza ou riqueza, doença ou saúde. A maioria sente que não tem alternativa entre o Movimento Palavra de Fé e o cativo tradicional da incredulidade. Deves mostrar que teu desacordo com o evangelho de Copeland, não significa um retrocesso a uma mentalidade de pobreza e fracasso.

Como ex-excravo deste engano, sei que muitos a abandonariam se somente fossem levados cara a cara com a verdade por uma pessoa que viva em vitória.

Lembremos que os líderes da Palavra de fé pretendem ter poder divino e fé especial para fazer milagres devido a suas doutrinas. Mas muitos missionários e ministérios viveram por fé e experimentaram grandes milagres de cura sem os ensinamentos desse movimentos. Assim que a questão com a que estamos tratando não tem nada ver com a experiência senão com a doutrina correta ou incorreta.

Portanto a pauta número um é:

A vítima do movimento deve entender os erros sem negar a cura e a provisão divina.

A primeira área de ensinamento que temos que expor à vitima é seu conceito errado de Deus. Na mesma medida em que isto fica distorcido, também se destorce o resto da doutrina.

Um arquiteto explicou-me que se o fundamento dum edifício se inclina somente a um centímetro do prumo, a inclinação não nota-se no primeiro andar do edifício. No entanto, depois de muitos andares, a inclinação converte-se em um edifício torto, correndo o risco de desabar.

Igualmente um conceito correto de Deus é fundamental para a vida cristã. Tanto a relação do coração como uma sã doutrina são elementos essenciais. Uma sem a outra, sempre significa desastre. *Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR... Jeremias 9.24*

O ex-integrante deve aprender que Deus não pode ser manipulado por supostas leis espirituais. O mestre da Palavra de Fé carece de sentido quando diz. "Eu aprendi como conseguir que Deus trabalhe para mim". Alguém se perguntar de que deus está falando.

Isto nos conduz à pauta número dois:

O aderente ao movimento deve dar-se conta que esteve servindo a um deus falso e que deve arrepender-se.

Agora que consideramos a natureza do deus deste movimento, é apropriado que também discutamos a qualidade da fé ensinada. Existem diferentes tipos de fé. Nem todas são boas. Na Segunda Guerra Mundial os nazistas tinham uma grande fé em Hitler. Os comunistas tinham fé em sua causa e em sua vitória final. Os mórmons acreditam em um deus humanóide que emigrou de um sistema estelar distante e que chegou a ser Adão.

Vimos anteriormente como a fé, em si mesma, é moralmente neutral, tomando seu valor do objeto ao que se associa. O assunto então não é tanto a fortaleza da fé de um, senão o conteúdo moral dela. É muito melhor ter um pouco de fé no verdadeiro Deus, que uma grande fé em um falso.

Nunca na história da humanidade houve tantos recursos disponíveis para estudar a Bíblia. Os pais da igreja primitiva ficariam com a boca aberta de inveja se vissem os comentários, as referências bíblicas em cadeia, os manuais de estudo, os materiais de consulta do grego e as múltiplas traduções que temos hoje. A maioria de tudo isso é produzido por respeitadas e qualificados eruditos, entretanto para não perder nada que seja importante na análise textual.

Mas os mestres da Palavra de Fé nos dizem que hoje temos acesso a algo muito mais superior, as revelações deles mesmos. Esta geração tem menos desculpas que qualquer outra na história quanto a tal tolice.

Quem permitiria a um cirurgião não qualificado operar seu corpo mortal? Mas muitos se congregam em milhares para permitir a uma pessoa ignorante operar com seus espíritos eternos. E quando eles terminam feridos, é Deus quem recebe a culpa!

Jesus ensinou que se construímos uma casa sobre a areia, é muito provável que caia quando a tempestade vier. É o mesmo que ocorre com as interpretações falsas de sua Palavra. É imperativo para as vítimas do movimento tomar plenamente a pauta número três.

Deus não é responsável da fé mal aplicada nem das interpretações errôneas da sua Palavra.

Durante sua participação no movimento, o aderente típico imagina que a sua fé é admiravelmente forte. Sente-se superior aos que não têm as mesmas "revelações" que ele.

Os pecados do orgulho espiritual são frutos comuns do tipo de ensinamento deste movimento. Raras vezes dão-se conta do pecado em que estão vivendo. É difícil acreditar que é possível sustentar as premissas do Movimento Palavra de fé sem viver nesses pecados.

Tão sutis e perigosos são tais pecados que o crente deve ser severo consigo mesmo quando os detecte em sua vida.

A vítima do movimento necessita examinar sua consciência. Isto é necessário para receber liberação completa das feridas causadas ao impactar-se contra a parede da realidade. Criticou a alguém por sua incredulidade ou pecado simplesmente porque esteve em apertos econômicos ou enfermidade?

Poderia ser valioso que conforme Deus o guie, ofereça desculpas àqueles a quem ofendeu. Deus pode usar isso para trazer cura emocional a ambas partes, interna e relacional também.

Isto nos leva a nossa última pauta, uma muito importante que requer valor e convicção. Praticá-la lhe abrirá portas para a cura emocional e uma nova direção na vida da vítima do Movimento Palavra de Fé.

A vítima da Palavra de fé deve arrepender-se de qualquer orgulho e arrogância espiritual experimentada enquanto esteve no movimento.

Um último comentário: Na mesma medida que o crente perceba sua participação no movimento como meramente um "desequilíbrio" doutrinal, será sua libertação, um tanto incompleta. Como podemos "equilibrar" a um deus falso? Como podemos "equilibrar" uma interpretação torcida de um texto da Bíblia? A única solução é recusar a falsa e trocar por uma verdadeira.

Meu conselho para essas pessoas é que busquem uma igreja que pregue uma teologia sã, enfatizando a soberania de Deus sem negar os dons espirituais. Estes elementos são difíceis de encontrar em uma mesma igreja, mas existem.

Neste capítulo aprendemos que...

- Os seguidores do Movimento da fé vivem em um mundo de fantasia criado por seus mestres. Pela misericórdia de Deus, às vezes chegam a chocar com a realidade.
- Para livrar-se, os ex-seguidores deveriam:
 - Arreponder-se de haver adorado a um deus falso, ainda que o houvessem feito de forma inocente. A palavra de Deus lhes dá a revelação necessária sobre Quem é Ele verdadeiramente.
 - Recusar os erros, sem abandonar a fé bíblica na cura e a provisão divina.
 - Reconhecer que Deus não é responsável da fé mal aplicada ou das errôneas interpretações de sua Palavra.
 - Arreponder-se do orgulho espiritual experimentado enquanto seguiam ao movimento.

CAPÍTULO 7: Assim como é próspera a tua alma

Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma. 3 João 2 (RA).

Este versículo é indispensável em qualquer publicação do Movimento da prosperidade, por breve que fosse. Os mestres da fé proclamam que este versículo confirma de maneira contundente que os cristãos sempre prosperarão em proporção direta à condição de sua alma. As chaves são a obediência e a fé. Segundo eles, a prosperidade é o resultado de certas leis tão absolutas como a gravidade.

Basicamente, os mestres da "fé" obtêm três premissas deste versículo:

1. É a vontade de Deus que todos os crentes prosperem.
2. A prosperidade e a saúde física são as mais altas prioridades de Deus para nós.
3. Nosso grau de prosperidade financeira é um fiel reflexo de nossa condição espiritual.

Achariam por acaso estes irmãos uma fórmula espiritual e um estilo de vida que possa enriquecer a todos nós os crentes? Se for assim, eu estou disposto a aceitar de coração, mas sob a condição de que alguém me reponda de forma convincente as quatro seguintes objeções para a interpretação de 3 João 2.

Objeção # 1. Não existe nenhuma cláusula condicional neste versículo.

Uma cláusula condicional é a parte da oração que indica um condicionamento para que algo aconteça e geralmente vai precedida da conjunção **se**, como na seguinte oração: "Se crês, serás salvo." A partícula **se**, imediatamente introduz a condição para ser salvo. Não todas as cláusulas deste tipo contêm a conjunção, pois às vezes está em forma tácita ou substituídas por introduções diferentes como: o que, quem, quando, etc.

Nestes casos, o idioma grego é muito preciso. Quando se trata de uma condição geral, o indica com certas construções gramaticais fixas. Mas a frase *Assim como é próspera a tua alma*, NÃO contém tal tipo de construção gramatical. Portanto, não pode ser considerada como condicionamento para nada.

Jerry Savelle utiliza uma linha argumentativa bastante estranha para sair deste atoleiro. Ele assinala que João 3:16 é uma promessa escrita pelo apóstolo João e que, como 3ª João 2 também pertence ao mesmo autor, deve ser igualmente uma promessa.³⁵

No entanto, falha ao não tomar em conta que João 3:16 contém todas as características duma promessa, enquanto que 3ª João 2 não contém nenhuma. João 3:16 emprega a cláusula relativa condicional "*para que todo aquele que nele crê....*" com certos aspectos gramaticais como o subjuntivo, característico duma oração condicional, e se trata efetivamente duma promessa. Se o apóstolo houvesse tencionado que o versículo 2 de sua terceira carta fosse uma promessa com a mesma intensidade, não há nenhuma razão para que não houvesse utilizado similar construção gramatical.

Na 3ª João 2, o autor simplesmente enuncia um ato acerca de Gaio, sem pôr nenhuma condição para ele ou nós. Este tipo de cláusula é do tipo indicativo, porque simplesmente informa um ato sem nenhuma implicação subsequente.

Alguns insistiram que as palavras "assim como" se referem a uma relação "proporcionalmente direta a." Mas, a palavra em grego é *kathos*, e João a emprega 45 vezes em seus cinco livros do Novo Testamento. Ainda que poderia ser traduzida, sob certas circunstâncias, de tal maneira, é difícil encontrar exemplos nos escritos de João. Normalmente ele a emprega para indicar simplesmente um fato. Vejamos alguns exemplos:

João 17:11 ... *para que sejam um, assim como nós.*

João 17:14 ... *porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo..*

João 13:15 *Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.*

1ª João 4:17 ... *porque, qual ele é, somos nós também neste mundo.*

³⁵. Savelle, Jerry, *Prosperity of the Soul (Prosperidade da alma)*, Harrison House, p. 72.

Os mestres da prosperidade assumem que devido a que *kathos* pode introduzir uma cláusula condicional, isto prova que a cláusula final do versículo 2 é uma. Mas, ao ignorar a gramática do grego, não entendem que não é a presença do termo que faz a cláusula ser condicional, e sim a forma do verbo. Os exemplos mencionados ilustram a respeito.

Nenhum comentário sério que eu haja examinado, respalda dita interpretação desta cláusula. Como por exemplo, Gray e Adams assinalam que João conhecia a situação espiritual de Gaio por meio daqueles que o visitavam a pedido do próprio João. Isso é confirmado pelos seguintes quatro versículos (3-6) os quais nos dão detalhes o que quer dizer ao se referir à prosperidade da alma de Gaio.

No v. 3 diz que regozija-se quando os irmãos lhe deram testemunho da verdade que acharam em Gaio. No v. 5, João louva a hospitalidade que este brindou às pessoas estranhas. No v. 6 menciona que estes visitantes puderam ver a fidelidade do seu amor. Resumindo, a cláusula, "assim como tua alma é próspera" é simplesmente um reconhecimento de quanto lhe informaram os visitantes da parte de Gaio.

Objecção # 2. A palavra "desejo" seria mais adequadamente traduzida como "oro".

O *Dicionário Expositivo* de Vine indica que, ainda quando a Bíblia traduz esta palavra como "desejo", o significado que se encontra em João 3.2 aponta a uma implicação de "oração".

Ademais, já que este versículo meramente registra a oração de João pelo seu amigo, não pode ser interpretada como uma declaração de Deus aplicável a todo o corpo de Cristo nem deve ser vista como uma promessa.

A frase "em todas as coisas" deve também ser reexaminada. O comentário de Barnes assinala que seria mais apropriado traduzir como "com respeito a todas as coisas." Ele explica com base em que ao dizer "sobre todas as coisas" pareceria indicar que João considerava a saúde e a prosperidade como a prioridade mais alta, mas esse não é o caso nem mesmo uma interpretação apropriada do grego original.

O *Novo Comentário Internacional*, de grande prestígio em círculos evangélicos, também assinala que o grego original é *peri panton* e significa:

“com respeito a tudo”, o qual não equivale a *pro panton*, que significaria “sobre todas as coisas” o “sobre tudo”.

Portanto, assumir que a saúde e a riqueza sejam a prioridade de Deus para o ser humano, não encontra apoio em 3 João 2.

Mas, então qual é a verdadeira prioridade de Deus? Paulo explica em Efésios 1. 5-6: “*nos predestinou para... louvor da glória de sua graça.*” Assim pois, a glória de Deus mesmo, NÃO a nossa, é a prioridade, e para que Deus a cumpra, tudo é legítimo: Seja a riqueza ou pobreza, a perseguição ou a popularidade.

Muitos perguntaram-me: “O que dá mais glória a Deus: um santo que vive em riqueza ou um que vive em pobreza?” ao que poderíamos replicar: “O que glorificaria mais a Deus? Um santo que vive vitorioso apesar de suas riquezas, ou um que vive triunfante ainda que pobre?” O tema é a vitória do crente, NÃO a economia. A questão a considerar é a vitória na vida do crente, não seu estado econômico.

Objção # 3. Trata-se de uma forma de saudação comum no primeiro século.

Esta epístola segue o modelo de um formato típico do gênero no séc. I. William Barclay, um dos eruditos mais notáveis do mundo, assinala este fato e cita um exemplo de uma carta de um capitão de barco, que usa uma terminologia quase idêntica a de 3 João 2.

No Novo Comentário Internacional, Howard Marshal confirma o ponto de vista de Barclay ao assinalar que o ancião (João) segue o costume tradicional de seu tempo, quando expressa seus bons desejos ao amigo Gaio.

Claro está que este fato não reduz a verdade de que é Escritura inspirada, simplesmente explica por que encontra-se nessa forma. Mas importante ainda, não trata-se de uma declaração universal de Deus em quanto a sua vontade para todos os crentes. Tratá-la como se fosse isso, é tirá-la de seu contexto histórico e literário.

Objção # 4. Não é uma declaração universal de Deus para todo o corpo de Cristo.

Ainda que a Bíblia é um livro para todo o povo de Deus, não tudo o que contém é para toda pessoa crente. Exemplo: Os mandamentos de Paulo a Timóteo de que se cuide de Alexandre e de trazer-lhe sua capa antes do inverno. As instruções a Tito para que fique em Creta. Isto também faz parte da palavra de Deus. No caso dos mestres da prosperidade, eles passaram por alto a diferença de uma diretriz individual e uma promessa universal.

Nem a gramática, nem o contexto nem o fundo histórico apóiam a interpretação de 3ª João 2 que dão os mestres do Movimento da prosperidade.

Significaria isto que 3ª João 2 não tem validade para os crentes do presente ou que todos estamos condenados a viver na pobreza? Não! Este versículo é um exemplo perfeito do cuidado amoroso e a oração que todos os irmãos em Cristo devem fazer uns pelos outros. Quão encorajado se sentiu Gaio al ver reconhecidas suas qualidades por João! Quão cuidadoso era João diante das necessidades de seus irmãos crentes!

A Bíblia está cheia de promessas de Deus concernentes ao cuidado que Ele tem para com seus filhos. É sua vontade, normalmente, que os cristãos possam desfrutar da vida e que suas necessidades sejam supridas. Mas Ele o faz com base na sua graça, não a nosso merecimento.

Um testemunho pessoal

Nos trinta anos de serviço missionário em muitos países, minha esposa e eu temos visto como Deus supriu nossas necessidades, de uma maneira conseqüente, sem haver tido que recorrer a uma interpretação indefinida da Palavra para estimular nossa fé. Penso que a ironia do ponto de vista do Movimento da prosperidade quanto a 3ª João 2 não se encontra somente em sua falsidade, senão mais, em o que não é necessário em absoluto.

Antes de deixar a doutrina da prosperidade, demos uma olhada a outros dois textos chaves da Palavra de fé.

Juros de dez mil por cento

E Jesus, respondendo, disse: Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições, e, no século futuro, a vida eterna. Marcos 10. 29-30

"uma assombrosa devolução de 100 por um é nosso direito divino" proclamam os mestres líderes do Movimento da prosperidade. "Deus está obrigado a nos dar 100 dólares por cada dólar que entregamos ao evangelho. E se damos 1000, nos dará 100.000!"³⁶

Se estes versículos são uma promessa de juros de 10000% do nosso empréstimo a Deus, merecem nossa total atenção. Naturalmente, ainda que não questionamos a verdade bíblica podemos considerar as interpretações dadas por alguns.

Um vez fui exortado a "simplesmente crer na Bíblia", a por causa de uma discussão sobre estes pontos. No entanto, o questionamento de uma interpretação popular não significa estar em desacordo com as Escrituras.

Existem duas opções lógicas ao interpretar esses versículos: literal ou figuradamente.

A Palavra de fé apresenta uma interpretação literal, então devemos examiná-la dessa maneira primeiro. Por definição, este tipo de análise requer que não adicione nem tire nada do texto. A doutrina da prosperidade viola seu próprio princípio de literalidade em dois pontos:

Primeiro, não há menção alguma de que se dê nada a ninguém. O conceito de entregar coisas a Deus está completamente ausente do texto. Jesus não disse "qualquer que entregue algo ao evangelho..." Ele disse qualquer "que tenha deixado..." O texto paralelo que se acha em Mateus emprega o termo "abandone", o qual significa deixar completamente tudo.

O mesmo verbo descreve a maneira em que os discípulos abandonaram suas redes para seguir a Jesus e novamente menciona-se quando

³⁶. Copeland, Gloria, *God's Will Is Prosperity (A prosperidade é vontade de Deus)* , p. 54. Copeland, Kenneth; *The Laws of Prosperity (As Leis da Prosperidade)*, Copeland Publications, 1974, p. 87.

abandonando a Jesus, fugiram. Eles não “entregaram” Jesus a Deus. Muito menos foram ao templo deixar ali suas redes. Simplesmente as deixaram para trás e seguiram a Jesus. Não existe no texto a noção de ofertar bens materiais a Deus. Ao contrário, se referem a ofertar nossa vida inteira. Os bens devem ser deixados atrás e esquecidos.

Em segundo lugar, também não se menciona o dinheiro, Somente oito elementos específicos encontram-se na lista, os quais serão cem vezes retribuídos. Seis são vários parentes e outros dois são terras e casas. Inclusive se o tema fosse o de “dar”, não existe uma opção de que possamos escolher o que dar, pois a lista é limitada.

Se é que se requer uma interpretação literal, então devemos também exigir que o tema de dar dinheiro seja excluído da discussão, para não violar o princípio deste tipo de análise. Por outro lado, se não se requer este tipo de interpretação, também podemos reclamar a cláusula do 100 x 1 como literal. Novamente, os ensinamentos da prosperidade encontram-se diante de um dilema criado pelos seus próprios promotores.

Parece que o literalismo topou-se com obstáculos, mas ainda há outros: pois, como poderíamos ter cem mães ou filhos? E os discípulos a quem Jesus falava estas palavras? Acaso receberam seus interesses em dinheiro? Melhor que isso, chegaram ao martírio.

A cláusula “com perseguições”, ao final do versículo não deve esquecer-se. Alguns mestres permanecem impávidos diante desta frase e responderam que a perseguição persistirá somente se nós a permitimos, pois podemos repreendê-la no nome de Jesus para que nos deixe em paz. A confissão positiva sairá vitoriosa. Mas nunca vemos os apóstolos praticando ou ensinando aos crentes convertidos nas epístolas.

Ao haver visto que uma interpretação literal é impossível, nos resta examinar a possibilidade do sentido figurado.

Consideremos a possibilidade de que estes versículos constituíam uma hipérbole. Esta é uma forma didática muito comum nos tempos antigos, semelhante a uma parábola. Consiste em uma exageração extrema para destacar a certeza do que foi declarado.

A parábola do semeador, por exemplo, contém uma hipérbole. Jesus ensinava sobre a boa semente que se multiplica 30, 60 e até 100 vezes. No

contexto refere-se aos convertidos ganhos para Cristo, mas não significa que se converteriam precisamente 30 pessoas em seu lugar de pregação.

Havendo sido missionário, vi lugares onde toma uns vinte anos chegar a ter esse número de convertidos ainda que em outros – como na América Latina, o mesmo acontece em vinte minutos. Existem também lugares onde não haverá nem um só. Jesus estava ensinando o princípio de produtividade da sua Palavra.

O fator 100 x 1 enunciado em algumas partes da Bíblia é semelhante. Expressa verdades relacionadas ao autêntico cuidado de Deus e sua bênção sobre os que entregam tudo por sua causa. É possível inclusive que Deus proveja de cem casas a alguém que o faça; certamente que Ele cuidará e proverá a essa pessoa sacrifícios por Ele e não relegar tudo ao céu. Quer que saibamos que as bênçãos terrenais que podemos receber não são uma subtração de nossa conta celestial. Lá a obteremos em sua totalidade. Esse é todo o ponto desses versículos. Nisto, a doutrina da prosperidade tem razão parcialmente. O conteúdo básico desses versículos é este princípio e, as partes referentes a terras e casas, o 100 x 1 e tudo isso, são somente o invólucro.

Ele se fez pobre, 2 Coríntios 8.9

"pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos."

Foi a vida inteira de Cristo um sacrifício substitutivo para que vivamos em prosperidade? A primeira vista pode parecer possível que os mestres da Palavra de fé tenham razão neste ponto.

Ainda que os defensores desta doutrina concedem que há outras formas de riquezas além das materiais, enfatizam que Cristo não foi pobre espiritualmente. Foi pobre em relação a economia do mundo. Segundo este raciocínio, este versículo somente poderia referir-se a garantia de riqueza terrenal para os crentes por meio de Cristo.

Este argumento seria válido se assumimos que os texto refere-se a vida inteira de Cristo. A interpretação completa gira ao redor do significado das cláusulas "fazer-se rico" e "fazer-se pobre".

O verbo traduzido como “*se fez pobre*” corresponde a um particípio aoristo no grego. Este tipo de construção gramatical faz que a palavra refira-se a um ponto específico no tempo e Não é de natureza contínua. Se Paulo houvesse querido dar o significado de que Cristo viveu uma vida de pobreza durante sua passagem pelo mundo, haveria posto o verbo em outra forma (no imperfeito do indicativo), o qual refere-se a uma ação contínua no passado.

Em contraste, a clausula “era rico” se é uma forma do passado contínuo (um particípio perfeito). Paulo afirma então que houve um tempo em que Cristo era rico (tempo contínuo) e algo aconteceu que fez que abandonara tais riquezas.

Para interpretar corretamente este versículo agora, devemos fazer as seguintes perguntas: Quando foi Jesus continuamente rico? E em que consistiam ditas riquezas? Certamente que não foi na terra; foi somente no céu. Então, o que aconteceu repentinamente no céu para que se fizesse pobre? A encarnação, é claro.

Ele deixou seu contínuo domínio eterno para concretizar o fato de vir à terra por nós, para que compartilhássemos as riquezas de seus domínios espirituais. Ao considerar isto se faz impossível interpretar o versículo como se se referisse a riquezas materiais ou terrenais.

As riquezas nas quais vamos adentrar não são terrenas. Referem-se a nossa co-herança com Cristo e nossa participação como filhos, nossa participação na sua graça. Este é o tema de todo o capítulo.

Eruditos reconhecidos e prestigiosos confirmam este ponto. Meyers assinala que o aoristo denota o evento único de entrar na pobreza e que não se refere a vida de Cristo.³⁷ O *Comentário Internacional* está de acordo com que o aoristo refere-se ao ponto da encarnação.³⁸

Quando existe clara evidência para uma interpretação alternativa, deve-se deixar de lado o dogmatismo. Este é um princípio chave na análise das Escrituras. É justo pedir aos mestres da prosperidade que se abstenham do

³⁷. Comentario del Nuevo Testamento de Meyers, p. 585.

³⁸. *El Comentario Internacional del Nuevo Testamento (Comentário Internacional do Novo Testamento)*, 2 Coríntios, pág. 299.

dogmatismo em quanto a 2 Coríntios 8.9, já que existe evidência de uma interpretação alternativa.

Reconhecemos que Deus às vezes abençoa aos crentes com a prosperidade para que possam fazer avançar o evangelho. Temos visto inclusive entre os mais pobres da América Latina. Estes cristãos às vezes sofrem certo grau de perseguição; alguns de seus antagonistas afirmam que seguem ao evangelho porque os missionários pagavam-lhes para fazê-lo. Devido a que às vezes Deus abençoa no material, os incrédulos assumem que isto deve ser o caso.

Sim, reconhecemos que Deus abençoa e nossos convertidos também o sabem, mas não lhes prometemos que enriquecerão, porque a Bíblia também não faz. Quando minha esposa e eu mencionamos que existe um movimento nos Estados Unidos que acredita que se uma pessoa não é rica é porque lhe falta fé, eles riram do absurdo que isto soa.

Neste capítulo aprendemos que...

- A premissa do movimento, de que os cristãos sempre serão prósperos economicamente, não tem apoio bíblico.
- Também não existe apoio escritural para a presunção de que a prosperidade do crente está em relação direta com suas condições espirituais.
- Um texto citado freqüentemente pelos mestres da prosperidade, 3ª João 2, não constitui apoio a estas presunções, já que:
 - Não existe nenhuma cláusula condicional no versículo.
 - A palavra "desejo" é melhor traduzida como "oro", do verbo orar.
 - É uma saudação muito usada no primeiro século.
 - Não é uma declaração para o Corpo de Cristo em geral.
 - Os mestres da prosperidade usam outros versículos fora do contexto, tais como 2ª Coríntios 9 e Marcos 10. 29-30.
 - A Bíblia ensina que a vontade de Deus para os crentes é que desfrutem do suficiente, não necessariamente de riquezas.

CAPÍTULO 8: Prósperos como Abraão

Enquanto discutíamos sobre a doutrina da prosperidade com um pastor da Palavra de fé em um restaurante, comentei:

- Eu não posso julgar que um irmão na fé esteja em pecado somente porque é pobre.

O pastor aludido tranqüilamente respondeu-me:

- Mas eu sim.

Sua resposta tão confiada me fez captar que não tinha intenções de aparecer como julgando a ninguém. Para ele somente era um fato óbvio baseado nas premissas de sua mensagem de fé. Então, acrescentou:

- Veja, a Bíblia nos diz que todos somos filhos de Abraão pela fé em Cristo. Ele era um homem rico, assim que se nós não o somos, é por causa da nossa própria falta de fé.

Se há alguma verdade nisto, devemos investigá-la: muitos desejam ser ricos e se Deus revelou um plano para chegar a ser, devemos descobri-lo. No entanto, todos estes anos vendo tantos caprichos espirituais no cenário evangélico geraram em mim o anseio de analisar profundamente esta doutrina.

Assim foi, depois de haver lido uns quarenta livros e publicações dos mestres líderes da "FÉ", pude ver clara sua posição, a qual é: Através do pacto com Abraão, temos acesso a riquezas que vão mais além de nossos sonhos mais fantásticos. Não seremos unicamente prósperos, senão que teremos mais do que poderíamos usar em nossa vida. Nosso único impedimento é nossa falta de fé, segundo eles.³⁹

O Novo Testamento ensina que somos descendentes espirituais de Abraão através da fé em Cristo. Em Gálatas 3.7 lemos: "Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão" No entanto, basear a doutrina da prosperidade nisto é outra coisa. Os mestres da prosperidade não puderam replicar às seguintes objeções:

Capítulo 8

³⁹. Estas são idéias gerais de enunciados típicos feitos por Kenneth e Gloria Copeland, os líderes dos mestres da prosperidade, em suas obras. Refere-se a *Prosperity Is the Will of God (Prosperidade é a Vontade de Deus)*, p. 13.

Objeção # 1: O pacto abraâmico original não contém promessa de riqueza material.

O texto do pacto encontra-se em Gênesis 12 e é citado por Paulo em Gálatas 3. 15-16. Ao revisar termos originais, como constam em Gênesis 12, vemos:

De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Especificamente, os termos são:

1. Deus formará de Abraão uma grande nação.
2. Deus abençoará a quem abençoe a Abraão e amaldiçoará quem o maldiga.
3. Todos os habitantes da terra serão abençoados através de Abraão.
4. Deus engrandecerá o nome de Abraão.

Notoriamente ausente é a menção de riqueza material. Paulo disse em Gálatas 3.15: *Ainda que uma aliança seja meramente humana, uma vez ratificada, ninguém a revoga ou lhe acrescenta alguma coisa.* A doutrina da prosperidade cai dentro do acrescentado, ou seja precisamente se faz o que Paulo diz que não se fizera.

Objeção # 2: Abraão já era rico antes do pacto com Deus.

Esta é a prova contundente de que a riqueza de Abraão não tinha nada a ver com o pacto. Ao seguir sua trajetória desde Gênesis 11, vemos que se muda para Harã, onde morre seu pai Tera. Logo, já realizado o pacto em Gênesis 12.1-3, Abraão toma a sua esposa e a seu sobrinho Ló e "todos seus bens que havia ganho e as pessoas que havia adquirido em Harã, e saíram para ir a terra de Canaã." As "pessoas adquiridas" eram evidentemente escravos que havia comprado. Os pobres não podia possuir escravos, pois estes eram caros. Não se sabe quantos escravos tinha Abraão, mas quando teve que ir resgatar a Ló, o resgatou com 318 homens, todos criados seus.

Quando chegou a Canaã, houve ali uma grande fome e sem possibilidade de estabelecer negócio, desceu ao Egito. Apesar desta clara cronologia bíblica, os mestres da prosperidade insistem em sustentar que Abraão foi rico graças ao pacto com Deus.

Objecção # 3: No Novo Testamento sempre se define ao pacto no nível espiritual e não material.

Pedro refere-se ao pacto como o perdão de pecados em Atos 3. 25-26; enquanto que nos capítulos 3 e 4 de Gálatas o relaciona com a promessa do Espírito através da fé. O discurso de Paulo sobre a justificação pela fé de Romanos 4, baseia-se neste pacto. O escritor de Hebreus sustenta no capítulo 6, que o pacto significa nossa segurança em quanto a ser salvos. Todos esses textos referem-se ao pacto em termos espirituais e não em referência a riquezas materiais.

Se Deus houvesse querido revelar-nos como podemos obter riquezas materiais por meio do pacto, haveria inspirado a todos esses autores para que assim o manifestassem.

Objecção # 4. Não há tal coisa como as chamadas "bênçãos de Abraão."

Uma cuidadosa investigação na concordância revela que não existe tal frase na Bíblia, mais parece ser que se divulgou justamente pelas pregações deste Movimento da prosperidade e alguns cantos.

O mais perto da frase que se pode encontrar na Bíblia está em Gálatas 3.14: "para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido." Note que a palavra "bênção" se encontra no singular, e não como se divulgou: "Bênçãos", no plural. Esta bênção é definida por Paulo como a promessa do Espírito, assim que ninguém pode confundir que refere-se a outra coisa.

Alguns mestres sustentaram que trata-se de uma bênção, mas com vários aspectos, dentro dos quais estaria a riqueza material.⁴⁰ Mas não encontramos nenhuma confirmação deste ponto de vista em todo o Novo

⁴⁰. Savelle, Jerry, *Living In Divine Prosperity* (Viva em Prosperidade Divina), Harrison House, p. 170.

Testamento. A bênção não é do tipo material, é bênção espiritual, e pode resumir-se em uma palavra: salvação.

Objeção # 5. O pacto foi irrelevante em certos aspectos da vida privada de Abraão.

Um contato humano pode diferir de outros aspectos da vida pessoal. Não tudo o que Abraão tenha dito ou feito em sua vida, está conectado com seu pacto com Deus. Por exemplo, Abraão tomou a Hagar como sua concubina, também mentiu a Abimileque sobre Sara; mas, são ou estiveram esses eventos relacionados com o pacto?

Não se menciona em nenhuma parte do pacto os direitos do concubinato, nem que o termo "bênção" fosse um cheque em branco para tudo o que se lhe viesse a vontade. Aceitando isto, a questão de sua situação econômica é igualmente irrelevante. O estilo de vida de cada pessoa pode estar rodeado de circunstâncias irrelevantes a um contrato realizado por ela mesma. Deve-se reclamar respostas aos mestres de prosperidade em quanto ao porque excluem o concubinato do pacto e porque incluem a riqueza.

O pacto com Abraão

Vários mestres da prosperidade estão conscientes destes vazios em sua teologia, pelo que trataram de remendá-los com algum método engenhoso. Um tipo de remendo é quando acrescentam à lei de Moisés a maneira de extensão do pacto abraâmico e logo citam as bênção de Deuteronômio 28.3.41

Esses mestres nem sequer tentam demonstrar nisto nenhum fundamento teológico, optam por somente declará-lo assim. Um desses mestres inclusive proclama a lei de Moises como os "artigos" do pacto de Abraão. Outros afirmam que a totalidade da lei de Moisés foi o resultado do pacto de Deus com Abraão.

41. A maioria dos mestres da prosperidade o fazem. Exemplos: Capps, Charles: *Success Motivation*, Harrison House, 1982, p. 42; Cerillo, Morris, *A Guide to Total Healing and Prosperity*, cap. 12.

Capítulo 9

Acaso nos ensina o Novo Testamento que estes dois pactos podem ser indistintamente misturados entre si? Vamos a Romanos 4. 13-14:

Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé. Pois, se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa.

Paulo ensina que nossa fé resultaria vã e o pacto de Abraão anulado, o instante em que se tentasse juntar a fé com o pacto. A medida em que tentemos fazer tal mistura indica o grau da nossa imaturidade teológica. Este ponto é o tema central de Gálatas.

Ademais, Paulo ilustra belamente este ponto no capítulo 4 de Gálatas, pondo o exemplo de Sara e Hagar; leiamos:

Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvis a lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa. Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças... Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho da livre (vv. 21-24 e 30).

Sara representa o pacto abraâmico, o qual por sua vez simboliza a salvação por graça. Hagar representa a lei de Moises e, o que conclui Paulo sobre essas duas? Conclui que assim como Sara e Hagar não poderiam dar-se entre si, também não podemos misturar os dois pactos. Por que? Porque as duas mulheres eram inimigas mortais pela natureza da sua relação diferente com Abraão. Mas, seguindo o raciocínio. Por que diferem tanto se ambos pactos vieram de Deus? A doutrina da prosperidade usa este último raciocínio para alicerçar sua afirmação de que a lei é meramente uma extensão do pacto abraâmico.

É necessário observar que as duas mulheres viveram debaixo do mesmo teto e ambas tiveram um filho de Abraão. Cada uma teve sua própria e independente relação com ele; no entanto, devido a natureza do pacto, não poderiam relacionar-se entre elas, como afirma a Escritura: *Não herdará o filho da escrava o filho da livre. Por isso, Hagar foi jogada ao deserto.*

A conclusão é que Deus efetuou dos pactos, cada um independente do outro e com dois motivos diferentes, mas NÃO relacionados entre si.

Vários mestres da prosperidade trataram de evitar esta linha argumentativa afirmando que Cristo nos redime das maldições da lei, mas deixa intacta as bênçãos. E para isso citam Gálatas 3.13: *Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar.*

Esta é uma interpretação errada, pois o texto se parafraseia subjetivamente: ao ler as palavras "maldição da lei", as mudam um pouco para que leiam: "as maldições que são debaixo da lei". Paulo não se refere as maldições específicas que encontram na lei mosaica, senão a todo o corpo da tal lei.

O contraste não é entre bênção e maldição, senão entre os dois pactos que cada uma representa. Nada que se encontre na lei mosaica corresponde a algo do pacto abraâmico, já que a lei em si é a maldição, pois assim terminou sendo para os judeus, ao condená-los indefectivelmente Deus quis que assim sucedesse para que os judeus pudessem reconhecer seu pecado e buscassem ao Salvador prometido.

O contexto de Gálatas 3 carrega esta interpretação. Os mestres da prosperidade parecem que não viram o versículo 12, que diz: "e a lei não é da fé" Então, se a lei não tem nada a ver com a fé, como a vinculam com o pacto de Abraão? Paulo continua assim: "o que fizer estas coisas, viverá por elas", quer dizer que se queremos viver sob a lei, deveremos viver sob sua totalidade.

Este princípio se esclarece quando analisamos o capítulo 28 de Deuteronômio:

Um dia, Moises apresenta-se ante o povo e começa a resumir os mandamentos da lei. O que começa no capítulo 1, versículo 6 continua ininterruptamente por 32 capítulos mais. O 28 é parte desta citação e contém as bênçãos resultantes do cumprimento das leis. A condição era que Israel recebesse todos os mandamentos que Moisés lhes entregasse esse dia.

Se atentamente ouvires a voz do SENHOR, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que hoje te ordeno, o

*SENHOR, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra.
(Deuteronômio 28.1)*

Quais são tais mandamentos? Entres outros: sacrifícios de animais, casamento com a viúva do irmão, dias de festas, circuncisão, restrições na dieta, assassinato de inimigos, etc. Nos sujeitaríamos a todas essas condições?

Em contraste, Abraão não fez nada que o fizesse merecer as promessas de bênção. A graça flui livremente da vontade divina, não da dele.

Mas os problemas não terminaram aí. Os mensageiros da fé são bastante intransigente quando afirmam que a Igreja é a herança das promessas feita a Israel sob a lei. Esta é uma parte necessária da sua teologia.

No entanto, este é um assunto teológico muito sensível pois muitos eruditos evangélicos recusam o ponto de vista de que a Igreja herda as promessas dadas a Moisés, porque existe forte evidência bíblica que o contradiz.

Este último não serviu para dissuadir ou deter os mestres da fé em nenhum de seus argumentos. Parece que sentem que descobriram uma pista especial dada secretamente pelo Espírito, pelo qual não se faz necessário todo conhecimento da Bíblia, raciocínio ou evidência teológica. E o que é esse algo especial? Eles o chamam "conhecimento revelado" quer dizer que o Espírito lhes revelou certas coisas e todos devemos crer o que dizem como revelação divina.

Diante disso devemos ver algumas realidades da Palavra:

- A. O escritor de Hebreus sustenta que as promessas dadas sob a lei de Moisés são inferiores as que temos agora. Em Hebreus 8. 6-13 lemos: "[Cristo] é mediador de um melhor pacto, estabelecido sobre melhores promessas". Logo cita de Jeremias 31.31-32, onde se explica como Deus tenta abolir o pacto que fizera com Moisés quando os tirou do Egito. O pacto em sua totalidade é abolido porque é inferior. Deuteronômio 28 é parte desse convênio. Nos resta perguntar, por que citar promessas inferiores de um pacto já abolido?
- B. O corpo de Cristo não é uma extensão de Israel, senão que "um novo homem" de acordo com Efésios 2. 12-22. É uma espécie de

ser radicalmente nova, um organismo vivo que não é nem judeu nem gentil. É a Igreja.

- C. Estamos firmados em um pilar diferente de Israel: edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular, Efésios 2.20 (aqui "profetas" refere-se aos do Novo Testamento, o qual se confirma em Efésios 3.5)

A promessa feita a Abraão foi tão incondicional como a salvação representada por ela. Daí que os dois pactos não se podem misturar. Seus fundamentos são diferentes e se excluem mutuamente.

Mas seus descendentes não entenderam este princípio;

Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus. (Romanos 10.2-3).

O perigo da doutrina da prosperidade é que guia a seus seguidores a mesma pobre perspectiva espiritual que cegou aos judeus, a que lhes impediu ver a graça divina; todo o anterior leva um grau de orgulho espiritual que faz impossível o exercício da fé genuína.

Neste capítulo aprendemos que...

O pacto de Abraão não apóia as premissas do Movimento da prosperidade, porque:

- O pacto abraâmico original não contém promessas de riquezas materiais.
- Abraão já era um homem rico antes do pacto.
- O Novo Testamento sempre define o pacto de Abraão em sentido espiritual, não material.
- Não existem as chamadas "bênçãos" de Abraão. É uma benção: A de justificação pela fé.
- Deuteronômio 28 não constitui uma promessa para os cristãos. É uma advertência à nação de Israel sobre guardar a lei.

CAPÍTULO 9: Suficiência sim

Alguns pontos da doutrina da prosperidade são verdadeiros e úteis na medida em que sua aplicação se coloque dentro dos limites apropriados, algo que vale a pena revisar.

São Como muitas doutrinas conflitantes, existem aspectos que são verdadeiros e outros falsos. Justamente por isso há controvérsias.

Examinemos 2 Coríntios 9. 6-12:

E digo isto: Que o que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia em abundância em abundância também ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria. E Deus é poderoso para tornar abundante em vós toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda suficiência, superabundeis em toda boa obra, conforme está escrito: Espalhou, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre. Ora, aquele que dá a semente ao que semeia e pão para comer também multiplicará a vossa sementeira e aumentará os frutos da vossa justiça; para que em tudo enriqueçais para toda a beneficência, a qual faz que por nós se dêem graças a Deus. Porque a administração desse serviço não só supre as necessidades dos santos, mas também redunde em muitas graças, que se dão a Deus.

Estes versículos ensinam com clareza que a vontade de Deus é que os crentes vivam a um nível superior ao da mera subsistência. (Existem exceções que serão tratadas mais adiantes.) Este texto pode ser entendido sob três princípios.

Plantar e colher

Repetidas vezes em toda a Escritura vemos o princípio do plantar e colher. Cristo ensinou esse princípio como a lei fundamental de como opera o DAR no reino de Deus. Em Lucas 6. 38 nos ensina:

dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando vos darão; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo.

Também Paulo ensina que... porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.(Gálatas 6.7).

No contexto de 2 Coríntios 9 obviamente refere-se ao dinheiro. Expõe-se o princípio de que os cristãos podem prosperar sobre o nível de subsistência e ter de sobra para dar a obra do evangelho e aos que estejam em necessidade.

No primeiro passo toma a lei de plantar e colher acompanhado de um par de advérbios importantes: "escassamente" e "abundantemente". Estes dois termos devem ser tomados em forma relativa, em proporção aos meios de cada um e não em comparação ao que outro possa dar ou a o que o mundo possa considerar "abundante". Jesus revelou isto no templo quando uma viúva desconhecida entregou mais que todos os demais (Lucas 21. 3) Através disso notamos que o DAR é qualitativo e quantitativo. Os mestres da proferidade estão correto neste ponto.

Motivos

Os motivos corretos são essenciais no processo. O termo "generosamente" (*eulogia*, em grego) significa literalmente "benção". No versículo 5 se lhe opõe a "cobiça" e se traduz "escassamente".

Paulo enfatiza que o motivo do que dá deve ser para ver bênçãos noutra pessoa e **não** o de obter riquezas para si mesmo. A cobiça não deve ser a motivação para **dar**. Os únicos motivos corretos são para a glória de Deus e o aumento das bênçãos aos demais.

Não se deve esquecer os pobres. *Espalhou, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre* (v. 9). Surpreendeu-me descobrir que o sujeito oculto (ele), não se refere a Deus, mas sim ao crente que dá. Esta é uma citação do Salmo 112 e em seu contexto, refere-se claramente ao homem justo.

Resultados de DAR

Agora demos uma olhada nos resultados gerais da obediência a este padrão de *dar*:

Primeiramente, o versículo 8 nos diz que Deus fará abundar todo tipo de graça em nós. A graça divina se fará evidente em cada instância de nossa vida. Poderemos ser independentes. A palavra grega é *autarkeia*, que significa "autônomo", implicando independência e suficiência. Também que teremos todo tipo de boas obras e receberemos não somente para cobrir nossas necessidades, senão para poder dar com generosidade e continuar com o ciclo.

No versículo 10 vemos que Deus também, aumentará os resultados de nosso ministério e *os frutos de vossa justiça*. A palavra frutos (*genemata*, em grego) significa neste caso "rebentos" ou "progênie". É a forma substantiva do verbo "gerar". Os frutos e os resultados de nosso ministério se vêem aqui e aumentarão.

Seremos enriquecidos para toda a beneficência, (v. 11). O que significa "liberalidade"? Em grego, haplotes ordinariamente significa "sinceridade", e se traduz como "generosidade".

Fixemos agora em uma palavra chave do contexto: "*enriqueçais*", a qual é *ploutizo* no original. Quando estuda-se outro idioma, freqüentemente alguém pode descobrir o tom e sabor de cada palavra, mais além do significado simples do dicionário. Creio que o termo "*fazer rico*" da Nova Versão Internacional é muito forte para este vocábulo. Há outro verbo relacionado que usa-se em muitas outras partes da Bíblia.

Ploutizo não leva o significado de fazer-se rico, como vemos quando alguém diz: "sou um homem rico". Essa é a palavra que alguém esperaria escutar quando dois homens de negócios diriam em um diálogo como o seguinte: "Como vão os negócios?" Ao que o outro responde: "Vai bem." O qual não significa que já é rico, senão que seu negócio vai bem e está obtendo um bom lucro.

Prosperidade em dar e receber

Não devemos ficar com o superávit da prosperidade. Este é o sentido literal da frase *enriqueçais para toda a beneficência*. O saldo da diferença entre nossas necessidades e nossa prosperidade deve dar-se para a obra do evangelho.

Deus abençoa a algumas pessoas para que possam ser generosos, não para que se ponham a exibir sua prosperidade ou a julgar os outros cristãos pobres em quanto a sua falta de fé ou a sua espiritualidade.

Eis aqui a matemática do princípio dado por Paulo: O ingresso próspero menos as necessidades presentes é igual o que alguém dá a Deus. O resultado deve-se entregar a Deus e a sua obra. O propósito da prosperidade NÃO é uma vida cheia de luxos, mas sim o avanço do evangelho.

Alguns mestres do movimento reconhecem esta interpretação, mas ainda sustentam a premissa básica de que a prosperidade é proporcional a nossa justiça pessoal.

Belas exceções

A suficiência é a vontade de Deus para a maioria dos cristãos. Ainda que pode ocorrer um prova ocasional, os crentes experimentarão padrões coerentes de bênção econômica, enquanto vão aprendendo a ser obedientes ao Senhor no que diz respeito ao DAR. Ainda que aceitamos que isto é certo em sentido geral, Deus tem algumas exceções honrosas.

Alguns são chamados por Deus para que vivam em um nível espiritual mais elevado que a prosperidade. Há alguns padrões na Escritura quanto as relações divinas com diferentes prioridades. Deus chama a alguns a que deixem umas bênçãos a favor de outros. Não que sejam eles menos dignos, senão mais dignos.

Exceção # 1: Certo tipo de missionários

Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós reinais! E prouvera Deus reinásseis para que também nós reinemos convosco! Porque tenho para mim que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos...

Os coríntios tinham um problema: seu orgulho espiritual. Deus os havia abençoado materialmente, porque Paulo menciona que são ricos (1 Coríntios 4.8). Haviam evidentemente chegado a certo nível de compreensão dos princípios governamentais do reino de Deus porque Paulo diz "reinais"... E vemos como ri-se o apóstolo do orgulho espiritual deles, que havia surgido depois que se enriqueceram.

Podemos imaginar os coríntios dizendo: "Céus! Chegamos verdadeiramente às fontes da fé, do poder e da prosperidade. Chegamos a compreender os princípios que governam o reino de Deus. Começamos a reinar realmente em vida com Cristo, com sabedoria e honra. E não somente isso, senão que entramos a um nível de vida que nem Paulo compreende. Depois de tudo, ele é pobre. Se tivesse fé também seria rico, como nós. Temos que orar por Paulo para que Deus lhe dê a fé que necessita".

Então Paulo teve que tirar o véu que cobria os olhos dos coríntios para que pudessem ver que haviam caído no pecado do orgulho espiritual. Paulo teve que explicar-se que seu chamado ao apostolado era algo que sobre passava qualquer coisa que eles conheciam. Observem como o apóstolo põe a descoberto o esse orgulho.

Nós somos loucos por amor de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes; vós, ilustres, e nós, vis (1 Coríntios 4. 10).

Algumas pessoas são chamadas a uma vida de sofrimento intercessor para bem do corpo de Cristo. Paulo menciona isto em Colossenses 1.24: "*Regozijo-me, agora, no que padeço por vós e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja.*" Este sofrimento intercessor não é expiatório, porque este aspecto foi totalmente cumprido na cruz. Mas existe uma vida intercessora de sofrimento para o bem do corpo de Cristo. Menciona-se no contexto como a viveu o grande apóstolo: *Até esta presente hora, sofremos fome e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa (1 Coríntios 4. 11).* Um ministério intercessor deste tipo requeria não somente orações, senão uma certa vida que levara. Ele viveu em um nível muito mais profundo que a maioria dos ministros experimentam.

Os coríntios, imaturos espiritualmente, não poderiam haver sido chamados por Deus para nada mais além que a mera prosperidade.

Exceção # 2: Perseguição

Em Hebreus 11, assim como em outros lugares da Bíblia e da História da Igreja, podemos observar que muitos cristãos se viram forçados a sofrer escassez, dentro da soberana vontade de Deus, como resultado direto de sua posição firme na verdade. Isto se evidencia em nações detrás da cortina de ferro. Em Hebreus 11. 37-38 lemos:

Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos a fio de espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (homens dos quais o mundo não era digno)...

Deus tem uma perspectiva diferente da nossa sobre a perseguição. Somos como os que observam um tapiz pelo lado contrário, que quando vemos uma linha que parece totalmente fora de lugar desejamos arrancá-la; mas vista do lado correto, vemos que a mesma linha não somente está bem colocada senão que na realidade é o tema principal da obra!

Deus deseja que seus filhos compartilhem Sua glória, mas certos aspectos desta não podem existir sem oposição. Não há heróis sem aventura; nem medalhas olímpicas sem competição, nem coroas sem cruzes.

Uma glória obtida facilmente não é tal coisa. A glória do lutador não está somente em sua força, senão na de seus oponentes. O fato de que na luta do cristão, as armas usadas sejam fracas, somente aumenta sua glória. Davi derrota a espada, a lança e a armadura do gigante com uma pedra de funda. Jesus conquista a morte submetendo-se a ela. Os cristãos derrotam a mão hostil dando a outra face.

A perseguição é, então, tanto o selo da salvação do crente como a perdição do incrédulo. Por isso é que Deus pode vê-la como uma necessidade em certos casos. Às vezes as privações podem ser resultados de pressões mundanas, e não somente sinais de que as pessoas não sabem manejar as finanças.

Exceção # 3. Crescimento espiritual

Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece. (Filipenses 4. 11-13).

Paulo enfrentou com um dilema encantador que todo missionário encontra ao agradecer a seus mantenedores. Ele quer que eles entendam sua gratidão a generosidade que lhe mostram, mas clarifica que não

depende deles. Vê ao Senhor como seu sustentador apesar de que estava em tempo de necessidade.

Paulo confessa haver sofrido às vezes de escassez, o qual o fez humilde. Quem se colocaria diante dele para acusá-lo de falta de fé?

Um mestre da "palavra" de fé escreveu que o termo "contentar-me" significa na realidade "suficiência" e que é o mesmo vocabulário utilizado em 2 Coríntios 9.8. Indica que Paulo realmente quis expressar que não somente vivia em riqueza, senão que pregava e ensinava sobre a prosperidade como parte da expiação.⁴²

As palavras "contentar-me" (Filipenses 4.11) e "suficiência" (2 Coríntios 9.8) são basicamente as mesmas em grego: *autarkes* e *autarkeia* são "suficiente" e "suficiência", respectivamente. Nisto, o dito mestre está correto. Mas cai no erro ao não observar que a forma verbal da qual ambas palavras se derivam, encontra-se em 1 Timóteo 6.8: "Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes". Aqui não há lugar para a doutrina da prosperidade.

Autarkeia é uma palavra com dois significados, dependendo dos limites do contexto. Pode significar "suficiência" ou "contentamento". Em 2 Coríntios 9.8 significa o primeiro, por força do contexto. Mas não significa isto mesmo em Filipenses 4, porque ali o contexto é diferente. Os mestres da prosperidade ignoram estas palavras, "humilde" e "faminto" ou "padecendo necessidade" do versículo 12. Não se pode forçar a Escritura desta maneira para adaptar-se a uma doutrina.

Deseja Deus que vivamos todos na pobreza? É santa a pobreza? Certamente que não, pois assumir que a vontade de Deus é que todos sejamos pobres, é igualmente errôneo que assumir que a prosperidade é para todos. Ambas pressuposições baseiam-se em suposições que não acham fundamento na Escritura.

A doutrina da pobreza não é necessariamente oposta a doutrina da prosperidade. Há uma terceira opção, a qual é bíblica e é o **CONTENTAMENTO**.

⁴². Hagin, Kenneth, *Key to Scriptural Healing*, pp. 9-10.

Na primeira Carta a Timóteo (6.5-8) lemos: "contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho. Aparta-te dos tais. Mas é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes."

Paulo está preocupado principalmente pelos judaizantes de seu próprio tempo, pois eles eram seus perseguidores e quem lhe causavam continuamente problemas ao evangelho.

Os judaizantes mantinham a mesma premissa da mensagem da prosperidade atual. Paulo revela sua causa no versículo 4, que é o orgulho espiritual. Esse problema é tanto a raiz como o fruto da árvore.

Mas, que significa o contentamento? Na voz média do grego (como se vê nos versículos anteriores), significa "estar satisfeito". Um cristão deve ter suficiente graça de Deus e poder espiritual para chegar a um ponto de sua fé no que descanse em Cristo e suas circunstâncias exteriores pareçam irrelevantes diante da sua relação com Deus.

Este último não deve entender-se como uma resignação à pobreza ou a opressão; nem como um fatalismo ou estado transcendental da mente. É uma forma de descanso na fé, na qual as circunstâncias externas não são vistas como o reflexo de uma condição espiritual. Quer dizer, todo o oposto às premissas dos mensageiros da fé.

Um crente equilibrado não vê a prisão por causa do evangelho como um juízo divino ou uma virada financeira como uma falta de fé. Também não mede sua espiritualidade e a compara com sua conta bancária. O verdadeiro crente amadurece em Cristo o suficiente para deixar de medir sua realidade espiritual de tais maneiras e portanto, está contente em qualquer condição na que Deus lhe colocou, sempre e quando saiba que provém dEle. Seu barômetro espiritual é interno, não externo.

Em nenhuma das quarenta publicações que examinei até aqui, pude encontrar nenhuma referência a 1 Timóteo 6.5-6. Nenhum dos líderes do movimento tentam explicar em seus termos. Simplesmente evitam mencionar ou citar o texto.

Deus nos promete suficiência, para que possamos ter um sentido total de segurança nEle em quanto a nossas necessidades materiais. Junto com isto também proveu de suficientes exceções à igreja, para que não sejamos nunca tentados a julgar a nosso irmão porque tenha menos. Aos olhos de Deus, talvez este irmão tenha realmente mais.

Neste capítulo aprendemos que...

- É a vontade ordinária de Deus que os cristãos tenham o suficiente para cobrir suas necessidades, com algo restante para abençoar a outros.
- A lei de plantar e colher é válida, quanto se aplica as coisas de Deus e com ensinamentos corretos.
- Deus pode prosperar a alguns crentes com o fim de que haja recursos para o avanço do evangelho, não necessariamente para elevar seu nível de vida.
- Existem exceções para todos os pontos já mencionados.
 - Certos missionários chamados a circunstâncias extraordinárias.
 - Perseguições.
 - Crescimento espiritual.

CAPÍTULO 10: A heresia de que Jesus morreu espiritualmente

Uma base primordial do Movimento Palavra de fé consiste num ensino muito estranho acerca do sacrifício de Cristo. Dito ponto de vista foi sistematizado pela primeira vez por E.W. Kenyon em sua obra *O que aconteceu entre a cruz e o trono*. Kenyon não inventou esta doutrina, já existia desde a Idade Média. Isso sim, foi o primeiro a sistematizar-la no século XX.

Teologicamente, esta postura se conhece como a heresia JME (Jesus morreu espiritualmente) e constitui a fonte duma surpreendente cadeia de erros, explicados a seguir:

O sacrifício do corpo e o sangue de Cristo na cruz não expiaram o pecado; a morte física de Cristo na cruz ocorreu somente para permitir que Ele morresse em Seu Espírito. Ele se fez, literalmente, pecado na cruz e pôs sobre Si uma natureza satânica, sendo entregue assim a Satanás. Em consequência, Cristo perdeu sua Deidade e foi ao inferno como um homem condenado.

Foi ali, não na cruz, que cumpriu seus sofrimentos pelos pecados. Ao cabo de três dias, o Espírito Santo desceu ao inferno e permitiu que Jesus nascesse de novo, restaurando então sua Deidade. Durante sua estância no inferno, travou uma batalha, depois da qual Cristo tomou as chaves do inferno e a morte, as arrebatou do poder de Satanás. Finalmente foi ressuscitado dos mortos e ocupou seu lugar à destra do Pai.⁴³

Por horroroso que pareça este ensino, mesmo que não creia, é ainda pior. Devido a que Jesus teve que nascer de novo como qualquer outro pecador, com o qual restaurou sua Deidade, o novo nascimento dos crentes também os outorga deidade. Nos tornamos deuses em nosso espírito. Nossos espíritos recriados são feitos à imagem de Deus e são incapazes de pecar. Os cristãos pecam na carne, porém não em seu espírito.

Nós como deuses temos poder criador e, tal como Deus através da sua Palavra criou os mundos, em condição de deuses com espírito perfeito temos igual poder com nossas línguas. Por meio da confissão positiva, podemos

proferir palavras criadoras como deuses e criar milagres de cura e prosperidade.

As doutrinas blasfemas anteriores encontram-se nos ensinamentos citados de Copeland. Também declara Hagin: "A morte física de Jesus na cruz não foi suficiente para salvar-nos."⁴⁴ Escutei Hagin pregar-las no rádio em dezembro de 1984. Todos os mestres da Palavra de fé sustentam a heresia JME, posto que é a pedra angular de sua teologia.

O termo "blasfêmia" não é forte de mais para qualificar essas doutrinas. Tais ensinamentos equivalem a um ataque ao valor da cruz e do sangue nela derramado. Se a cruz não foi um sacrifício suficiente, então o sangue derramado tampouco o seria. Jesus não derramou seu sangue no Hades.

De acordo com a Bíblia, a expiação foi corporal ou espiritual?

*... havendo por ele feito a paz **pelo sangue da sua cruz**,... vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte,... (Colossenses 1:20-23)*

*Em quem temos a redenção **pelo seu sangue**... (Efésios 1:7)*

*...e **o sangue** de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado (1 João 1:7)*

*...temos sido santificados pela oferta **do corpo** de Jesus Cristo feita **uma vez para sempre**. (Hebreus 10:10; TB)*

No último capítulo deste livro, o leitor achará uma lista de trinta versículos do Novo Testamento com os quais se demonstra que o sacrifício de Cristo na cruz foi com seu **corpo** e seu **sangue** (v.g. só corporal). Jesus não morreu em Seu Espírito.

Capítulo 10

⁴⁴. Kenneth Hagin, *Como obteve Jesus seu nome*, fita 44H0, Rhema Bible College, Tulsa, Oklahoma.

Hagin é fundador desta suposta escola bíblica. Cópias desta fita se podem obter em Rhema.

Se parecer insuficientes ditas referências, escutemos o próprio Jesus declarando quando consumou a expiação dos pecados.

E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.(João 19:30).

Mas o que significa *Está consumado*? No grego original, se usa o termo *tetelestai*, o qual deriva do verbo comum "terminar" (*teleo*) que se utilizava para assinar recibos. Seu significado é *cancelado*, i.e., pago totalmente.

Glória a Deus! Tudo o que se requeria para nossa salvação se cumpriu nesse instante... antes de que Jesus fora aos infernos, aonde desceu não como homem condenado senão como Senhor conquistador.

O que é que manifestam os mestres da Palavra de fé acerca deste versículo? Copeland responde: "Quando [Jesus] disse *Está consumado*, nessa cruz, não estava falando do plano de redenção. Este plano acabava de começar, pois faltava que transcorresse três dias com suas noites..."⁴⁵

Que pensa Copeland que disse Jesus ao pronunciar estas palavras, se não se referia à redenção? Pois os problemas aumentam para a interpretação de Copeland:

...Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!...(Lucas 23:46).

Acaso soa isto como que Jesus ia ser entregue a Satanás?

E disse-lhe Jesus (ao ladrão crucificado): Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso (Lucas 23.43).

Este versículo soa como que Jesus ia sofrer no inferno qual um homem condenado?

Em que textos se baseiam os defensores da doutrina JME?

⁴⁵. Copeland, Kenneth, cinta # 00-0303, *What Happened from the Cross to the Throne*.

Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito... (1 Pedro 3:18).

Os mestres de JME assinalam que este texto significa que Jesus foi revivido no Espírito. Então tinha que estar morto no espírito para poder ser revivido nele.

Mas há problemas reais com esta interpretação, pois no grego original há duas pequenas palavras intraduzíveis: **men... de**. Em uma cláusula, elas conotam "por um lado" e "por outro lado." Daí que, as palavras finais do versículo realmente significam algo como: "por um lado esteve morto na carne, mas pelo outro estava vivo no espírito." No só que está totalmente longe de ser uma prova a favor da doutrina de JME, senão que é uma forte evidência contrária.

O seguinte versículo confirma esta interpretação: Por meio do Espírito foi e pregou aos espíritos em prisão. Acaso pensaremos que os espíritos no inferno pregam? Em seu contexto o versículo significa que Jesus esteve morto fisicamente, mas vivo em Seu Espírito, o qual lhe permitiu descer aos mundos subterrâneos e pregar lá.

Os defensores de JME também enfrentam um obstáculo com a frase *uma só vez*, do versículo 18, porque ensinam que Jesus morreu duas vezes: uma morte física e uma espiritual. Porém cavam suas próprias covas ao citarem este versículo já que diz claramente que padeceu *uma só vez*.

Também confundem-se com a palavra "justificar".

Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória.(1 Timóteo 3:16).

Na tradução inglesa, da que dependem estes mestres, se usa a palavra "justificado," em vez de "vindicado." Se arrimam à uma definição errada desta palavra.

A JME ensina que havendo sido Cristo justificado no Espírito, devia haver existido um tempo em que Ele haveria sido injustificado legalmente, por tanto, morreu no Espírito.

Novamente, a ignorância da língua original é a base desta falsa interpretação. O termo justificar não significa, como a crença popular supõe, o ser **feito** justos, senão ser **declarado** justos, ou ser vindicados. A cláusula significa que o Espírito de Deus declarou que Jesus é justo. Este é o testemunho do Pai a respeito do filho em todo o Novo Testamento. O versículo inteiro é um resumo da vida de Cristo e segue o padrão de Sua vinda: "Se manifestou em carne," é a Encarnação. Justificado no Espírito, é a ressurreição. Recebido na glória, é a ascensão.

E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo.(Colossenses 2:15).

Supostamente este versículo comprova que houve uma grande batalha no inferno entre Jesus e Satanás.

Os mestres de JME devem estar desesperados para ter que recorrer a este versículo como evidência, pois um só vislumbre ao contexto derruba essa interpretação. Note o versículo anterior: *havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, **cravando-a na cruz.*** (Colossenses 2:14). Fica demonstrado que foi ali **na cruz, não no inferno**, que triunfou sobre principados e potestades. Novamente o texto acaba com a heresia JME.

E puseram a sua sepultura com os ímpios e com o rico, na sua morte; porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca. (Isaías 53:9).

Os defensores de JME citam este versículo porque insistem que a palavra *morte* estaria no plural em hebraico, o que provaria (segundo eles) que Jesus morreu duas vezes... uma morte física e outra espiritual.

Todo estudante principiante do idioma hebraico sabe que o substantivo plural se usa às vezes para ressaltar sua importância. Então, ainda que se aceite que o substantivo morte esteja aqui no plural, isso não pode ser a prova duma dupla morte de Jesus. Puramente simples, significa que Isaías ressalta a extrema importância da Sua morte.

No entanto, está muito longe da verdade que este substantivo esteja no plural em hebraico. É o artigo que acompanha ao substantivo que aparece

em plural. Judith Matta explica da seguinte maneira em sua obra *Jesus nascido de novo*:

“É verdade que o artigo está no plural em alguns manuscritos, mas o substantivo **morte** não está no texto hebraico. Também é verdade que os manuscritos mais antigos não contêm o artigo **Sua** em plural. Isto fez os estudiosos assumirem que o artigo plural é meramente um erro do copista, devido a que não acompanha a um substantivo plural, como deveria ser. As presunções de Kenyon em seu artigo sobre um Jesus nascido de novo se equilibram, igual a um elefante, sobre uma cabeça de alfinete; tanto ele como seus defensores baseiam sua postura em uns poucos manuscritos com um erro de copista que não se encontra em outros. Nenhum tradutor usou a palavra mortes neste versículo.”⁴⁶

A Bíblia indica:

Pois não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção. (Atos 2:27).

A palavra grega Hades se refere aqui ao inferno. Como revela a narração de Lucas 16, sobre o homem rico e Lázaro, o Hades é composto de duas partes: o lugar de tormento para os condenados e o seio de Abraão, ou o paraíso, para os salvos. Estes dois lugares estão próximos, tanto é assim que o homem rico podia ver Lázaro no outro lado. Jesus desceu ao Hades, mas em nenhuma parte da Escritura nos ensina que haja ido ao lugar dos tormentos. Existe evidência, sem dúvida, de que foi ao paraíso; em Lucas 23:43 diz: *Hoje estarás comigo no paraíso.*

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Mateus 27:46)

Esta seria a prova, segundo JME, de que Jesus esteve totalmente separado do Pai na cruz e que, portanto, morreu espiritualmente. De outra maneira, como poderia interromper-se a comunhão entre o Pai e o Filho?

A chave que desvela as palavras dita por Cristo na cruz jaz na primeira frase que pronunciou: *Deus meu*. Notemos que não disse: *Pai meu*, senão *Deus meu*. Por que se referiu ao Pai como meu Deus, se Ele mesmo era

⁴⁶. Matta, Judith, *Born Again Jesus*, Spirit of Truth Ministries, 1984, p. 34.

Deus? A resposta se baseia na compreensão de que foi também totalmente um ser humano.

Em algumas ocasiões Jesus fala como Deus aos homens, em outras fala como homem a Deus, esta última acontece na cruz e nos recorda a passagem de João 20:17 quando, depois da sua ressurreição, falou à Maria Madalena da seguinte maneira: *"vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus."*

Se identificou assim como sob as duas relações porque a ressurreição já se havia cumprido.

Como homem perfeito, estava realizando o sacrifício perfeito para nós. Obviamente se rompeu sua comunhão humana, mas não existe nem a mínima insinuação de que sua Deidade ou Espírito fora afetada. Vários textos indicam o contrário:

... Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem...(Lucas 23:34). Jamais seriam essas palavras de natureza satânica. *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito...* em Lucas 23:46, Soam acaso como as de um espírito sem comunhão com o Pai? Nas mãos de quem encomendava Seu Espírito o Senhor? Nas mãos de Deus Pai ou de Satanás?

Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.(2 Coríntios 5:21).

Os mestres de JME apóiam todo seu peso neste versículo e o consideram prova suficiente de que Jesus literalmente se transformou em pecador na cruz e de que sofreu morte espiritual.

A chave para compreender este versículo se encontra na palavra *hamartia*, "pecado," na primeira cláusula. Ser feito pecado é uma frase idiomática do hebraico, transferida para o grego e que significa "oferenda pelo pecado."

A mesma é usada de idêntica maneira em Hebreus 10:6-8: *...Sacrifício, e oferta, e holocaustos, e oblações pelo pecado não quiseste, nem te agradaram...* A frase, *expiações pelo pecado* traduz a palavra *hamartia*.

Portanto, o significado de *hamartia* em 2 Coríntios 5:21 é sacrifício pelo pecado ou oferenda para expiação, mas NÃO pecado em si.

A palavra hebraica para oferenda pelo pecado, *chattah*, é traduzida na Septuaginta⁴⁷ (Antigo Testamento grego) como *hamartia*, umas 94 vezes na lei mosaica, onde o significado é de oferenda pelo pecado.

A lei levítica denomina coisa muito santa tanto à oferenda pelo pecado como à oferenda pela culpa: Assim mesmo é a lei do sacrifício pela culpa; é coisa muito santa (Levítico 7:1); será comida em lugar santo, é coisa muito santa, como o sacrifício pelo pecado, assim é o sacrifício pela culpa; uma mesma lei terão (Levítico 6:6-7).

Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o cumprimento destes protótipos, foi Santo em seu nascimento, Santo em sua vida, Santo na cruz, Santo em sua morte, Santo no Hades, Santo na ressurreição, e continua sendo ante todos os anjos que estão diante do seu trono e proclamam **Santo, santo, santo, Senhor Deus todo-poderoso!**

Batalha no inferno

O aspecto da batalha no inferno também apresenta um buraco na sua interpretação, pois não existe uma só porção da Escritura que indique que Satanás haja estado no inferno, nem que tenha domínio sobre este, nem que sequer deseje ir lá.

A Bíblia ensina que Satanás é o príncipe da potestade do ar (Efésios 2:2), que vai e volta da terra (Jó 1:7) e que foi desarmado na cruz (Colossenses 2:14-15). As histórias de Satanás versus Jesus no inferno tem suas origens na mitologia medieval, como por exemplo o *Inferno de Dante*, e agora sobrevivem na imaginação dos mestres da Palavra de fé.

Assim fica aclarado que os defensores de JME não têm nenhum suporte para sua doutrina. Não disseram-lhes isto alguma vez? Abandonariam eles sua posição confrontados pelos atos? duvido, porque JME é a base e fundamento da **heresia da nova criação**.

⁴⁷ Septuaginta é a tradução do Antigo Testamento para o grego, feita uns 200 anos antes de Cristo. Era a Bíblia dos apóstolos, a qual citavam quando se referiam ao Antigo Testamento.

Heresia da nova criação

A história da batalha no inferno continua quando Jesus nasceu de novo no inferno, pôde recuperar sua Deidade. Quando nascemos de novo, também recuperaríamos nossa deidade, a qual fora perdida por Adão no jardim do Édem, tornamo-nos então deuses menores.

Copeland o expõe da seguinte maneira: Quando Deus criou o homem, lhe deu uma vontade com poder, a qual é realmente uma vontade divina, de um deus, devido que o homem tem o poder de escolher seu destino eterno. Só um deus tem esse tipo de opção.

Copeland não iniciou este ensino. Seu verdadeiro iniciador foi Kenyon, no século XX, que o formulou nas suas obras *O pacto de sangue* e *Verdades da nova criação*. Kenyon insiste em que o crente, tal qual um deus, poderia caminhar como Jesus, sem nenhuma consciência de inferioridade diante de Deus ou Satanás...⁴⁸ o qual seria possível só se fôssemos deuses.

Earl Paulk, num programa televisionado em Califórnia, põe ainda mais claro: *Até que compreendamos que somos deuses menores e comecemos a atuar como tais, não podemos manifestar o reino de Deus.*⁴⁹

Como Deus criou no princípio tudo através de sua palavra, nossos espíritos divinos teriam poder criativo similar. Quando falamos com palavras (ex. confissão positiva) estas também são criadoras e nos podem trazer saúde e bem-estar (assim sustentam os defensores da Palavra de fé).

Supostamente, esta influência de nossas palavras faladas com o poder dos nossos espíritos divino-humanos, é tão poderosa que inclusive o Senhor Jesus Cristo é controlado por elas.

O Dr. Paul Cho, pastor da maior Igreja do mundo, em Seul, Coréia do Sul, declara que a pessoa pode criar a presença de Jesus com sua boca. Se a pessoa fala de salvação, o Salvador Jesus aparece. Se se fala de cura divina,

⁴⁸ Kenyon, E.W., *Blood Covenant*, Kenyon Publishers, 1981 p. 53.

⁴⁹ Paulk, Earl, *Satan Unmasked*, Cathedral Shop Publishers, 1984 pp. 96-97.

aparece o Jesus curador. Cristo está atado aos lábios e palavras de quem as pronunciam.⁵⁰

Deveras? Assim poderia ter ao Senhor Jesus Cristo como meu próprio escravo! Ele é meu servo, atendendo-me, e não vice-versa! Perdoem-me meu sarcasmo, mas tais ensinamentos blasfemos me causam irritação.

Inclusive além disso, os líderes da Palavra de fé acrescentam que nossos espíritos humanos são recriados à imagem de Deus, isto é perfeitos. Não podemos pecar em nosso espírito, só na carne.

Existe uma grande diferença entre "imagem" e "cópia." O espelho reflete minha imagem, mas não é uma cópia de minha pessoa. É de vidro, não de carne. Por mais claro que seja o espelho, o reflexo representa só uma pequena parte do que eu sou.

O mesmo acontece com a imagem de Deus. A palavra "imagem" não implica comunicação de substância divina ou atributos divinos. Nós refletimos certas características comuns de Deus, como o sentido moral, a vontade, e nada mais.

Nossos espíritos têm atributos divinos, dizem eles, e conhecem coisas que nós não conhecemos. Numa série de gravações sobre os dons espirituais, Hagin ensina que sempre devemos prestar atenção a nossos espíritos e, se o fazemos, nunca nos equivocaremos.

Vamos de regresso ao jardim do Édem e vejamos onde se encontra a verdade:

Acaso encontramos em alguma parte da Escritura que Adão tivesse tido algum tipo de deidade? Como poderia algo ser restaurado se jamais existiu? Se Adão a tivesse tido, por que então Satanás se teria dado ao trabalho de oferecer que os faria como deuses? Eva lhe teria respondido: Lamento, perdeste a venda hoje, já temos isso.

Então, a serpente disse à mulher: Certamente não morreréis. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os

⁵⁰. Cho, Paul, *La cuarta dimensión, (A quarta dimensão)* Logos Associates, 1987, p. 9.

vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.(Gênesis 3:4-5).

Existe na Bíblia uma promessa de que podemos tornar-nos como deuses. Mas há que observar quem a fez. SATANÁS! E ainda agora continua fazendo esta mesma promessa vã. Que diz Deus a respeito?

Eu sou o SENHOR, e não há outro; fora de mim, não há deus; eu te cingirei, ainda que tu me não conheças.(Isaías 45:5).

Que diz a Bíblia acerca da condição do espírito do cristão?

Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.(2 Coríntios 7:1).

Que maravilha que um só versículo da Palavra de Deus possa derrubar toda uma montanha de erros! Paulo compreendeu que existe pecado do espírito como pecado da carne. Um crente pode pecar em qualquer dos dois níveis, pois existe pecado espiritual e pecado carnal. Um dos pecados espirituais mais usuais é o orgulho espiritual, valha a redundância. Ironicamente, este pecado é muito comum entre os aderentes do Movimento Palavra de fé!

Eu sei, ó SENHOR, que não é do homem o seu caminho, nem do homem que caminha, o dirigir os seus passos.(Jeremias 10:23).

Em nenhum lugar da Escritura nos indica que busquemos direção espiritual dentro de nós mesmos. Devemos sempre buscar nossa orientação no Espírito de Deus. A carga de demonstrar o contrário fica sobre os ombros dos aderentes à heresia que aqui se estuda.

Mas, que evidência apresenta este movimento herético para provar que os cristãos são deuses?

Um de seus textos favoritos é João 10:34-36:

Respondeu-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses? Pois, se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada), àquele a quem

o Pai santificou e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?

Os defensores de JME consideram este texto como a evidência suficiente de seus pontos de vista. Que poderia ser mais claro que o simples enunciado: sois deuses?

Retornemos ao Salmo 82, do qual Jesus estava citando e busquemos ali um esclarecimento. Os versículos 1 e 2 dizem: *Deus está na congregação dos poderosos; julga no meio dos deuses. Até quando julgareis injustamente e respeitareis a aparência da pessoa dos ímpios (Selá)?* A que "deuses" se refere o salmista? Aos juízes que foram nomeados para jogar a Israel de acordo com a lei. O contexto em sua totalidade confirma isto.

A palavra para "deuses" em hebraico é ELOHIM, a qual normalmente se usa para nomear a Deus. Descobrimos na *Concordância Strong* que ocasionalmente é aplicada de maneira diferente para os magistrados da lei. O contexto do salmo confirma isto, sendo então os deuses aqueles juízes injustos que estão assenhorando-se sobre o povo de Deus e oprimindo-o. A pesar de seu grande status em Israel, como se fosse deuses, vocês são nada mais que homens, e como tal morrerão sob o juízo divino.

Eu disse: Vós sois deuses, e vós outros sois todos filhos do Altíssimo. Todavia, como homens morrereis... (vv. 6, 7).

De que maneira se relaciona o anterior com o comentário de Jesus em João 10? Ele estava repreendendo aos fariseus pelas críticas injustas e irracionáveis que lhes faziam. Dizia-lhes que não eram nada melhor que aqueles juízes injustos do Salmo 82. Se Deus lhes chamava deuses, a quem eram homens corruptos, como era que eles lhes chamavam blasfemo a Ele, que era o Justo, só porque havia dito que é o Filho de Deus?"

Com efeito, o que lhes dizia era algo assim como: "Vós, hipócritas, mais pronto aceitaríeis que aqueles juízes injustos fossem deuses, ao que demonstrou sua justiça por meio dos milagres."

A cláusula *sois deuses* de nenhuma maneira pode ser tomada como que significasse que os crentes do Novo Testamento sejam deuses criadores. Inclusive, se tal doutrina fosse certa, não poderia ser provada com este texto, porque nada do que este diz se refere aos cristãos.

Só uma coisa poderia ser pior que dar culto a um deus falso, e essa seria, a pessoa imaginar a si mesmo como um deus. Os mestres da Palavra de fé praticam ambas coisas.

Neste capítulo aprendemos que...

- A doutrina da Palavra de fé a respeito do sacrifício de Cristo constitui uma heresia.
- De acordo com seus mestres:
 - A morte de Cristo na cruz é insuficiente para a expiação do pecado.
 - Cristo teve que morrer espiritualmente e sofrer no inferno como um pecador perdido, para completar o que faltou na cruz.
 - Cristo perdeu sua Deidade na cruz.
 - Cristo teve que nascer de novo como qualquer pecador e então sua Deidade lhe foi restaurada.
 - Cristo travou uma batalha no inferno para vencer a Satanás.
- As mencionadas doutrinas de Palavra de fé são blasfêmias.
- A Bíblia ensina que:
 - O sangue de Cristo é suficiente para todo pecado.
 - O sacrifício de Cristo foi corporal, não espiritual.
 - Cristo desceu triunfante aos infernos, não como um perdido pecador.
 - O sacrifício de Cristo é santo em todas suas etapas, tal como as oferendas pelo pecado no Antigo Testamento.

CAPÍTULO 11: Jó e o Reino

Faz alguns anos, num concurso televisivo, um grupo de infantes devia — cada um— colocar diversas peças de madeira no lugar correto dum tabuleiro. Um dos meninos chegou ao último espaço redondo que lhe sobrava, mas com uma peça quadrada em sua mão. O dilema e a confusão eram visíveis em seu rosto ao dá-se conta de que havia feito tudo errado desde o início do problema. Porém em lugar de ceder ao óbvio, fez o tipicamente humano: tratar de colocar a peça a força no espaço, batendo nela com seu pequeno punho com todas suas forças.

Quão freqüentemente nós cristãos somos tentados a fazer o mesmo com uma doutrina! Apenas pensamos ter a resposta a algo, que horror!, e aparece um versículo que contradiz toda a fórmula. Então, em vez de voltar à premissa básica (a primeira peça), tomamos o versículo, lixamos seus cantos e simplesmente o encaixamos a força. Assim armamos nosso pequeno pacote doutrinal e pensamos que é irrefutável.

O dilema do justo que sofre, retratado no livro de Jó, é a última peça com que o Movimento da fé tem que enfrentar, se deseja manter intacta a universalidade de suas premissas. Assim declaram a respeito que as dificuldades de Jó lhe caíram por falta de fé, a qual por sua vez foi causada por um problema de temor. Para isso citam Jó 3:25: *Por que o que eu temia me veio, e o que receava me aconteceu?*

Jerry Savelle explica que Deus deu riquezas a Jó, mas que ele mesmo as destruiu devido a seu temor. Foi sua própria língua a que o meteu em problemas, segundo diz. Porém, avançando mais no livro, sua confissão positiva lhe faz vencer.⁵¹

Então, de acordo com este ponto de vista, os amigos que lhe consolavam estavam certos. Jó o merecia, por haver ele mesmo ter trazido desgraça pelo seu pecado de incredulidade e temor.

Capítulo 11

⁵¹. Savelle, Jerry, *Living In Divine Prosperity*, Harrison House, p. 50.

Porém revisemos o livro de Jó e vejamos qual foi a causa de seus problemas.

E disse o SENHOR a Satanás: Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero, e reto, e temente a Deus, e desviando-se do mal.(Jó 1:8).

A que temia Jó? Temia a Deus e a Seu juízo! E quando diz no capítulo 3: "*Por que o que eu temia me veio, e o que receava me aconteceu?*," expressa —na linguagem poética do livro—, seu pensamento de que o acontecido proveio de Deus mesmo.

Deus, em Jó 2:3, indica que o ocorrido não tinha a causa em Jó: *...para o consumir sem causa?*

A história completa do desafio de Satanás e as simples respostas de Deus acerca do caráter impecável de Jó eliminam toda possibilidade de que seus problemas lhe vinham por sua causa. A posição do Movimento Palavra de fé acerca deste livro poderia ser válida se se lesse que Deus houvesse dito algo assim: "Está bem, Satanás, tens aqui um ponto a favor. Jó tem um pequeno problema de temor, então tens direito de atacá-lo." Porém é claro que algo assim não se lê, ao contrário, Deus diz: *...e que ainda retém a sua sinceridade, havendo-me tu incitado contra ele, para o consumir sem causa.* (Jó 2:3).

Por que Deus haveria chamado perfeito a Jó, se tinha um problema de medo e incredulidade? O temor a Jeová jamais constitui falta. Deus deixa perfeitamente claro que os desastres sofridos por Jó não provinham de si mesmo.

Outro uso muito peculiar do livro de Jó se encontra no capítulo 36, versículo 11: *Se o ouvirem e o servirem, acabarão seus dias em bem e os seus anos, em delícias.*

Novamente, Savelle exclama que se obedecemos e servimos a Deus, poderemos passar nossa vida terrenal com prosperidade e prazer.⁵²

⁵². Savelle, Jerry, *Prosperity of the Soul*, Harrison House, p. 22.

Savelle ignora que Deus não está dizendo nada disto no versículo 11. É Eliú quem, em meio de seu argumento errôneo, insiste em que os problemas de Jó foram causados por alguma perversidade secreta sua. No versículo 17 do mesmo capítulo, ele diz: *Mas tu estás cheio do juízo do ímpio; o juízo e a justiça te alcançam.*"

Acaso o Senhor confirma a premissa básica de Eliú? NÃO. ...o SENHOR disse a Elifaz, o temanita: *A minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.*(42:7). Em seguida Deus acrescenta que Jó deveria orar por eles: *"...porque deveras a ele aceitarei, para que eu vos não trate conforme a vossa loucura; porque vós não falastes de mim o que era reto como o meu servo Jó."* (v. 8).

Deus mesmo afirma que as declarações dos consoladores de Jó são completos desatinos. Era como se Deus tivesse feito regressar Eliú à lousa para reexaminar sua premissa de que não é possível que um homem justo sofra enfermidade e pobreza. É assim como se conclui que os argumentos de Eliú em Jó 36 são realmente exemplos inspirados por Deus acerca da loucura humana, e não uma declaração da vontade de Deus para os crentes.

Toda a Bíblia é palavra inspirada por Deus, porém nem tudo é uma citação de Deus mesmo. Em ocasiões a Escritura registra as tontices que uma pessoa disse ou fez, para que nós não caíamos na mesma falta.

No pensamento do Movimento da prosperidade, não há lugar para o sofrimento dos crentes obedientes. Se estabelece que certos textos bíblicos indicam que o reino de Deus já veio à terra na forma do Primeiro Advento de Cristo. Versículos tais como Lucas 17:21 (*...Porque eis que o Reino de Deus está entre vós.*) e Mateus 4:17 (*é chegado o Reino dos céus.*) são sua base.

O raciocínio é o seguinte: Já que Deus estabeleceu seu reino na terra com Jesus e seus seguidores, podemos aceder a todas as bênçãos do reino aqui e agora, na época atual. Por não existir enfermidade nem escassez no céu, tampouco deve haver entre nós. O reino é um assunto no tempo presente.

Parece que existe um mal colocar ênfase neste ponto. O reino não foi estabelecido na sua totalidade. Muitos versículos do Novo Testamento indicam que o reino também é no futuro.

Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino, (2 Timóteo 4:1)... guardar-me-á para o seu Reino celestial;... (2 Timoteo 4:18)... pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus. (Atos 14:22).

Além do mais, Paulo nos diz que *carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus,...* (1 Coríntios 15:50).

Por todo o Novo Testamento há um tom futurista quanto ao reino. Os mestres da Palavra adiantam-se nos limites do desenvolvimento corrente do reino e querem que se manifeste tudo no presente. Naturalmente que Deus não deseja a pobreza, a enfermidade, a dor nem a tristeza na terra. Mas a vontade de Deus está em processo de desenvolvimento e ainda não chegou a seu cumprimento na terra.

Até os santos mais piedosos experimentam dor, tristeza ou outros infortúnios no momento atual. E os experimentam dentro da vontade presente de Deus, porque existem todavia dentro duma criação caída.

O fato de que o reino ainda não se cumpra em sua totalidade, produz que certas áreas de nosso entendimento sejam nebulosas. Assim, quando se ensina sobre este tema, o deve fazer com muita cordura e moderação.

A Igreja de Esmirna é outro obstáculo nas suposições da Palavra de fé acerca dos cidadãos do reino. *Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), Apocalipse 2:9.* Aqui Jesus outorga seu reconhecimento à Igreja de Esmirna por suas riquezas espirituais, a pesar de sua pobreza. Se a palavra "rico" estivesse referindo-se à riqueza material, então "pobreza," por contraste, teria que significar destituição espiritual. Mas Deus não louvaria sua pobreza espiritual.

Tampouco não diz que sua riqueza espiritual dependa de sua pobreza material. Este texto não apóia nenhuma doutrina de prosperidade e muito menos de pobreza. Indica que a benção espiritual estava com eles, a pesar de suas circunstâncias econômicas.

Os judeus quando foram dispersos da Palestina depois do Pentecoste tampouco viviam em prosperidade, de acordo com Tiago 2:5-6:

"... Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam? Mas vós desonrastes o pobre. Porventura, não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais? "

A atitude de Tiago se mostra incongruente com a doutrina da prosperidade do século XXI.

Por isso nos distanciamos justificadamente do absurdo ascetismo medieval, o qual surgiu de uma interpretação desequilibrada de ditos textos. Assim mesmo rejeitamos o equivalente desequilíbrio que resulta do distorcido ponto de vista acerca do reino de Deus tal como o apresenta o Movimento Palavra de fé.

Neste capítulo aprendemos que...

- O Movimento da prosperidade sofre dificuldades ao intentar conciliar o Livro de Jó com suas pressuposições.
- O condiciona, afirmando que Jó provocou a si mesmo suas calamidades por seu temor e manifestando seu medo, o qual constitui uma forma de falta de fé.
- O Livro de Jó revela que a causa das calamidades foi uma guerra espiritual entre Deus e Satanás. Nada em Jó era a causa delas.
- Qualquer intento de culpar Jó pelos seus problemas cai na categoria dos "consoladores de Jó."

CAPÍTULO 12: A psicologia do movimento

Por coincidência, meus parentes de ambos lados familiares provem da mesma região dos Estados Unidos da que são os fundadores do Movimento Palavra de fé. Cada país tem suas regiões distintas, que compartilhem o mesmo sotaque e certos padrões de pensamento.

Estou muito familiarizado com a cosmovisão da região Centro-Oeste. Às vezes posso detectar uma pessoa que foi criada em dita região, mesmo que haja perdido seu sotaque, pois suas atitudes e formas de perceber a realidade, a denunciam.

Não me surpreendeu descobrir atitudes típicas do Centro-Oeste refletidas nos ensinamentos de Palavra de fé. A mentalidade de seus fundadores é tão típica dessa região, que ainda mesmo não soubesse sua procedência, teria adivinhado sem dificuldade alguma.

Não todos seus aderentes mostram estas características, nem estes comentários constituem evidências objetivas. Mas certas tendências se notam em seus livros e sermões de maneira tão destacável que valem a pena sublinhá-las.

Extremismo

O extremismo vê a realidade em preto e branco. Todas as coisas tendem a ser absolutamente corretas ou puramente incorretas.

O extremista categoriza às pessoas de maneira similar. Para ele todos são bons ou maus, cheios de fé ou completamente incrédulos. Sente que há uma só forma correta de fazer qualquer coisa. A idéia de que possa existir mais de uma maneira ou, de que um ponto de vista esteja parcialmente correto ou incorreto, não cabe com facilidade na mente dum extremista.

Para o extremista, se o Senhor prospera os piedosos, algo mal deve haver em quem não é rico. Se alguém adocece e Deus não lhe cura, deve ser por pecado ou falta de fé. Interrogações mais além disso são desnecessárias.

Seria muito conveniente se a realidade operasse de maneira acorde. Mas não é assim. Em realidade, nem Deus atua assim. Você percebe que cada vez que pensamos haver descoberto a fórmula espiritual perfeita, Deus faz

algo para mostrar-nos que não é assim? Desta forma crescemos. Quando as coisas não saíram como pensávamos, buscamos a Deus e descobrimos novas verdades.

Um pastor responsável não fechará os olhos diante dos problemas das pessoas, somente porque suas fórmulas não funcionaram de acordo ao plano. Tampouco tachará às pessoas de insinceros ou ignorantes.

A lei mais elementar para raciocinar e investigar em qualquer campo ou domínio humano, espiritual ou secular, funciona sob o seguinte princípio: se um fenômeno não se conforma à teoria aceita, deve-se investigar até saber o porquê. Deus usa este processo natural para guiar-nos a um novo entendimento. Mas às vezes fechamos nossa mente de uma maneira néscia, atuando irresponsavelmente para conosco mesmos, para com os demais e para com Deus.

Anti-intelectualismo

“Não é preferível pertencer a um grupo de pregadores incultos cheios do Espírito Santo que a um de teólogos áridos?” dizia um pregador na gravação. “Bom, sim —pensei—, qualquer cristão preferiria estar no primeiro grupo, cheio do Espírito Santo, sem tomar em conta o grau de educação.”

No entanto, agradeço muito que essa não seja a única opção que tenho. Que tal a seguinte?: Entre quais quisera estar: entre um grupo de pregadores incultos cheios do Espírito Santo ou um de teólogos cheios do Espírito Santo?

Para alguns do movimento esta última opção é impossível. Por que? Por causa do fenômeno do anti-intelectualismo.

Esta postura sustenta que o intelecto é pouco válido na procura e avaliação da verdade. O coração é bom e mau para a cabeça. A razão se opõe à fé ou ao menos é um obstáculo. A educação é perigosa para o crescimento espiritual. Assim são as atitudes que tipificam o anti-intelectualismo.

Durante a primeira metade do século XX, houve uma grande quantidade de avanços científicos e, juntamente com eles, também foram proclamadas teorias pseudocientíficas, como por exemplo, a teoria da evolução. Nas

universidades predominava o ensino das filosofias materialistas e humanistas. A teologia liberal também mostrou grande crescimento.

Neste contexto, produziu-se um clima pouco manejável para muitos cristãos e, em vez de sustentar sua postura e derrotar tais idéias em seus próprios termos, quase todos se retiraram da área do pensamento e do intelecto. Só o "coração" interessava (porém sem definir exatamente que se entende por coração) e como resultado, surgiu uma onda de anti-intelectualismo entre os evangélicos.

Esta postura é também um aspecto do pensamento místico. Para o místico, a razão é um meio inessário para a verificação da verdade. Talvez não o expresse nestes termos, mas em seu coração, pensa assim.

É imprescindível aceitar a validade da razão para avaliar as verdades. Sem isso, nenhum pensamento pode ser válido, incluindo o cristianismo. Ao rejeitar o valor da razão, nem sequer podemos avaliar as verdades bíblicas. Não se pode usar o intelecto para desqualificar sua própria validade.

O anti-intelectualismo nunca é válido. Por definição, se invalida só. Ainda quando pode ser expressado em termos muito "espirituais" e soar mui santo, sempre é um erro.

Mesmo que nossa razão seja válida, nosso nível de conhecimento pode não ser, especialmente quando é conhecimento fora dos limites da criação material, isto é, do campo espiritual. Pois, como se pode saber se alguma informação que chega desde fora da criação é correta?

Para saber, é necessário um padrão com o qual se possa estabelecer um juízo. Tal norma deve ser racionalmente coerente consigo mesma e com o critério para estabelecer um juízo: só a Bíblia preenche estes requisitos e pode ser o padrão para a revelação tanto da verdade como do conhecimento.

Por isso afirmamos que qualquer suposta revelação espiritual que nos obriga a passar por alto a razão, também está obrigando-nos a opor-se a Bíblia.

Ademais, se torna evidente que a doutrina de Palavra de fé se coloca ingenuamente nas mãos do existencialismo e humanismo secular. Estes afirmam que o cristianismo é uma crença sem base racional. Ambos

declaram que existe uma dicotomia irreconciliável entre a fé e a razão. Para estes a fé é crer em algo sem evidências, ou contra elas. Significa um passo não racional, afastando completamente a faculdade humana do raciocínio.

A fé, vista dessa maneira, não é bíblica. A fé bíblica é um passo lógico de confiança, baseada num Deus sempre coerente consigo mesmo. Isto é, a fé, no verdadeiro sentido cristão, não pode ser esvaziada do seu conteúdo racional.

Em todos os demais pontos, o humanismo e a Palavra de fé são contrários. Porém concordam em sua definição de fé. O humanista pode sinalar aos cristãos e manifestar: Aí está! Os mesmos cristãos admitem que sua fé não é racional. Assim se vê sua falsidade!

Misticismo cristão

Um cristão místico é aquele que baseia sua percepção da realidade na subjetividade e nas experiências internas que ele pensa proceder de Deus, em vez de basear-se nos atos objetivos (como por exemplo a análise das Escrituras).

Este tipo de crente só aceita os atos que são consistentes com o que ele crê haver recebido de Deus. Se os atos não são consistentes com suas impressões internas, os descarta e continua proclamando o que imagina haver escutado de Deus.

Todos nós crentes experimentamos impressões subjetivas do Espírito Santo. Com o tempo aprendemos como responder a elas. Mas, todos os teólogos cristãos concordam em que é anti-bíblico basear as doutrinas em algo externo às Escrituras. Infelizmente, existem outros espíritos que tratam de influenciar-nos: o diabo existe. Daí, a razão de que devemos basear-nos num padrão externo como medida das coisas, isto é, a Bíblia.

Alguns líderes do Movimento Palavra de fé seguem o padrão do misticismo. Depois de haver lido uns 40 de seus livros, ficou evidente para mim que eles não chegam a suas crenças por meio do esquadramento das escrituras. Todos mencionam algum tipo de "conhecimento revelado" como base de suas posições. Buscam versículos depois para confirmar tais revelações.

Em vista de que uma análise escritural séria não foi o que lhes convenceu desde o princípio, é quase impossível convencer-lhes de seus erros por meio das Escrituras. Percebem suas revelações com um entendimento superior.

O místico eventualmente se torna uma vítima de seu próprio pensamento e se ele confessar que os seus atos provam seu erro, isto lhe ocasionaria uma tremenda dúvida em todas as crenças de sua vida e ministério. O preço que teria que pagar por questionar seus próprios métodos se torna demasiado elevado. Há muita coisa em jogo, demasiada realidade que afrontar.

Descarta todas as pessoas e atos contrários. O místico se dedica a viver o resto de sua vida numa redoma psicológica irreal mas segura, construída por ele mesmo. A pessoa que não concorda com suas idéias, é taxada como "incrédula" e aquelas que lhe dizem que puseram a prova seus ensinamentos, sem nenhum resultado, são vistas como pessoas que enganam a si mesmas.

Pragmatismo

Se algo soa bem, se sente bem e funciona bem, deve ser o correto. Esta fórmula parece ser seguida por muitos cristãos de hoje, para chegar a suas posturas doutrinárias.

O pragmatismo se baseia na premissa de que se algo funciona bem na vida, deve ser verdade. Esta atitude, tão profundamente baseada na cultura estadunidense, é produto de nossa história.

Contam que um pastor entrou certa noite numa reunião de cristãos e encontrou vários deles jogando Ouija, um jogo que se usa no espiritismo (uma tábua que tem as letras do alfabeto em volta do centro, e que sobre ele se desliza um copo ou outro objeto que vai detendo-se em cada letra para transmitir assim uma mensagem do oculto). Quando lhes advertiu: "Não sabem que isso está mal?," lhes responderam: "mas funciona!" Não foi fácil para o pastor chegar a persuadir-lhes de que o fato de funcionar não quer dizer que é correto ou bom.

As fórmulas espirituais dão resultados se são verdadeiras, mas o fato de que algo funcione não constitui evidência de verdade. Pode se dar o caso de que a razão que parece funcionar seja um espírito falso, como no jogo da Ouija. A evidência da verdade espiritual é a Bíblia e nada mais. Por essa

razão, o que um indivíduo seja próspero em sua vida não prova nada de nada.

Culto aos heróis

“Bom, se toda sua doutrina está errada, Como se explica que estes mestres tenham ministérios tão grandes ?” me perguntava o presbítero duma igreja. Para ele, este argumento era devastador. E eu, na verdade me senti devastado por um momento. Não porque a pergunta fora de difícil resposta, senão por pensar que uma pessoa desse rango na igreja, pudesse considerar isso como um argumento convincente.

Muitas seitas falsas têm ministérios em grande escala, entre eles os mórmons, testemunhas de Jeová e outros. O “ministério” do Papa é muito grande também. O tamanho dum ministério nunca prova que seja portador da verdade.

Indubitavelmente que um líder muito conhecido e respeitado causa grande impacto psicológico. As boas coisas que fez no passado tendem a dar-lhe um ar de credibilidade às que diz no presente.

Mas inclusive um homem bom pode dizer coisas erradas e más. Pedro é o exemplo clássico, quando disse e fez várias coisas muito tontas, inclusive depois do Pentecoste. Paulo teve que repreendê-lo, em Gálatas capítulo 2.

Pedro tinha uma excelente reputação na Igreja, no entanto o encontramos fazendo certas necedades que podia haver posto em perigo o futuro da igreja. Paulo o corrigiu para o bem de todos. Alguns homens bons começam bem, mas terminam fazendo necedades; isto não os transforma em más pessoas, simplesmente em seres falíveis, como todos nós somos.

Nos Estados Unidos, nossa tendência a render culto aos heróis levou alguns líderes de personalidade encantadoras a serem postos em alta estima, sem que realmente o mereçam. Algo similar pode ser o caso destes mestres da Palavra de fé.

Neste capítulo aprendemos que...

- Os mestres da fé compartilham certos atributos: uma mescla de normas culturais estadunidenses junto com o misticismo gnóstico.

- Misticismo cristão
- Extremismo
- Anti-intelectualismo
- Pragmatismo
- Culto aos heróis

CAPÍTULO 13: A negação dos sintomas: É válida?

"O evangelista não deve chegar doente," pensei. Mas, ali estava eu, quinze minutos antes da reunião, do lado de fora da tenda com dor de estômago.

Tinha ido apoiar a um missionário amigo que realizava reuniões evangelísticas numa tenda. No caminho, tive a suspeita de que ia pregar. Assim, quando o pregador local não apareceu, não me surpreendeu quando meu amigo missionário me pediu para pregar. A surpresa era minha dor de estômago.

"Bom," pensei, "se não é a vontade de Deus que eu pregue, poderia dizer-me de outra forma." Concluí então que Satanás era o culpado. Subitamente, o Espírito de Deus me deu a impressão de que a dor era uma mentira de Satanás e que eu devia declarar que estava curado em o nome de Jesus. Reprendi o diabo e fiquei curado mesmo antes de sequer terminar a oração. A reunião continuou no horário planejado, e houve curas!

Existem incontáveis promessas sobre a cura na Bíblia. Aqueles que presumem que o ministério de cura existiu só na primeira época da Igreja têm sérias dificuldades para comprovar sua negação por meio da Bíblia. Milagres de cura existem hoje em dia.

A outro extremo, continuamente somos exortados através dos canais cristãos e livros populares acerca de que podemos ser curados instantaneamente, de qualquer doença, se pormos em prática a nossa fé em Cristo.

Um popular "cântico" diz: "levantemos e sejamos curados" em o nome de Jesus. Enfatiza que Deus já fez tudo o que tem que fazer e que Cristo morreu por todas nossas doenças, além de nossas culpas. Se não recebemos cura é porque não temos a vontade de apropriarmos das promessas de Deus.

Não se trata de questionar a validade da cura divina já que o testemunho da Escritura é claro. O que preocupa é que muita gente tem tratado de "levantar-se e ser curada" e não têm podido. Sabem que creram em Deus e esperaram com grande expectativa os resultados de sua fé. Quando a cura não se manifesta, começam a sentir culpa, pensando: "Não exercemos a fé"

ou "Algo de mau está acontecendo com minha espiritualidade," e entram num círculo de sofrimento, culpa e dúvida que lhes levam ao desespero.

Em nenhum lugar do Novo Testamento se garante que os doentes serão curados instantânea e milagrosamente, sem exceção alguma, sob a condição única de sua fé em Cristo. Depois de muitos anos de estudar sobre o tema da cura divina, não pude achar esse tipo de promessa. Ainda que todos os mestres da Palavra da fé o expressem juntos em um só coro, não poderão encontrar esta promessa onde não existe.

A forma mais popular de aproximação ao tema da cura divina se pode chamar "a negação dos sintomas" e constitui a pedra angular do movimento da Palavra. Esta forma consiste em que a pessoa afligida pela enfermidade seja instada urgentemente —depois de ter orado por ela— a negar os seus sintomas indicativos de enfermidades. Estes sintomas são então chamados "mentiras do inimigo."

As premissas sob as quais funciona este método são as seguintes:

1. É a vontade de Deus que a pessoa goze de perfeita saúde.⁵³
2. A pessoa deve crer que já está sã antes de que se manifestem os resultados, se deve negar todos os sintomas.⁵⁴
3. Se não consegue a cura, se considera como falta de fé ou de pecado oculto.⁵⁵

Os que lideram o uso deste método não estão totalmente de acordo entre si na sua forma de aplicação. Quanto à doutrina da prosperidade, sim, existe um consenso, mas não no que diz respeito à doutrina da cura.

Alguns chegam a crer que recorrer à ciência médica constitui uma falta de fé. Outros consideram que a medicina é meramente uma forma em que

Capítulo 13

⁵³. Hagin, Kenneth, *A Palavra da fé*.

⁵⁴. Hagin, Kenneth, *Key to Scriptural Healing*, p. 13.

⁵⁵. Capps, Charles, *The Tongue a Creative Force*, p. 35.

Deus manifesta sua cura e não vêem suas visitas ao doutor como uma contradição a seus ministérios de cura.

Vários seguidores da Palavra da fé negam a existência da enfermidade que lhes aflige e preferem dizer que são sintomas enganosos. Outros não negam a realidade da enfermidade, porém declaram que esta tem “direito” de estar neles.⁵⁶

Um reconhecido mestre da fé, por exemplo, explicava num de seus livros como lhe atacavam os sintomas da gripe: congestão nasal, dor nos olhos e dores musculares por todo o corpo; mas que se recusou absolutamente a aceitá-los. Depois de vários dias de valente luta e pela abundante confissão positiva, os “sintomas enganosos” o deixaram e não chegou a ter a enfermidade.

Tais “testemunhos” são o cúmulo do absurdo. Está dizendo que os micróbios da gripe não estavam em seu corpo depois de tudo? Ou que os “sintomas enganosos” tinham alguma causa espiritual independente dos micróbios?

Nesta seção será desnecessário tratar extensamente com certos textos ou pontos argumentativos, devido a serem idênticos aos já tratados na doutrina da prosperidade. Os capítulos acerca da confissão positiva, 3ª João 2 e Marcos 11:24, se aplicam igualmente à questão da cura e faremos alusão a eles somente quando for necessário esclarecer algum ponto.

Deve-se esclarecer que nem todos os praticantes da cura pela fé são membros do Movimento Palavra da fé. Por exemplo, a falecida Kathryn Kuhlman que foi uma de suas principais praticantes, tinha pouca paciência com aqueles que mantêm que a fé inevitavelmente leva à cura das doenças.

Em sua obra intitulada *Eu Creio em Milagres*, Kuhlman declara com desdém que muitas vezes viu pessoas dizer aos gravemente enfermos que não eram curados devido a sua falta de fé. Também disse que muitas vezes viu-se inclinada a reacionar contra àqueles que jugam aos demais na base disso.

Quando perguntaram a Kuhlman por que nunca havia escrito um livro sobre o mecanismo do ministério da cura, ela declarava não o haver feito

⁵⁶. Savelle, Jerry, *If Satan Cannot Steal Your Joy...*, Harrison House, Tulsa, OK, 1983.

porque nem ela mesma entendia. Durante um tempo pensou que era absolutamente necessária a fé do enfermo, mas disse que Deus lhe demonstrou o contrário, quando curou um homem surdo que declarou não crê. Tais experiências jogaram por terra sua crença anterior.

Inclusive, no que toca à vontade de Deus acerca da cura, Kuhlman duvidava. Ainda que, no sentido geral, ela sentia que a vontade de Deus era curar, também menciona que não estava segura se era ou não, assim em diversos casos. Devido a este último, se estivesse viva, Kuhlman não seria considerada como uma mestre do movimento da fé, pois não estaria alinhada com as premissas do mesmo. Ainda que vários mestres da fé considerasse estes pontos de vista como expressão de incredulidade, poucos têm visto as multidões que ela atraía ou visto resultados semelhantes aos que obtinha.

Como vários dos principais mestres estão em total desacordo entre si, e devido a questão da cura divina ser muito complexa, devemos limitar nosso estudo ao método da negação dos sintomas. Examinaremos as premissas e as Escrituras relacionadas com elas, num intento de determinar se este método é correto com respeito às Escrituras e em que grau se justifica a causa do interesse generalizado em nossos dias.

Esperamos chegar a uma conclusão equilibrada como para sustentá-la sem danificar a fé nem restringir a mão do Deus soberano; seja com respeito a sua habilidade de curar ou aos métodos que Ele emprega.

Examinemos, pois, algumas perguntas vitais.

Em 1 Pedro 2:24, nos garante a cura instantânea e milagrosa?

...por suas chagas... (1 Pedro 2:24).

carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados. (1 Pedro 2:24; RA).

A mais mínima menção do tema da cura nos círculos da Palavra de fé, provoca —quase garantido— os clamores de "*por suas chagas, fostes sarados.*" Esta cláusula é vista como evidência adequada para o método da negação dos sintomas, capaz de silenciar toda oposição.

Esta interpretação gira em torno do uso do tempo passado do verbo "sara." Para o movimento da Palavra, nossa saúde física é algo já legalmente obtido, assim como está a nossa disposição a salvação dos pecados; e já que esta pode ser ganha pela fé somente, igualmente aquela. A única barreira possível é a incredulidade.

As marcas do látigo (as chagas) nas costas de Jesus foram um substituto para nossas enfermidades, segundo estes mestres, assim que não há base legítima para estar doente, à parte do pecado. Qualquer sintoma de enfermidade é uma mentira do inimigo, que deve ser rechaçada.

Ainda que acontecem milagres através deste método, não estamos tratando com testemunhos, senão com análise da Escritura. Apesar de que o método da negação dos sintomas pode ter base escritural, é inaceitável que I Pedro 2:24 seja prova dele. Dou minhas razões a seguir:

1. Nada muda, esteja a cura presente ou não na expiação.

Ainda que reconheçamos que este versículo prova que a cura está na expiação, ainda assim não é prova de que deva ocorrer instantaneamente ou por meios milagrosos. O assunto de quando e o como não se menciona, só o assumem aqueles que desejam interpretá-lo dessa maneira.

Todo aspecto da salvação se cumpre na expiação: alguns destes aspectos estão a nossa disposição ao momento, mas outros não. A glorificação de nossos corpos, a plena restauração da criação material, nosso direito a governar e reinar junto com Cristo na terra, todos são parte da expiação.

Nosso aperfeiçoamento e santificação foram também logrados no Calvário, pelo qual podemos experimentar paz com Deus e segurança de nossa salvação. Mas, quantos somos já perfeitos? A santificação é um fato legal e um processo por vez. Deus usa uma variedade de experiências para aplicar estes benefícios a nossas vidas, alguns agradáveis, outros não tanto.

O que acontece por alto na interpretação que faz a Palavra da fé de 1 Pedro 2:24, é a distinção entre a compra legal realizada no Calvário e seu resultado na experiência. Ainda que aceitemos que Jesus morreu por nossas enfermidades, a questão do tempo e o método de aplicação todavia fica aberto.

2. A cura física não está no contexto

Ao ver a palavra "sarado", o conceito de enfermidade física vem à nossa mente instantaneamente. Os usos figurativos desta palavra são menos freqüentes no português. Mas na Bíblia, cura se entende também como salvação.

Em Atos 28:27, por exemplo, Paulo cita do capítulo 6 de Isaías: *...e com os ouvidos ouviram pesadamente e fecharam os olhos, para que nunca com os olhos vejam, nem com os ouvidos ouçam, nem do coração entendam, e se convertam, e eu os cure.* No contexto, tanto dos Atos como de Isaías, a purificação da culpa moral é o tema, não a cura física.

Em toda a Primeira Epístola de Pedro não se menciona a cura divina, ainda que certamente o apóstolo cria nela. A primeira metade do versículo demonstra que Pedro se refere à crucificação de Cristo pelo pecado, *carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados...*

O Novo Testamento basicamente emprega três palavras gregas para "curar." Uma delas é **therapeuo**, a qual significa cura física (literalmente "curar"). A outra palavra é **sozo**, que significa "salvar" e também "curar," pois se salva o enfermo das conseqüências da enfermidade. A terceira é **hiaomai**, sendo esta a que escreve Pedro em sua primeira carta (2:24), e significa "curar."

Este último termo tem a peculiaridade de que é uma palavra "camaleão," isto é, que toma seu significado do contexto. Se o objeto gramatical é algo espiritual, a palavra significa cura espiritual. Se o objeto é algo físico, se deve dar o significado de cura física. Para interpretar este verbo, a pessoa deve perguntar: "É o objeto do verbo algo espiritual ou algo físico?" A interpretação acorde será a correta.

Ao aplicar este princípio à 1 Pedro 2:24, se pode ver que Pedro se refere a algo espiritual: o pecado. Pelas feridas de Cristo fomos curados da "doença" do pecado; conceito que encaixa perfeitamente na teologia e ênfase de toda 1 Epístola de Pedro.

Se Pedro tivesse desejado esclarecer que se tratava de cura física, o termo mais apropriado teria sido *therapeuo*, e não *hiaomai*.

3. É uma citação de Isaías 53:5

Alguns argumentam que seria repetitivo dizer a mesma coisa duas vezes num versículo. Portanto, Pedro deve haver querido referir-se a algo diferente do pecado, em sua última cláusula.

Deve-se tomar em conta que esta referência é uma forma muito típica da poesia judia, chamada paralelismo e exemplificada no livro de Isaías. A poesia hebraica é uma rima de idéias mais que de sons. A última seção de um versículo repete o significado da primeira parte, porém em diferentes palavras. Esta fórmula se vê constantemente nos Salmos, daí sua beleza. Por exemplo: *De Jeová é a terra e sua plenitude; o mundo e os que nele habitam* (Salmo 24:1).

Vários dos profetas usavam este formato e temos em Isaías o principal exemplo. Se a cláusula de "*por suas chagas, fostes sarados*" se referisse a algo diferente da primeira parte do versículo, constituiria uma ruptura do padrão poético de todo o capítulo 53 de Isaías.

Alguns mestres acidentalmente confundem a diferença entre Isaías 53:5 e o seguinte versículo citado por Pedro. Se desdobram para provar que o versículo 4 se refere à cura física, sinalando que "dores" na realidade significa "doenças." De alguma maneira o mesclam com o versículo de "por suas chagas" e pronto!, encontram a relação com a cura física.

Para ser precisos, devemos distinguir cuidadosamente estes dois versículos e onde os cita no Novo Testamento. Mateus cita o versículo 4 em Mateus 8:17, referindo-se com clareza à cura física. Porém Pedro tomou o versículo 5 de Isaías para citá-lo em sua segunda carta 2:24, e este não se refere a cura do tipo físico.

Em que versículo do Novo Testamento se encontra algo da negação dos sintomas? O mais possível é que em Marcos 11:24, que já foi analisado no capítulo cinco desta obra. O essencial de dito texto é que a resposta se deu no sentido legal, antes da manifestação visível.

Negar que o termo "tudo" incluía a cura seria absurdo. Muito menos podemos excluí-la na base de que não seja mencionada (a cura) especificamente em todo o capítulo. Negá-lo nos obrigaria a limitar a fé a "mover montanhas" e "secar figueiras."

A única precaução que devemos ter quanto à aplicação deste texto à cura por negação dos sintomas reside no discernimento da vontade revelada de Deus, quanto ao tempo e ao método.

As Assembléias de Deus, uma denominação classicamente pentecostal que na verdade crer na cura divina, tomam uma posição moderada acerca do sofrimento devido a enfermidade dos crentes.

...quando os crentes optam seguir o modelo do Rei dos reis ... Poderão reconhecer a verdade de Romanos 8:17, acerca de que são herdeiros junto com Cristo: "se é que padecemos juntamente com Ele, para que juntamente com Ele sejamos glorificados". Paulo inclusive chegou a gloriar-se em suas fraquezas, em vez de negá-las (2 Coríntios 12:5-10.)⁵⁷

Alguns evangelistas do movimento testificam que receberam curas milagrosas por meio de Marcos 11:24. Seu entusiasmo é compreensível. Eles facilmente fazem confusão do dom especial da fé que experimentaram, com a fé geral da vida cristã ordinária e, por isso, caem em erro doutrinário e em juízos críticos.

Jesus ou os apóstolos aplicaram o método de cura pela negação de sintomas? Consideremos alguns possíveis exemplos:

1. Os dez leprosos, Lucas 17:12-14.

e, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe. E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós! E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos.

A cura tomou lugar depois que os leprosos creram na sua palavra e a obedeceram. Este exemplo claramente contém o elemento da fé, mas não cumpre os passos da negação dos sintomas. Jesus não requereu que eles confessassem sua cura como obtida antes que realmente ocorresse.

⁵⁷. The Believer and Positive Confession, declaração oficial das Assembléias de Deus, reunião do Presbitério Geral (EUA), agosto, 1980. Para ver este documento visite: http://ag.org/top/beliefs/position_papers/4183_confession.cfm

2. O filho do nobre, João 4:49-51

Disse-lhe o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra. Disse-lhe Jesus: Vai, o teu filho vive. E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse e foi-se. E, descendo ele logo, saíram-lhe ao encontro os seus servos e lhe anunciaram, dizendo: O teu filho vive.

O nobre demonstrou sua fé em Marcos 11:24, já que creu sem ter nenhuma evidência visível da cura, a parte da palavra de Jesus. Não podia ver seu filho, pois não se encontrava presente. Jesus não requereu-lhe que negara nenhum sintoma, somente que crera em sua palavra.

3. O criado do centurião, Mateus 8:13

Então, disse Jesus ao centurião: Vai, e como creste te seja feito. E, naquela mesma hora, o seu criado sarou..

A cura foi efetivada instantaneamente, baseada na fé do centurião. Este devia crê que seu criado seria curado com uma só palavra de Jesus. A ausência do criado apresenta o mesmo problema do caso anterior. Estes incidentes são excelentes exemplos de fé, mas ficam muito longe de ser prova da cura por negação dos sintomas.

Outros exemplos do Novo Testamento sobre este método de cura não vêm logo à mente. Se aceitássemos que os mencionados podem ser tomados como exemplos do método, apenas seriam três casos num total de trinta aproximadamente, aparecidos no Novo Testamento. Isto é uns dez por cento do total.

Perguntamo-nos o porquê de tanta ênfase num método que representa não mais que dez por cento dos casos. Por que o proclama como se representasse os cem por cento? É apropriada esta perspectiva bíblica?

É meu parecer que um ministério responsável deveria submeter este método a orientação do Espírito Santo para cada caso individual e não empregá-lo quando não existe indicação de que deva ser aplicado. A igreja deve reconsiderar sua postura e adotar um equilibrado e moderno enfoque do tema da cura.

O que dizer acerca das curas que atribuem os mestres da fé? São genuínas?

Possivelmente sejam. Não por seus ensinamentos, senão a pesar deles.

Pelas minhas conexões com uma variedade de grupos cristãos, pude concluir que estes mestres não experimentam um maior percentual de curas que outros. O que acontece, é que eles falam mais a respeito.

Já se discutiu o tema da "manipulação semântica," pela qual se alteram as definições bíblicas. Os milagres experimentados no movimento da fé podem ser um efeito reverso de manipulação semântica.

Quando ditos mestres usam as palavras *Deus, Cristo* ou *fé,*" os ouvintes podem assumir que estão falando sobre uma só confiança em Deus. Possivelmente ignoram que os mestres na verdade se referem à manipulação de Deus e a uma força mística chamada "fé." Deus, em sua misericórdia, passa por alto a ignorância de tais ouvintes e responde a seus clamores.

Minha suspeita é que isto acontece amiúde na América Latina. O catolicismo ensina uma correta doutrina de Deus, apesar de seus crassos erros. Os católicos, ou quem deixaram o catolicismo, podem clamar o nome de Deus, como foram doutrinados. Pela sua graça, Deus pode usar esse chamado, apesar do conteúdo falso das palavras que os mestres pregam.

Neste capítulo aprendemos que...

- O Movimento de fé sustenta falsas premissas com respeito à cura.
 - Premissa falsa # 1: A saúde perfeita é sempre a vontade de Deus.
 - Premissa falsa # 2: Uma pessoa deve crer que já está sã, ignorando os sintomas, antes que se manifeste sua cura.
 - Premissa falsa # 3: Se não ocorre a cura, isto evidencia a falta de fé ou que existe pecado oculto.

- Nenhuma das premissas mencionadas é bíblica.
 - O texto chave da Palavra de fé, 1 Pedro 2:24, não apóia estas premissas.

- Inclusive se a cura é parte da expiação, o contexto não menciona nada sobre o tempo ou método da cura, nem se esta será durante a vida terrenal.
 - O tópico do texto é o perdão, ou seja cura espiritual, não física.
 - O texto é uma citação de Isaías 53:5, o qual tampouco tem nada a ver com a cura física.
-
- Ainda que Deus possa levar alguém a negar os sintomas de sua doença, isto não deve ser tomado como a norma para todos os casos.

CAPÍTULO 14: Jesus curou a todos?

Toda mensagem do movimento põe uma grande ênfase no ministério de cura do Senhor Jesus. Isto em si não é mau. Jesus, de fato, é nosso médico por excelência.

Os mestres da Palavra de fé quase sempre ressaltam que Jesus curou a todos os que se achegaram a Ele com fé. Citam textos como Mateus 4:24 (*e lhe troucerão todos os que tinham doenças; e os curou*). Logo explicam que *Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, y por los siglos* (Hebreus 13:8). Do qual concluem, que Jesus sempre cura àqueles que oram com fé, inclusive hoje.

Alguns se surpreendem ao saber que Jesus nem sempre curou a todos que iam a Ele. Para prevenir-nos de pensar que está obrigado a fazê-lo, nos deixou um exemplo em Lucas 5:15-16:

Porém a sua fama se propagava ainda mais, e ajuntava-se muita gente para o ouvir e para ser por ele curada das suas enfermidades. Porém ele retirava-se para os desertos e ali orava.

A conjunção *Porém* indica que Jesus não fazia o que se esperava dEle todas às vezes. Com freqüência fez outra coisa.

Aparentemente Jesus desejava ensinar a seus discípulos que a comunhão com o Pai era mais importante que o próprio ministério, por más glorioso que este fora. Assim que, por excessão, às vezes Jesus se recusava a curar a multidão.

Também devemos considerar o fator da eleição divina quanto a cura. Os cristãos não concordam em qual seria sua causa. Mas temos um exemplo dela em João 5:1-5, onde se relata a cura de um homem incapacitado no tanque de Betesda.

Jesus não foi atraído a curar este homem por sua fé, pois não a tinha. Este ignorava a identidade do Senhor tanto antes como depois de ser curado. Este milagre não está relacionado com a fé, senão com a soberana vontade divina.

O versículo 9 esclarece que foi curado enquanto estava deitado em seu leito. Este homem não mostrou mais fé que qualquer outro ali presente.

Seria em vão perguntar o porquê de Jesus ter escolhido a ele e não outro. Se perderia de vista a lição deste acontecimento. A decisão soberana de Deus na cura opera aqui e a pergunta é incontestável. Deus não está interessado em ajustar-se a nossos sistemas exatos de lógica ou fórmulas espirituais e ignora nossos sentimentos acerca do que é justo ou não.

Jesus é verdadeiramente a mesma pessoa que era aqui na terra, mas já não tem o mesmo ministério. Ele está em uma posição de autoridade e seus propósitos são dirigidos de maneira muito diferente de como era quando esteve de forma visível entre nós.

Agora é a Cabeça da Igreja, a qual é Seu Corpo. Isto significa que seu ministério de cura há sofrido uma mudança fundamental; agora este ministério o cumprem seres humanos, agentes imperfeitos. Com isto já temos suficientes problemas novos, que deveriam suavizar o martelo dogmático.

Quando chamamos as pessoas a seguir a Cristo, também lhes estamos chamando a nós e à igreja. Temo-nos tornado participantes ativos do processo de cura. Já não está as mãos de Jesus posta sobre os corpos enfermos, senão em nossas mãos. Mais deveríamos tremer que orgulhar-nos. Se consideramos esta realidade, resulta mais condizente ser humildes a fazer declarações enganosas.

O caso de Timóteo

Timóteo é outra interessante exceção da postura da super fé. Paulo o instou em 1 Timóteo 5:23 a que *Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades*. Suas aflições eram sem dúvida, físicas. A palavra "estômago" não pode tomar-se como figurada, nem podemos pensar que o vinho tenha que ser administrado por razões espirituais.

Mas, estamos seguros de que Timóteo tenha fé? Em 1 Timóteo 1:2 o discípulo de Paulo é chamado "verdadeiro filho da fé." No original se lê "*a Timóteo, um genuíno filho da fé.*" Paulo felicita a Timóteo por *sua fé autêntica*. E acrescenta, em 2 Timóteo 1:5, *trazendo à memória a fé não*

fingida que em ti há,... "Não há dúvida do nível da fé de Timóteo, e ainda assim sofria freqüentes enfermidades."

Nunca escutamos que Paulo lhe exorte dizendo: " Creia somente em Deus para ser curado," nem dizendo que seus sintomas eram mentirosos. Ficamos sem saber porquê Deus não o curou de maneira sobrenatural. O que sim sabemos é que o problema não era falta de fé.

Através de todo o Novo Testamento, não se vê crítica da parte dos apóstolos para com os enfermos. Não se critica a ninguém por falta de fé, se estavam enfermos ou tinham pobreza.

O espinho de Paulo

E, para que me não exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de não me exaltar.(2 Coríntios 12:7).

Nunca doeu tanto um espinho como o de Paulo nas costas dos evangelistas desta doutrina. Eles dão explicações muito complexas para manter a sua posição de que um homem de fé e poder, nunca estará enfermo. Para eles é muito mais Repugnante a noção de que Deus pode realmente usar a enfermidade como um meio de orientação em seus ministérios.

Mas não se pode inferir de outra maneira a leitura de Gálatas 4:13: *E vós sabeis que primeiro vos anunciei o evangelho estando em fraqueza da carne.*

O termo grego **dia** (no caso acusativo) só pode significar que Paulo pregou o evangelho na Galacia a causa de sua enfermidade, a qual lhe deteve o tempo necessário para estabelecer ali a igreja. Alguns supõem que sua aflição não era física, é refutado pela frase "*no corpo,*" do versículo 14.

Uma explicação comum, acerca do espinho de Paulo, dada pelos mestres da Palavra de fé, é que era um demônio que lhe havia sido designado por parte de Satanás, para que lhe acompanhasse e pusesse obstáculos em seu ministério. Esta explicação parte da frase "mensageiro de Satanás," do versículo 7 de 2 Coríntios capítulo 12.

Paulo disse que seu espinho era algo em seu corpo. Se fosse um demônio, significaria que o tinha em seu corpo. É esta uma perspectiva aceitável? Muito dificilmente! Nem sequer encaixa com o versículo 10, onde disse: *Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando estou fraco, então, sou forte.*

Se a enfermidade de Paulo era uma perseguição, então que significa o que se menciona no versículo 10. Em que parte da Bíblia diz que a perseguição deve ser vista como "enfermidade" por parte do crente?

Paulo não era o único que sofria angústias e perseguição por Cristo. Pedro foi encarcerado e martirizado. Estevão morreu apedrejado e Tiago por espada. Parece que as angústias eram comuns entre os primeiros cristãos. Havia por acaso um demônio designado a cada um? Quando os crentes hoje sofrem perseguição por Cristo, significa isso, por acaso, que também existe um demônio designado para cada um deles, para mantê-los humildes?

Alguns reconhecem que a aflição de Paulo era física, porém discutem que não se aplica na atualidade. Este "*espinho na carne*" haveria sido dado para que "*pela grandeza das revelações*" dadas a ele, não se orgulhasse e se exaltasse "*desmedidamente.*"

Segundo esta lógica, não podemos aplicar isto a nós ao menos que tenhamos as mesmas revelações como Paulo.

É ilógico assumir que uma pessoa deveria conseguir ao menos algo igual a Paulo para ser tratado assim por Deus. Alguns cristãos são orgulhosos, inclusive sem haver conseguido nada de nada. A restrição era ao orgulho de Paulo, não a seus logros. Assumir que Deus não aplica essas restrições hoje em dia é tanto irracional, como presunçoso.

Quem é o culpado?

"O acosso dos membros de minha igreja é quase pior que o câncer!," disse-me Judy, tremendo. "já não posso suportar nem um minuto mais e estou a ponto de retirar-me da congregação."

Judy era uma mulher jovem, acometida de câncer no colo do útero, que havia adiado sua operação por muito tempo, enquanto buscava a Deus e confiava que ia ser curada. Apesar de sua fé, Deus não a curava

milagrosamente e ela continuava assistindo a sua igreja carismática, onde em cada reunião, os irmãos lhe diziam: "Ah, Judy, como desejamos que creias que Deus vai curar-te!" Tais comentários feriam profundamente suas emoções já tão delicadas e afetadas.

Quando já não se podia suspender mais a operação, seu esposo Tom tomou as rédeas do assunto e a hospitalizou, antes que sua doença fora inoperável.

"Enquanto esperava a cirurgia," informa Judy, "os irmãos seguiam vindo com livros e gravações sobre a fé, para que eu os estudara. Quase não podia sustentar em minhas mãos um livro, muito menos lê-lo."

"Diziam-me: 'Se tivesses fé suficiente, não terias que passar por esta operação.' Eu cria com todas minhas forças, porém, como Deus não me curava, cada vez me sentia mais e mais culpada. Esse círculo vicioso e o acosso dos irmãos quase me fazia perder a razão."

A cirurgia foi um êxito, porém ao regressar à igreja, uma irmã lhe deu as boas vindas dizendo-lhe em um tom triste: "Como sinto que tenhas submetido à operação! Como desejei que tivesses fé para ser curada. Assim não terias necessidade de operar."

Judy disse que esse comentário lhe doeu tanto como a incisão. A cura conseguida através da cirurgia, em vez de haver esperado por um milagre, era evidência inegável do fracasso espiritual.

Seria tranquilizador imaginar que o tipo de experiência sofrida por Judy fosse algo raro. Mas não é assim. Há centenas de dramas similares sofridos por crentes que foram influenciados pela doutrina da cura garantida. Baseando-nos em Tiago 5:14-16, vemos que inúmeros de erros se têm cometido neste caso:

Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, unguendo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis; a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos..

Tiago se refere a enfermidades graves. Devido que a pessoa afligida deve "chamar" aos presbíteros, está obviamente incapacitados de ir vê-los. A frase "*salvará o doente*" é muito forte e indica que a vida da pessoa corre perigo. É muito duvidoso que este texto se possa aplicar a doentes menos graves.

É de notar também que se deve chamar os presbíteros, não a qualquer outro crente. Ainda que é certo que todos os crentes têm direito de orar pelos enfermos, esta deve ser tratada pelos líderes da igreja em casos de enfermidade grave. A frase "*orem sobre ele*" se refere aos presbíteros.

O delicado equilíbrio existente entre alma e espírito, corpo e mente, deve ser manejado por homens de Deus amadurecidos por seus anos de experiências. Os que tenham merecido a ordenação a cargos de liderança espiritual são os melhores qualificados para entender o complexo da natureza humana. Em ocasiões, em que a confissão de pecados é só para ser escutada por pessoas com essas características.

A oração da fé será feita pelos presbíteros, não pelo afligido. O texto não menciona que a fé do enfermo seja um requisito. Ainda que Jesus e seus discípulos normalmente esperavam fé da pessoa por quem oravam, não é um requisito em todos os casos, especialmente nos mais severos.

Com freqüência, como no caso de Judy, existe um certo debilitamento do espírito, pela debilidade do corpo, que para a pessoa enferma pode ser muito difícil exercitar sua fé. Quando uma pessoa enfrenta a possibilidade de morrer, geralmente sente medo e fica confusa. Algumas vezes sua única opção é pedir ajuda.

A palavra "doente" se repete duas vezes no texto, como resultado da tradução de dois vocábulos diferentes em grego. O segundo se encontra na frase "*e a oração da fé curará o **doente**.*" A expressão grega aqui traduzida "doente" é **kamno**.

O *Dicionário Expositivo de Vine* expressa que o "comum acompanhamento da enfermidade: cansaço mental, o qual freqüentemente é obstáculo para a recuperação física e está relacionado de maneira íntima com toda a idéia da enfermidade" Esta mesma palavra se aplica em Hebreus 12:3, *para que vosso ânimo não se canse até desmaiar*.

Ao entender tudo isto se esclarece porquê as enfermidades sérias devem ser tratadas por presbíteros experimentados e não por novatos.

Os principais mestres do Movimento da fé insistem que esta é uma proposição de parte do enfermo. Sem importar quanta fé tenha o pastor, as dúvidas do enfermo neutralizam a do pastor. Ainda que isto pode ser certo em muitos casos, não o é em todos os casos.

Em Tiago 5, a gramática indica que a fé dos anciãos é a que conta, e não a do doente. "*Orem por ele, e a oração da fé salvará ao enfermo.*"

Mas, em que ficamos, quanto a premissa: "Se não há cura, isto é clara evidência de falta de fé"? Podemos perguntar: "a falta de fé de quem?" Se a fé requerida é a dos presbíteros, então culpem também aos evangelistas e pastores de falta de fé quando não há cura. Também culpe-os de pecado oculto e incredulidade. Mas duvido que esta sugestão se torne popular.

Uma premissa equilibrada

Já que as premissas da Palavra de fé são difíceis de manter à luz das Escrituras e da realidade, necessitamos algumas que sejam mais ajustadas a ambas. Intentemos com às seguintes:

1. É a vontade normal de Deus que as pessoas sejam curadas.
2. Quase sempre Deus espera que o enfermo tenha fé, porém Ele não está limitado a falta dela.
3. O quando e o como correspondem à soberania de Deus, não a do homem.
4. O uso de formas naturais de cura, como a medicina, não é algo inferior aos meios milagrosos, nem necessariamente uma prova de uma fé fraca.
5. Existem suficientes complexidades e exceções para julgar ao doente como espiritualmente inferior, baseando-se só nisto.

Estas são pautas que deixam suficiente espaço de ação, sem restringir a mão de Deus. Seguindo-as, o leitor pode experimentar nova liberdade e paz em seu ministério e em sua conduta com os doentes.

Neste capítulo aprendemos que...

- O ensino do Movimento de fé assume que Deus sempre cura aos que tem suficiente fé.
- Igualmente se assume que Jesus curou a todos os que se aproximaram dEle. Jesus continua sendo o mesmo, cura a todos os que vêm com fé a Ele. Esta suposição é falsa.
 - Jesus não curou sempre a todos que se aproximaram dEle (Lucas 5:15-16).
 - Jesus continua sendo o mesmo. No entanto, isto é irrelevante. Ainda que sua pessoa é a mesma, seus propósitos e ministério são diferentes. Sua missão na terra foi provar que era o Messias. Seu ministério atual, desde o céu, é a santificação do seu povo.
 - Até agora ninguém explicou adequadamente o espinho na carne de Paulo, em termos da suposição de que Deus sempre cura aos que tem fé.
 - Buscar os médicos e a medicina não é indicador de falta de fé.

CAPÍTULO 15: Fé racional

Imaginei que 20 anos de experiência no campo missionário faria de mim um homem invencível com grande fé e poder. Ainda que Deus tem ensinado-me muitas lições, todavia encontro áreas em que existe lutas de fé.

O ministério missionário tem certa maneira de inculcar a fé numa pessoa. Algumas vezes é a fé ou fracassar; a fé o cair. Às vezes as circunstâncias difíceis me têm transformado num estudante indisposto, e ocasionalmente tenho me sentido mais como um conscrito que como um voluntário.

Fico incomodado quando vejo que alguns pregadores declaram sua fé de maneira jactanciosa. Em conversas privadas com tais pessoas, tenho notado neles os mesmos temores e frustrações que nos atacam a todos nós.

Um evangelista compartilhou comigo sua dificuldade de confiar em Deus com respeito a suas finanças. Esta confissão humilde me abençoou e nos impulsionou a uma discussão de como nossas forças mútuas estão designadas para compensar as fraquezas dos demais. *"Confessai as vossas culpas uns aos outros..."* Tiago. 5:16.

A fé é uma virtude delicada. Muitos acostumam usar a palavra "fé" para descrever uma grande variedade de virtudes ou atitudes, sem entender o ensino bíblico sobre ela. Há várias falsificações da fé. Portanto é imprescindível identificar a diferença entre a fé e estas falsificações.

A fé está relacionada com planificação sábia

"A seguir, Jesus lhes perguntou: Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa? Nada, disseram eles. Então, lhes disse: Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma." Lucas 22:35-36.

Jesus expressa aqui dois tipos de fé, nas quais o crente pode caminhar. Primeiro, mandou aos discípulos a uma aventura de fé, sem dinheiro, sem mudar de roupa. Saíram e pregaram, guiados pelo Espírito. Deus fez milagres e proveu todas suas necessidades.

No entanto, quando regressaram, Jesus disse-lhes, "Agora, porém...". Por que tal mudança de instruções? Cristo estava ensinando-lhes que andar sem preparação ordinária, sob uma orientação especial de Deus, era um tipo de fé fora do comum. Mas a vida cristã ordinária é diferente. A vida de fé ordinária envolve uma planificação adequada sob a orientação do Espírito, com a confiança de que Deus fará funcionar bem Seus planos.

Às vezes, novos missionários caem nesta armadilha. Vão ao campo missionário sem uma ajuda econômica adequada, "confiando em Deus". Sempre chegam a ser pobres, sem sustento adequado. No entanto, Deus, pela sua misericórdia, supre suas necessidades por meio de milagres de provisão. Porém este tipo de situação não é o melhor para eles. Necessitam aprender que o processo de fé normal está envolvida com um bom planejamento debaixo da orientação do Espírito.

Alguns pensam no maná do deserto como o exemplo ideal da provisão milagrosa e da orientação divina. Porém os judeus estiveram no deserto por causa de sua incredulidade. Tal vida de deserto não era a vida de abundância que Deus queria para eles. O que aconteceu, pois, quando entraram na Terra Prometida? Terminou o maná! A provisão milagrosa se acabou. No lugar disso, eles semearam os campos, planejaram os dias de festas, e trabalharam como qualquer povo. Sua fé em Deus se manifestava pelo processo ordinário de semear e colher. Isto, não o deserto, é a vida de fé.

Conheço uma igreja em Tejas que decidiu construir uma nova Escola Dominical, supostamente "pela fé". Compraram materiais e começaram a cavar para fazer alicerce ao lado da Igreja, sem planta e sem dinheiro. Logo veio a polícia para perguntar, "Onde está a autorização civil para a construção?" Fim do projeto.

A fé é ativa

As pessoas de caráter passivos são suscetíveis a imaginar que seu temperamento passivo é uma manifestação de forte fé. Supõem que a fé é uma confiança aprazível a Deus, que não exige nenhuma atividade de sua parte. Tiago no capítulo 2 afirma que a fé, não acompanhada com obras, permanece estéril.

Algumas igrejas pregam pouco sobre Tiago capítulo 2 por temor a que alguém pudesse pensar que estão proclamando a salvação pelas obras.

Contudo, a afirmação de Tiago de que *"a fé sem obras é morta"* revela uma verdade essencial. Devemos distinguir entre a mera aprovação mental versus a fé ativa. Sem obras, a fé permanece estéril.

Observemos como Deus enviou água ao Rei Josafá em II Reis 3:16-17. Deus lhes fez cavar fossos primeiro. Não pôde Deus cavar Seus próprios fossos? Claro. Mas Deus quis que eles demonstrassem a realidade de sua fé.

A ordem correta dos eventos é importante. Primeiro, Deus lhes deu a promessa de que ia enviar-lhes água. Em seguida requereu uma manifestação prática de fé da parte deles. Uma vez cavados os fossos, Deus enviou águas.

A fé é superior a esperança

Até mesmo o inferno poderia ser tolerável se este tivesse esperança. Não minimizamos esta virtude importante. A esperança é uma certa expectativa de que algo bom poderia acontecer no futuro. A fé, no entanto, é uma ação num tempo presente. A fé pensa em uma promessa de Deus como um ato realizado legalmente.

As pessoas vivem freqüentemente na esperança, sem resultados, imaginando que elas estão exercitando a fé. Que trágico! Com um pouco de instrução em como acertar a vontade de Deus e confiar na promessa, a esperança poderia ser transformada numa fé produtiva.

Uma boa maneira para pôr a prova esta diferença é perguntar a uma pessoa, "O que Deus lhe há dito com respeito a isto?" O olhar atônito da pessoa revelará que ela tem uma esperança, não fé.

Às vezes notamos este mal entendimento nos enfermos que pedem oração para ser curados. Pedem com a esperança de receber melhoria, ainda que vivem em pecado, o lar cheio de ídolos, e com pouca intenção de entregar-se plenamente a Cristo. Logo, imaginam que a "fé" em Deus tem falhado. Não se dão conta que a fé custa muito mais que a esperança.

O que transforma a esperança em fé? Somente uma promessa de Deus pode fazê-la. Eu insisto que nossos convertidos reconheçam as promessas de Deus, as escrevam e as revisem periodicamente. Sem um entendimento das promessas de Deus, um Cristão não avança espiritualmente.

A vida de Abraão ilustra bem esta verdade. Abraão desejava um filho muito antes de que Deus lhe dera as promessas. Tinha a esperança de que algum dia Sara conceberia. Porém, quando veio a promessa, suas esperanças se transformaram em fé, porque tinha algo mais sólido em que se apoiar. Suas esperanças se transformaram numa fé sólida.

Tratar de ter fé sem uma promessa de Deus é frustrante. Isso não é fé, senão somente uma esperança. É a promessa que dá certeza à esperança e a transforma em fé. Assim diz em Hebreus 11:1 "*...a fé é a certeza de coisas que se esperam...*" O contexto do capítulo anterior confirma isto. Em Hebreus 10:36-39, o escritor exorta aos crentes que se sustentem nas promessas de Deus. Ao fazer isto, a esperança se transforma em fé, como no caso de Abraão.

É lícito usar a Palavra de Deus para obter promessas pessoais como essa? Claro! Se não abusar do significado original do texto; apoiando-se no princípio básico do texto, é aceitável. Quando acrescentamos interpretações imaginárias, ou aplicações pessoais fora do contexto, estamos abusando da Palavra de Deus.

A fé não é um assunto de personalidade ou de temperamento.

Alguns nascem com uma personalidade encantadora. Este dom abre-lhes portas e rende-lhes uma vida mais fácil. O que tem encanto anda num caminho com poucos obstáculos. Para nós, os que não temos tal dom, é uma luta mais forte. O encanto pode ser uma força maravilhosa se Deus o controla. Mas sob o domínio de motivações carnis, é desastroso. Isto é cem vezes verdade quando personalidades encantadoras sobem ao púlpito.

Quando os homens encantadores entram no ministério, eles usualmente desenvolvem um seguimento cego e leal. Tudo o que faz se vê como correto aos olhos dos seus seguidores. Cada erro é desculpado. São vistos como sábios e suas opiniões são aceitas. Desenvolvem um estilo cheio de retórica entretida. Por anos tenho tratado de descobrir como conseguem isto. Apesar de que poderíamos invejar a tais pessoas, podemos confortar-nos nisto: O encanto move pessoas, mas a fé move montanhas.

Semelhantes aos que têm encanto, existem pregadores que supõem que as opiniões fortes e as afirmações autoritárias são uma manifestação de fé.

Quando uma pessoa faz uma afirmação forte acerca da fé, pergunte a si mesmo se ela tem dados firmes equivalentes à força de suas afirmações.

As personalidades fortes normalmente estão muito seguras acerca do que é a vontade de Deus para outros a seu redor. Esta tendência às vezes pode empurrar pessoas em direções contrárias à vontade de Deus. Se permitimos que façam isto a nós, não estamos andando com fé, senão com intimidação. Tais pessoas são capazes de mesclar um pouco de vontade forte, salpicado de temperamento desenfreado, pulverizado com fervor, e logo põe a esta mescla a etiqueta de "fé". Na realidade, o que têm é um formulário para o desastre.

A fé é livre de presunção

A falsificação mais perigosa da fé é a presunção. Esta se assemelha à fé mais que a qualquer dos outros substitutos. Desde certa perspectiva, são quase indistinguíveis. A diferença está na vontade revelada de Deus.

Há alguns anos, se reportou que três diabéticos abandonaram sua insulina como um ato de "fé", e morreram rapidamente. Ousamos afirmar que lhes faltou a eles a fé? Se o arriscar a vida de uma pessoa não é um ato de fé, então, o que é? Fracassou a fé? Não, porque a fé não estava envolvida. Era a presunção. Deus não lhes disse que fizessem isso. Deus somente conta como fé o que concorda com sua vontade revelada.

A presunção pode ocorrer por atuar na base da experiência alheia, em lugar de ouvir de Deus por si mesmo. Também pode vir a confundir a diferença entre uma promessa divina, e a maneira em que se aplica em tua vida pessoal.

Os Israelitas aprenderam isto de uma maneira dura quando eles "*subiram presunçosamente à montanha*" para pelear contra seus inimigos (Deuterônimo 1:43). O Que estava mal com isso? Eles tinham pelejado antes com seus inimigos e tinham ganho. E por que não também desta vez? Certamente Deus entenderia as intenções dos seus corações e passaria por alto o ato de que Ele lhes disse que não o fizessem. Porém os Amonitas vieram "*e os caçaram como abelhas*" e os derrotaram. A única diferença real entre esse incidente e as batalhas prévias, era a vontade revelada de Deus. Sim, Deus quer que ganhemos nossas batalhas. Mas somente como e quando Ele diz.

Qual é, pois, uma boa definição de fé? A fé é uma dependência ativa no poder de Deus para realizar sua vontade revelada. A fé, então, contém três elementos:

1. Está baseada nas promessas de Deus.
2. É ativa, não passiva.
3. É dependente, não presunçosa.

Se qualquer um destes três elementos falta, não é realmente a fé, senão somente uma falsificação improdutiva.

A fé está vinculada com tudo o que somos. Ela obra pelo amor, se move com paciência, e anda com humildade.

Neste capítulo aprendemos que...

- A fé é objeto de muitas falsificações.
- A fé e a planificação trabalham em harmonia.
- A fé é humilde, não presunçosa.

APÊNDICE A: Quadro comparativo

TEMA	ENSINO DE PALAVRA DE FÉ	A BIBLIA DIZ
Deus	Humanóide. Alguns sustentam que É humano. Outros dizem que é COMO humano. Todos afirmam que tem algum tipo de forma humana.	Deus é incorpóreo e infinito.
Homem	Um pequeno deus. Criado como igual a Deus. Imagem de Deus significa uma cópia de Deus.	Um ser criado, para sempre dependente de Deus. Imagem, não cópia. Sua consciência moral e vontade são comuns com Deus.
Fé	Uma força mística, substância ou lei da qual depende tanto Deus como o homem.	Só a confiança em Deus.
Queda de Adão	O homem perdeu sua divindade na queda, a recupera por meio da regeneração.	O homem perdeu sua comunhão com Deus. Nunca possuiu nem possuirá divindade.
Expição	O sangue de Cristo foi insuficiente para a expiação do pecado. Cristo teria que morrer espiritualmente, se fez pecador e perdeu sua Deidade, a qual lhe foi restaurada quando nasceu de novo no inferno.	A morte de Cristo na cruz é totalmente suficiente para a expiação de pecados.

Confissão	As palavras possuem um poder místico que muda a realidade por meio de declarações ou confissões positivas.	O termo "confissão," na Escritura, significa declarar a verdade sobre algo ou admitir a culpa.
Cura	A vontade de Deus é a cura pela fé. Em conseqüência somos curados pela nossa declaração positiva. A enfermidade é uma prova de falta de fé. Os sintomas são mentiras do diabo.	Deus cura pela fé, ainda que não sempre. A enfermidade não é uma prova de falta de fé. A Escritura nunca exige a negação dos sintomas.
Criação	Deus criou por meio de uma força-substância chamada fé, em combinação com sua palavra.	Deus criou <i>ex niilo</i> , do nada, usando seu poder, dependendo só de Si mesmo.
A terra	Dada por Deus ao homem e perdida por Deus na queda de Adão. Deus a está recuperando com a cooperação do homem.	Deus é o dono para sempre. O homem habita a terra, mas Deus é seu dono. Deus não perdeu nada na queda de Adão. O homem é o único perdedor.

APÊNDICE B: 2 Pedro 1:3-4

Ocasionalmente escuto alguns proponentes do Movimento da fé referir-se a este texto como base de seu pensamento de que "somos deuses."

Interpretam a frase "*participantes da natureza divina*" como que significara que temos a mesma essência divina de Deus e que, portanto, somos seres divinos. Esta interpretação confunde a natureza de Deus com sua essência.

A palavra *essência* é um termo que os teólogos descrevem algo espiritual que existe, mas não possui substância material. Às vezes usamos a palavra *ser* com esse mesmo fim.

A palavra grega *fusis*, natureza, se menciona 14 vezes no Novo Testamento. Significa *caráter* quando se refere à pessoas, como em Efésios 2:3: "éramos por natureza filhos da ira". Isso significa que nosso caráter merece a ira de Deus, não que sejamos participantes duma substância chamada "ira."

O contexto menciona o poder de Deus. Seu divino poder nos deu tudo quanto necessitamos para a vida e a piedade... Participar de sua natureza divina significa que somos objetos de seu poder santificador. Podemos viver piedosamente graças ao poder que se manifesta em nossa vida, não porque compartimos alguma "essência" do seu Ser.

Acaso obtemos o que necessitamos para uma vida piedosa através duma essência divina mutua? NÃO. É... *por meio do conhecimento dAquele que nos chamou...* A chave é conhecer a Deus.

O ponto central do contexto é o desenvolvimento do nosso caráter. Pedro não dá nenhuma indicação de que cria que somos pequenos deuses. A *natureza* a que se refere é uma semelhança no caráter. *Por isto mesmo acrescenta a vossa fé, virtude; e a virtude, conhecimento* (v. 5).

Conclusão: Ser participantes da sua natureza divina significa que participamos de seu divino poder e que, por meio do conhecimento de Deus, cresceremos em virtude.

APÊNDICE C

150 versículos que os seguidores da Palavra de fé não gostam de escutar

Prosperidade

"Se caminhas na Palavra de Deus, prosperarás e gozarás de saúde," afirma K. Copeland na sua obra *Leyes de la prosperidad* (pág. 17). (Leis da Prosperidade) "Dás um dólar a favor do evangelho e receberás cem," declara G. Copeland, autora de *La voluntad de Dios es la prosperidad* (p. 54).

Porém... a Bíblia diz:

Contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho. Aparta-te dos tais. Mas é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. (1 Timoteo 6:5-8; RC).

Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece (Filipenses 4:11-1; RC).

Até esta presente hora, sofremos fome e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa, (1 Corintios 4:11; RC).

E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro... (Atos 3:6).

Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos a fio de espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados, homens dos quais o mundo não era digno,... (Hebreos 11:37, 38; RC).

Ouvi, meus amados irmãos. Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?

Mas vós desonrastes o pobre. Porventura, não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais? (Tiago 2:5, 6; RC).

...aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável.(Hebreus 10:34;RC).

Mas não digo isso para que os outros tenham alívio, e vós, opressão; mas para igualdade; neste tempo presente, a vossa abundância supra a falta dos outros, para que também a sua abundância supra a vossa falta, e haja igualdade,(2 Corintios 8:13, 14;RC).

Porque pareceu bem à Macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém.(Romanos 15:26).

Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico),... (Apocalipsis 2:9;RC).

Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.(Apocalipsis 3:16-17;RC).

Confissão positiva

Kenneth Copeland, na sua obra *El poder de la lengua (O poder da língua)* (pág. 19) afirma: "Todo o curso natural e circunstancial que rodeia ao ser humano é controlado por sua própria língua."

Porém a Bíblia diz:

Até esta presente hora, sofreremos fome e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa, (1 Corintios 4:11).

Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando estou fraco, então, sou forte.(2 Corintios 12:10).

Confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis; a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos.(Tiago 5:16).

Pelo que bem quisemos, uma e outra vez, ir ter convosco, pelo menos eu, Paulo, mas Satanás no-lo impediu .(1 Tesalonicenses 2:18).

Antes, como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo: na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns,(2 Corintios 6:4-5).

Como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo e possuindo tudo. (2 Corintios 6:10).

A soberania de Deus

K. Hagin declara: "Deus não governa este mundo", em *El arte de la intercesión* (A arte da intercessão) capítulo 1. E numa intervenção em Trinity Broadcasting Network (em 12 de novembro de 1985) acrescentou: "Sabem quem é o maior fracassado da Bíblia? O maior fracassado da Bíblia é Deus."

Deus controla toda sua criação?

E riquezas e glória vêm de diante de ti, e tu dominas sobre tudo, e na tua mão há força e poder; e na tua mão está o engrandecer e dar força a tudo (1 Crônicas 29:12).

Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido. (Jó 42:2).

Porque o SENHOR Altíssimo é tremendo e Rei grande sobre toda a terra. (Salmos 47:2).

Mas o nosso Deus está nos céus e faz tudo o que lhe apraz. (Salmos 115:3).

Tudo o que o SENHOR quis, ele o fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos... (Salmos 135:6).

Ele muda os tempos e as horas;... (Daniel 2:21).

Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas essas coisas. (Isaías 45:7).

...o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade;(Isaías 46:10).

...segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas.(Filipenses 3:21).

Deus controla a humanidade?

Ainda antes que houvesse dia, eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; operando eu, quem impedirá? (Isaías 43:13).

Ai daquele que contende com o seu Criador, caco entre outros cacos de barro! Porventura, dirá o barro ao que o formou: Que fazes? Ou a tua obra: Não tens mãos? (Isaías 45:9).

Ele...remove os reis e estabelece os reis; ele dá sabedoria aos sábios e ciência aos inteligentes.(Daniel 2:21).

...a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens; e os dá a quem quer e até ao mais baixo dos homens constitui sobre eles.(Daniel 4:17).

E todos os moradores da terra são reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão e lhe diga: Que fazes? (Daniel 4:35).

E de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação, (Atos 17:26).

Por isso, não podiam crer, pelo que Isaías disse outra vez: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure. (João 12:39, 40).

Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece. Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Logo, pois, compadece-se de quem quer e endurece a quem quer. Dir-me-ás, então: Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade? Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura, a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? (Romanos 9:16-20).

[das dez nações rebeldes] Porque Deus tem posto em seu coração que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus. (Apocalipse 17:17).

Deus é limitado pelos desejos e pensamentos dos humanos?

Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do SENHOR; a tudo quanto quer o inclina. (Provérbios 21:1).

...porque o SENHOR os tinha alegrado e tinha mudado o coração do rei da Assíria a favor deles, para lhes fortalecer as mãos na obra da Casa de Deus, o Deus de Israel. (Esdras 6:22).

E o SENHOR deu graça ao povo em os olhos dos egípcios, e estes emprestavam-lhes, e eles despojavam os egípcios. (Êxodo 12:36).

E eis que endurecerei o coração dos egípcios para que entrem nele atrás deles; e eu serei glorificado em Faraó, e em todo o seu exército, e nos seus carros, e nos cavaleiros, (Êxodo 14:17).

... porque o SENHOR os queria matar. (1 Samuel 2:25).

Essas palavras disse Jesus no lugar do tesouro, ensinando no templo, e ninguém o prendeu, porque ainda não era chegada a sua hora.(João 8:20).

Arca Deus com a responsabilidade das coisas más também?

Kenneth Hagin assinala em *Clave de la Sanidad Bíblica* (Chave da cura bíblica) (pág. 20): "Deus nunca enfermou ninguém." E Savelle, em *Si Satanás no puede quitarte el gozo* (*Se Satanás não pode tirar-te a alegria*) (pág. 86) acrescenta: "Não foi Deus quem fez estas coisas a Jó. Foi Jó mesmo que envolveu-se em problemas por causa da sua língua grande."

E disse-lhe o SENHOR: Quem fez a boca do homem? Ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR? (Êxodo 4:11).

*E disse o SENHOR a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero e reto, temente a Deus, desviando-se do mal, e que ainda retém a sua sinceridade, havendo-me tu incitado contra ele, **para o consumir sem causa?** (Jó 2:3).*

Então, vieram a ele todos os seus irmãos e todas as suas irmãs e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele pão em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado;... (Jó 42:11).

Tocar-se-á a buzina na cidade, e o povo não estremecerá? Sucederá qualquer mal à cidade, e o SENHOR não o terá feito? (Amós 3:6).

A heresia de que Jesus morreu espiritualmente

Esta doutrina sustentada por todos os líderes da Palavra da fé afirma que a expiação corporal da cruz foi insuficiente para todo o pecado. Jesus também morreu em seu Espírito, deixou de ser Deus, fez-se pecador na cruz e desceu ao inferno onde sofreu por seu pecado como um homem condenado, por três dias, logo depois destes dias nasceu de novo pelo Espírito. Além disso, dizem, derrotou a Satanás numa batalha e finalmente ressuscitou. Estas doutrinas se ensinam na série de áudio *Lo que sucedió*

entre la cruz y el trono,(O que aconteceu entre a cruz e o trono) de K. Copeland.

Suficiência do sangue (i.e. Jesus não sofreu pelos pecados no inferno porque seu sangue comprou a completa redenção. Não se derramou sangue no inferno).

Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados.(Mateus 26:28).

Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.(Atos 20:28).

ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue,... (Romanos 3:25).

Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.(Romanos 5:9).

Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça,(Efésios 1:7).

Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto.(Efésios 2:13).

em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados;(Colossenses 1:14).

*E que, havendo por ele feito a paz **pelo sangue da sua cruz**, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus. A vós também, que noutra tempo éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora, contudo, vos reconciliou **no corpo da sua carne**, pela morte,... (Colossenses 1:20-23).*

nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. (Hebreus 9:12).

Por isso, foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta.(Hebreus 13:12).

Ora, o Deus de paz, que pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande Pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade,...(Hebreus 13:20-21).

eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas.(1 Pedro 1:2).

...não foi com coisas corruptíveis,...mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado,(1Pedro 1:18-19).

... e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado.(1 João 1:7).

...Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados,(Apocalipse 1:5).

...e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação;(Apocalipse 5:9).

Cristo tornou-se pecador na cruz, tomando uma natureza pecaminosa e foi entregue a Satanás?

E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem... (Lucas 23:34).

[Nota: Para nada serve as palavras de um pecador.]

... Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito...(Lucas 23:46).

Ora, antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai,... (João 13:1).

E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.(Lucas 23:43).

O sacrifício de Cristo foi corporal ou espiritual?

*...Isto é o meu **corpo**, que por vós é dado...(Lucas 22:19).*

*A vós também, que noutro tempo éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora, contudo, vos reconciliou no **corpo da sua carne**, pela morte... (Colossenses 1:21-22).*

na sua carne, desfez a inimizade,...(Efésios 2:15).

*...Sacrifício e oferta não quiseste, mas **corpo** me preparaste;
(Hebreus 10:5).*

*Na qual vontade temos sido santificados pela oblação **do corpo** de Jesus Cristo, feita uma vez.(Hebreus 10:10).*

*Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, **na carne**, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão,(1 Pedro 3:18-19).*

E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito..

[**Nota:** Esta frase "está consumado" corresponde à palavra grega *tetelestai*, uma fórmula usada para a assinatura de recibos, e que significa "pago em sua totalidade" ou "cancelado." Então, Jesus declarou que conseguiu a completa redenção na cruz (João 19:30).]

Não travou-se nenhuma batalha no inferno porque...

Então, o SENHOR disse a Satanás: De onde vens? E Satanás respondeu ao SENHOR e disse: De rodear a terra e passear por ela.(Jó 1:7),

...segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência;. (Efésios 2:2) [A vitória sobre Satanás foi ganha na cruz, não no inferno.]

havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós,

cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo.[Na cruz, não no inferno] (Colossenses 2:14-15).

A heresia da nova criação

(Que os cristãos tenham espíritos humanos perfeitos que não podem pecar, nos quais encontramos nosso guia e por meio dos quais controlamos nosso destino por via da confissão positiva.)

Porém a Bíblia diz:

Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.(2 Coríntios 7:1).

...e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.(1 Tessalonicenses 5:23).

Eu sei, ó SENHOR, que não é do homem o seu caminho, nem do homem que caminha, o dirigir os seus passos.(Jeremias 10:23).

Aguardo o SENHOR; a minha alma o aguarda, e espero na sua palavra.(Salmos 130:5).

A fé é um dom de Deus, não é gerada por nosso próprio espírito.

Kenneth Hagin, em seu folheto "Tenha fé em sua fé," afirma: "Nos ajudaria ter a fé bem adentro de nosso espírito e dizer em voz alta: 'Fé em minha fé.' "

Porém a Bíblia diz:

...aproveitou muito aos que pela graça criam.(Atos 18:27).

...conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um.(Romanos 12:3).

*Porque a vós vos foi **concedido**, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele,(Filipenses 1:29).*

olhando para Jesus, autor e consumidor da fé...(Hebreus 12:2).

Morrer segundo a Bíblia (não por doença)

E Eliseu estava doente da sua doença de que morreu...(2 Reis 13:14).

BIBLIOGRAFIA

[**Nota:** Os títulos dos livros citados nesta bibliografia foram traduzidos do inglês para português para facilidade do leitor. Isto não indica necessariamente que a tradução dos livros foram efetivadas. Se não menciona o título em inglês é porque o livro existe em português. Uma vez mencionada a tradução, as seguintes menções se fazem no idioma original. Mesmo assim os títulos das fitas aparecem em português].

Alsobrook, David, *Was the Cross Enough?* [Foi suficiente a cruz?], Sovereign World Ltd., 1979.

Capps, Charles, *Success Motivation* [Motivação para o êxito], Harrison House, Tulsa, OK, 1982.

Capps, Charles, *The Tongue as a Creative Force* [A língua, uma força criativa], Harrison House, 1977.

Cerullo, Morris, *A Guide to Total Healing and Prosperity* [Um guia para a saúde e a prosperidade total], Gospel Light Publications, Ventura, CA, 1980.

Cho, Paul, *A quarta dimensão*, Miami Vida, 1989.

Copeland, Kenneth, Serie de cassetes, *What Happened Between the Cross and the Throne* [O Que aconteceu entre a cruz e o trono], fita # 00-0303, 1979.

Copeland, Kenneth, *The Power of the Tongue* [O poder da lingua], Copeland Publications, Tulsa, OK, 1996.

Copeland, Gloria, *Prosperity Is the Will of God* [A prosperidade é a vontade Deus], Harrison House, Tulsa, OK, 1982.

Copeland, Kenneth, *The Laws of Prosperity* [As Leis da prosperidade], Copeland Publications, 1974.

Hagin, Kenneth, *The key to Divine Healing* [A chave da cura divina], Faith Library Publications, Tulsa, OK, 1980.

Hagin, Kenneth, *A Palavra da fé*, Faith Library Publications, Tulsa, OK, 1980.

International Commentary on the New Testament, 2 Coríntios, Eerdman's, 1991.

Kenyon, E.W., *Blood Covenant* [Pacto de sangue], Kenyon Publishers, 1981.

Matta, Judit, *The Christian Answer to the Gnostic Charismatic Heresies* [La resposta cristã às heresias gnósticas carismáticas], Spirit of Truth Ministries, Los Osos, 1999.

Meyer's Comentário do Novo Testamento, Kregel Publications, Grand Rapids, MI, 1978.

Paulk, Earl, *Satan Unmasked* [Satanás desmascarado], Cathedral Shop Publishers, 1984.

Savelle, Jerry, *Living in Divine Prosperity* [Vivendo em prosperidade divina], Harrison House, Tulsa, OK, 1994.

Savelle, Jerry, *Prosperity of the Soul* [Prosperidade da alma], Harrison House, Tulsa, OK, 1979.

Savelle, Jerry, *If Satan Cannot Steal Your Joy...* [Se Satanás não pode tirar tua alegria...], Harrison House, Tulsa, OK, 1983.